



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: CULTURA, EDUCAÇÃO E**  
**LINGUAGENS**

**DIOGO ROCHA LIMA**

**UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DE VERBALIZAÇÕES DE PROPÍCIOS E**  
**DESAFIOS ENFRENTADOS POR PÓS-GRADUANDOS E SUAS**  
**REVERBERAÇÕES DURANTE O CURSO DE MESTRADO**

**Vitória da Conquista/BA**

**2023**

**DIOGO ROCHA LIMA**

**UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DE VERBALIZAÇÕES DE PROPÍCIOS E  
DESAFIOS ENFRENTADOS POR PÓS-GRADUANDOS E SUAS  
REVERBERAÇÕES DURANTE O CURSO DE MESTRADO**

Dissertação apresentada ao Programada de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Fernanda de Castro Modl

**Vitória da Conquista/BA**

**2023**

L698u Lima, Diogo Rocha.

Uma investigação acerca de verbalizações de propícios e desafios enfrentados por pós graduandos e suas reverberações durante o curso de mestrado. / Diogo Rocha Lima, 2023.

93f.

Orientador (a): Dr<sup>a</sup>. Fernanda de Castro Modl.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste Bahia, Programa de Pós-graduação em Letras: cultura, educação e linguagens – PPGCEL, Vitória da Conquista, 2023.

Inclui referências: f. 89 – 92.

1. Mestrado - Vulnerabilidades. 2. Paressía. 3. Coletivo de Trabalho. I. Modl, Fernanda de Castro. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós -Graduação em Letras: cultura, educação e linguagens- PPGCEL. III. T.

CDD: 378

*Catálogo na fonte:* Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890

UESB – Campus Vitória da Conquista - BA

Dissertação defendida e aprovada publicamente no Programa de Pós-Graduação em Letras:  
Cultura, Educação e Linguagens e avaliada pela seguinte Comissão Examinadora:

*Fernanda de Castro Modl.*

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Fernanda de Castro Modl – Orientadora  
(UESB)

*Diógenes*

---

Prof. Dr. Diógenes Cândido de Lima  
(UESB)

*JM*

---

Prof. Dr. José Marcos Ernesto Santana de França  
(URCA)

Vitória da Conquista/BA, 31 de agosto de 2023.

*À minha família.*

## AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço a Deus por me proporcionar força, resistência e sabedoria nesta jornada de dois anos e meio de pesquisa no interior do mestrado.

À minha família, que me apoiou durante todo o meu percurso acadêmico, vibrando positivamente pelas minhas conquistas e acalentando-me nos momentos de incertezas e desilusões, sendo estes importantes interlocutores na minha construção identitária e ética.

À minha orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Fernanda de Castro Modl, por me acompanhar nessa jornada tão cara para mim, exercendo mais do que sua função como orientadora, o que já não é pouco, diga-se de passagem, mas também por vezes ter se posicionado em minha defesa, acreditando em mim quando eu não mais acreditava, exortando quando necessário e incentivando-me desde o início da minha pesquisa. Certamente, sem suas contribuições, a pesquisa não teria sido possível.

Aos membros da banca: Prof. Dr. Diógenes Cândido e José Marcos Ernesto Santana de França, agradeço, profundamente, pelas pertinentes e caras contribuições que proporcionaram importantes deslocamentos e atualizações em meu trabalho, conduzindo a reenquadres da e para o tratamento da temática.

Aos professores do PPGCEL que compartilharam de sua sabedoria e conhecimento, contribuindo para nosso crescimento pessoal, profissional e acadêmico, sendo parte também integrante dos trabalhos por nós construídos durante o mestrado.

Aos sujeitos participantes da pesquisa, por verbalizarem sobre temáticas intimistas, possibilitando refletirmos localmente sobre o trabalho do mestrando(a) nos programas de pós-graduação do Brasil.

Ao meu coletivo de trabalho de pesquisa (pares mestrando(a)s do PPGCEL) Cris, Dua, Monalisa, Evanilde e Vilmar Rocha, do qual sou devedor de escutas alteritárias, interlocuções incentivadoras e partilhas de experiências que serviram para o meu crescimento profissional, pessoal e acadêmico, sendo, para mim, por vezes, bálsamos em momentos de vulnerabilidades psicológicas, mas também parte integrante desta minha conquista.

Aos meus amigos que estão sempre ao meu lado desejando-me força superar, desafios e saúde para vivenciar minhas vitórias.

## RESUMO

O estudo apresenta como temática indícios de verbalizações de vulnerabilidades psicológicas em um grupo de pós-graduandos . Busca, então, analisar verbalizações de experiências (inter)personais no âmbito do PPGCEL, vozeadas por um grupo de mestrando(a)s, a partir do que elas informam axiologicamente como parte do processo de se cursar um mestrado. Para tal, valemo-nos de dois instrumentos: o questionário e a roda de conversa. Amparamo-nos na Linguística Aplicada, na Linguística Aplicada Crítica e Pesquisa Qualitativa (MOITA LOPES, 2009; MINAYO, 2012; FLICK, 2004), pelo teor transdisciplinar e de compreensão de agenciamentos da linguagem e subjetividades em seus enquadres, além da Análise do Discurso Francesa (FOUCAULT, 2006; 2008). A teorização se alicerça, principalmente, em Jacques, (2003), Molon Si (2011); Orlandi (2007) e Clot (2010). Os nossos achados revelam posições-sujeito que verbalizam a ansiedade como principal vivência de vulnerabilidade psicológica e que os propícios são mais evidentes, nos dizeres dos sujeitos, do que os seus desafios no curso de mestrado.

**Palavras-chave:** Mestrado; Vulnerabilidades; Paressía; Coletivo de Trabalho.

## ABSTRACT

The study presents evidence of verbalizations of psychological vulnerabilities in a group of graduate students in two different chronotopes as a theme. It seeks, then, to analyze verbalizations of (inter)personal experiences within the scope of the PPGCEL, voiced by a group of master's students, based on what they inform axiologically as part of the process of studying a master's degree. For this, we used two instruments: the questionnaire and the conversation wheel. We rely on Applied Linguistics and Critical Applied Linguistics (MOITA LOPES, 2009; MINAYO, 2012; FLICK, 2004), due to its transdisciplinary content and understanding of language agency and subjectivity of subjects, in addition to French Discourse Analysis (FOUCAULT, 2006; 2008). The theory is based mainly on Jacques (2003), Molon Si (2011); Orlandi (2007) and Clot (2010). Our findings reveal subject-positions that verbalize anxiety as the main experience of psychological vulnerability and that the propitious ones are more evident than the challenges of a master's course.

**Keywords:** Psychological vulnerability; paresis; Self-care; collective work



## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Apresentação do questionário .....	47
<b>Quadro 2:</b> Excerto do TCLE no questionário .....	47
<b>Quadro 3:</b> Objetivos delineados com as (sub)perguntas do questionário .....	47
<b>Quadro 4:</b> Objetivos delineados com a temáticas direcionadoras da roda de conversa.....	50
<b>Quadro 5:</b> Amostra.....	54
<b>Quadro 6:</b> Identidade dos sujeitos da pesquisa .....	54
<b>Quadro 7:</b> Sequência de identidade dos sujeitos da pesquisa .....	55
<b>Quadro 8:</b> Questões identitárias dos sujeitos da pesquisa.....	55
<b>Quadro 9:</b> Formação Acadêmica da Amostra .....	56
<b>Quadro 10:</b> Participação da amostra em grupos de pesquisa durante a graduação.....	57
<b>Quadro 11:</b> Relação prévia entre orientador(a) e orientando(a) .....	58
<b>Quadro 12:</b> Etapa do curso.....	59
<b>Quadro 13:</b> Incentivo à pesquisa.....	60
<b>Quadro 14:</b> Labor extra curso de pós graduação.....	60
<b>Quadro 15:</b> Dificuldades do mestrando em discursivizar .....	63
<b>Quadro 16:</b> Etapas.....	66
<b>Quadro 17:</b> Cobranças.....	68
<b>Quadro 18:</b> Códigos das etapas do Quadro 19.....	70
<b>Quadro 19:</b> Ranqueamento geral .....	71
<b>Quadro 20:</b> Ranqueamento da média por etapa do curso .....	71
<b>Quadro 21:</b> Sujeitos eleitos para a roda de conversa .....	72
<b>Quadro 22:</b> Transcrição 1 da roda de conversa.....	72
<b>Quadro 23:</b> Temática direcionadora 1.....	73
<b>Quadro 24:</b> Transcrição 2 da roda de conversa.....	73
<b>Quadro 25:</b> Transcrição 3 da roda de conversa.....	74
<b>Quadro 26:</b> Temática direcionadora 2.....	75
<b>Quadro 27:</b> Transcrição 4 da roda de conversa.....	75
<b>Quadro 28:</b> Transcrição 5 da roda de conversa.....	75
<b>Quadro 29:</b> Transcrição 6 da roda de conversa.....	76
<b>Quadro 30:</b> Temática direcionadora 3.....	77
<b>Quadro 31:</b> Transcrição 7 da roda de conversa.....	77

<b>Quadro 32:</b> Transcrição 8 da roda de conversa.....	77
<b>Quadro 33:</b> Transcrição 9 da roda de conversa.....	78
<b>Quadro 34:</b> Temática direcionadora 4.....	78
<b>Quadro 35:</b> Transcrição 10 da roda de conversa.....	78
<b>Quadro 36:</b> Transcrição 11 da roda de conversa.....	79
<b>Quadro 37:</b> Transcrição 12 da roda de conversa.....	79
<b>Quadro 38:</b> Temática direcionadora 5.....	80
<b>Quadro 39:</b> Transcrição 13 da roda de conversa.....	80
<b>Quadro 40:</b> Transcrição 14 da roda de conversa.....	81
<b>Quadro 41:</b> Triangulação 1 .....	82
<b>Quadro 42:</b> Triangulação 2 .....	82
<b>Quadro 43:</b> Triangulação 3 .....	83
<b>Quadro 44:</b> Triangulação 4 .....	84

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ADF: Análise do Discurso Francesa.

LA: Linguística Aplicada.

LAC: Linguística Aplicada Crítica.

PPGCEL: Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens.

UESB: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1: OS VÁRIOS “EUS” DO SUJEITO PESQUISADOR E(M) VARIÁVEIS NA, DA E PARA A ATIVIDADE LABORAL DE PESQUISA E SUA TEXTUALIZAÇÃO.....</b>	<b>18</b>
1.1. Conceção de sujeito: contribuições da ADF para o <i>corpus</i> da pesquisa .....	19
1.2. O capitalismo e o sujeito pesquisador: a busca por metas como possível fator potencializador de vulnerabilidades .....	20
1.3. Vulnerabilidades psicológicas e o processo de pesquisa acadêmica.....	25
1.4. Metaescrita, metaconsciência e metacognição e(m) trabalho do pesquisador .....	28
1.5. Parresía: a coragem para falar a verdade sobre si como ponto de partida para o autoconhecimento e o autocuidado.....	30
1.6. O autocuidado e o autoconhecimento como premissas para um saudável exercício de pesquisa .....	33
1.7. Minhas vivências como pós-graduando do PPGCEL e(m) motivações e atravessamentos da temática da pesquisa .....	35
<b>CAPÍTULO 2: O CAMINHAR METODOLÓGICO .....</b>	<b>38</b>
2.1. Compreendendo a pesquisa qualitativa como um campo metodológico maleável .....	38
2.2. A Linguística Aplicada e a Linguística Aplicada Crítica na/para a construção da dissertação .....	40
2.3. A Ética como elemento fundamental do fazer pesquisa.....	41
2.4. O campo da pesquisa .....	43
2.5. Instrumentos da pesquisa.....	45
2.5.1. O questionário .....	45
2.5.2. Roda de conversa.....	49
2.5.3. Gravação audiovisual da roda de conversa.....	51
2.5.4. Triangulação dos dados .....	52
2.6. Os colaboradores da pesquisa.....	52

2.6.1. População e amostra .....	53
2.6.2. Perfil da amostra.....	53
<b>CAPÍTULO 3: ANÁLISE DISCURSIVA DOS DADOS.....</b>	<b>62</b>
3.1. Voltando o nosso olhar para o questionário .....	62
3.1.1. Instrumento 1 pergunta 9 – dificuldades em discursivizar .....	63
3.1.2. Instrumento 1 Pergunta 10 – Etapas .....	65
3.1.3. Instrumento 1 Pergunta 11 – Cobranças.....	68
3.1.4. Instrumento 1 Pergunta 12 – <i>Ranking</i> .....	70
3.2. (Re)entrando na roda de conversa .....	72
3.2.1. Temática direcionadora 1 .....	73
3.2.2. Temática direcionadora 2 .....	75
3.2.3. Temática direcionadora 3 .....	76
3.2.4. Temática direcionadora 4 .....	78
3.2.5. Temática direcionadora 5 .....	80
3.3. Triangulação dos dados .....	81
3.3.1. Triangulação 1: o mestrado como um sonho.....	82
3.3.2. Triangulação 2: o isolamento social .....	82
3.3.3. Triangulação 3: a ansiedade como vulnerabilidade psicológica .....	83
3.3.4. Triangulação 4: o autocuidado como instrumento do olhar para si.....	83
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>86</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>89</b>
<b>APÊNDICE 1 – TCLE .....</b>	<b>93</b>

## INTRODUÇÃO

Levantamentos realizados por Costa e Nebel (2018), no interior dos programas de pós-graduação do país, antes mesmo da Pandemia da Covid 19, já apontavam para um aumento do adoecimento de estudantes da pós-graduação *scripto sensu*.

Fatores como a grande carga de trabalho, desvalorização do labor do pesquisador por políticas governamentais e a cultura da individualização do trabalho de pesquisa foram algumas das variáveis mapeadas para explicar uma maior tendência de pós-graduandos para o adoecimento mental. Nas palavras de Costa e Nebel (2018, p. 2):

Há uma série de estudos realizados em diversas partes do mundo, os quais evidenciam que as taxas de doenças mentais como depressão, ansiedade, crise de pânico, distúrbios do sono, além do risco de suicídio, são muito maiores entre estudantes matriculados em cursos de graduação, e principalmente de pós-graduação, do que no restante da população.

Nessa direção, escolhemos realizar um estudo local voltado à análise de verbalizações de um grupo de mestrando(a)s das Turmas de 2020, 2021 e 2022 do programa a que integramos, o Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, doravante PPGCEL, entendendo que um trabalho qualitativo como esse pode figurar um registro histórico importante.

Isso porque as vivências dos colaboradores da pesquisa, textualizadas em dizeres, que integram o *campus*, no interior do PPGCEL estão crivadas por dois cronotopos, historicamente, reveladores:

Isso porque as vivências dos colaboradores da pesquisa, textualizadas em dizeres, que integram o *campus*, no interior do PPGCEL estão crivadas por dois cronotopos, historicamente, reveladores:

- i) o da Pandemia. Os dois anos do curso de mestrado para a Turma 2021 foram vivenciados quase que exclusivamente no ensino remoto. Já para a Turma 2022, metade desse tempo foi vivenciado em interações on-line;
- e
- ii) o pós-pandêmico em que se retorna<sup>1</sup> ao espaço físico acadêmico do *campus* e no qual acolhemos mudanças significativas nos modos de vivermos a universidade como as sessões de qualificação e pública de defesa na modalidade remota.

---

<sup>1</sup> Para vários colaboradores da pesquisa foi o primeiro contato com o *campus* já que os processos seletivos 2021 e 2022 do PPGCEL ocorreram exclusivamente on-line, assim como a 1ª matrícula, as subseqüentes semestrais, bem como as atividades de ensino, pesquisa e extensão.

O que estamos procurando dizer é que muito embora não nos centralizemos na Pandemia e Pós-Pandemia como variável nuclear da análise, esses recortes cronotópicos oferecem-nos, por si só, enquadres para pensarmos relações como Linguagem, Pandemia e verbalizações de experiências em um curso de pós-graduação.

O mestrando(a) iniciou a pesquisa muito focado em mapear, nos dizeres de colegas, patologias psíquicas que pudessem ter surgido ou terem sido potencializadas nos mestrando(a)s colegas-colaboradores da pesquisa desde o ingresso no PPGCEL. Esse foco acabou resultando em uma hipótese de trabalho, o que é visto com ressalvas no campo da Linguística Aplicada, doravante LA, e nos estudos qualitativos, a partir de todos os alertas da professora-orientadora. Essa era a tônica do trabalho até o exame de qualificação.

O trabalho com os dados, no entanto, levou-nos a um refinamento da percepção de que mais do que perseguir o mapeamento de vulnerabilidades interessava-nos, a partir de uma escuta alteritária<sup>2</sup> responder às seguintes perguntas de pesquisa: Os sujeitos verbalizam mais propícios ou desafios em seus percursos formativos no mestrado? Que vulnerabilidades se deixam aí mapear?

Para além das vulnerabilidades psicológicas que puderam ser verbalizadas, procuramos calibrar o nosso olhar para os movimentos de autocuidado, o que pode ser propício para minimizar os efeitos das vulnerabilidades psicológicas, necessário ao sujeito para que o caminho dentro do mestrado seja o mais significativo para o(a) mestrando(a)(a), tendo em vista que, para muitos, o curso se figura em materialização de um sonho realizado.

O nosso trabalho é um revozeamento de autores que alicerçam os nossos escritos: Relações de Poder (JACQUES, 2003; FOUCAULT, 2008; MOLON SI, 2011); Saúde Mental (GAMA; CAMPOS; FERRER, 2008); Posições-Sujeito (FOUCAULT, 2008); Construção Identitária (ORLANDI, 2007; MILANEZ, 2013; INDURSKY, 2013); Estruturas Ideológicas (ALTHUSSER, 1970; HALL, 2006); Capitalismo e Sujeito Pesquisador (FARO, 2013; PINZÓN, 2020); Noção de Sofrimento (DEJOURS, 1992); Sociedade do Desempenho (ANTUNES; PRAUN, 2015; HAN, 2015); Vulnerabilidades Psicológicas (BORSOI, 2007; CLOT, 2010) e; Parresía, autocuidado e autoconhecimento (FOUCAULT, 2006). Outros autores, igualmente, importantes nos autorizaram a discorrer sobre os seus escritos.

---

<sup>2</sup> Trata-se de um rico exercício para o colaborador da pesquisa melhor representar o seu projeto de dizer e do pesquisador em estar atento para os indícios daquilo que se revela, pois a palavra vai para o ouvido e a reflexão é feita conjuntamente (FOUCAUT, 2006; SOBRAL; GIACOMELLI, 2020).

A pesquisa teve como objetivo geral analisar verbalizações de experiências (inter)pessoais no âmbito do PPGCEL, vozeadas por um grupo de mestrando(a)s, a partir do que elas informam axiologicamente como parte do processo de se cursar um mestrado;

Como objetivos específicos, dedicamo-nos a:

(i) Mapear, nos dizeres dos colaboradores, princípios e desafios vivenciados, correlacionando-os a fatores internos e externos ao sujeito;

(ii) Traçar o perfil do grupo de colaboradores- mestrando(a)(a)s do PPGCEL, tendo em vista as posições-sujeito ocupadas por ele(a);

(iii) Ponderar sobre práticas do exercício do autocuidado como ferramenta de auxílio para evitar ou minimizar vulnerabilidades que possam surgir durante o percurso do mestrado.

Questões como essas são, a nosso ver, significativas para a LA, porque fomentam o trabalho qualitativo com dados relativos a percepções do meio acadêmico, trazendo, assim, possibilidades de reflexões críticas para pensar o ensino como trabalho (CLOT, 2010) ou mesmo gerar dados que cooperem para movimentos voltados à Autoavaliação do PPGCEL ou mesmo movimentos preventivos que cooperem para mais saúde dos coletivos discente e docente.

A análise de posições de mestrando(a)s, acerca de suas percepções ao longo da pós-graduação, pode suscitar *insights* para melhorias diversas, visto que: “o estudo dos significados subjetivos e da experiência e prática cotidiana” (FLICK, 2004, p. 18), visto que a construção da realidade é sempre interativamente percebida e vozeada por diferentes atores em situações sociais (FLICK, 2004).

O trabalho ancora-se na Linguística Aplicada (CELANI, 2000; MOITA LOPES, 2019; FILHO, 1991; RAJAGOPALAN, 2003; PENNYCOOK, 2008), na Pesquisa Qualitativa (MINAYO, 2012; FLICK, 2004) e na Análise do Discurso Francesa, doravante ADF, (FOUCAULT, 2006; 2008) para, então, compreendermos o que os sujeitos verbalizam.

Desse modo, municiamo-nos dos artifícios da LA, para então fundamentar a pesquisa em curso, bem como para caracterizá-la de forma discursiva, uma vez que entendemos que o discurso é transpassado por ideologias, permitindo que a linguagem não seja transparente em sua essência, sendo, muitas vezes os silenciamentos também objeto de análise. Nesse sentido, corroboramos com Modl (2015) ao compreendermos a sala de aula, seja ela da educação básica, graduação ou pós-graduação, como um reflexo da sociedade, estando por isso, também, assujeitada a relações de poder e ideologias sentidas, simbolizadas e ressignificadas por sujeitos investidos de suas posições-sujeito.



Nessa ótica, parte da legitimidade e relevância da nossa pesquisa são concretizadas em relações entre trabalho mental, saúde e a pós-graduação como uma dimensão do trabalho intelectual humano que impacta na qualidade de vida e na construção de conhecimentos sociais.

Para apresentar como lidamos operacionalmente com os objetivos, este trabalho se organizou em quatro capítulos, além desta introdução, das considerações finais, bem como referências, apêndices e anexos.

No Capítulo 1, “Os vários “eus” do sujeito pesquisador e(m) variáveis na, da e para a atividade laboral de pesquisa e sua textualização!” estão materializadas as considerações sobre as conceituações de sujeito na ADF e vulnerabilidade/doença mental na psicanálise e na sociologia médica, bem como relações entre trabalho e saúde mental, além da individualização do trabalho do mestrando(a) e possível influência do capitalismo na educação superior como variáveis.

Tratamos ainda, no primeiro capítulo, dos conceitos de metaconsciência, metaescrita e metacognição e suas relações com o trabalho do mestrando(a). Por fim, sugerimos o autocuidado e autoconhecimento como fundamentos para uma atividade mais saudável para se vivenciar o tempo na pós-graduação, com a finalidade de proporcionar reflexões positivas acerca da importância de potencializar o processo de produção da dissertação, via enunciação do pesquisador.

Essas tratativas estão dadas em: “Concepção de sujeito: contribuições da ADF para o corpus da pesquisa”; “Capitalismo e o sujeito pesquisador: a busca por metas como possível fator potencializador de vulnerabilidades”; “Vulnerabilidades psicológicas e o processo de pesquisa acadêmica”; “Metaescrita, metaconsciência e metacognição e(m) trabalho do pesquisador”; “Parresía: a coragem para falar a verdade sobre si como ponto de partida para o autoconhecimento e o autocuidado”; “O autocuidado e o autoconhecimento como premissas para um saudável exercício de pesquisa” e “Minhas vivências como pós-graduando do PPGCEL e(m) motivações e atravessamentos da temática da pesquisa”.

No interior do Capítulo 2: “O CAMINHAR METODOLÓGICO”, apresentamos a metodologia empregada na pesquisa, a qual está alicerçada o nosso trabalho com fundamentos da LA, como também os elementos teóricos da pesquisa qualitativa, para, então, nutrir metodologicamente todo o *corpus* da pesquisa e enquadrá-la em um ambiente de discursivização pautado na inclusão das esferas plurais e subjetivas da vida. O caminhar da pesquisa está organizado da seguinte maneira: “Compreendendo a pesquisa qualitativa como

um campo metodológico maleável”; “Linguística Aplicada<sup>3</sup> e a Linguística Aplicada Crítica na/para a construção da dissertação”; “Ética como elemento fundamental do fazer pesquisa”; “O campo da pesquisa”; “Instrumentos da pesquisa” e “Os colaboradores da pesquisa”.

A seção “Instrumentos da pesquisa” está organizada nas seguintes subseções: “O questionário”; “Roda de conversa”; “Gravação audiovisual da roda de conversa” e “Triangulação dos dados”. Já na seção “Os colaboradores da pesquisa”, encontraremos as seguintes subseções: “Os colaboradores da pesquisa”; “População e amostra” e “Perfil da amostra”

No Capítulo 3: “ANÁLISE DE DADOS”, trazemos as análises dos dados gerados a partir do trabalho com respostas aos nossos instrumentos de pesquisa. Realizamos três movimentos importantes para a escrita deste capítulo, tendo em vista que nos debruçamos sobre o questionário, a roda de conversa e, ainda, realizamos a triangulação dos dados, a partir dos instrumentos que descrevemos. O desenho do capítulo é o seguinte: “Voltando o nosso olhar para o questionário” acaba as subseções: “Instrumento 1 pergunta 9 – dificuldades em discursivizar”; “Instrumento 1 Pergunta 10 – Etapas”; “Instrumento 1 Pergunta 11 – Cobranças; “Instrumento 1 Pergunta 12 – *Ranking*”; e “(Re)entrando na roda de conversa” com: “Temática direcionadora 1”; “Temática direcionadora 2”; “Temática direcionadora 3”; “Temática direcionadora 4”; “Temática direcionadora 5”. A terceira seção: “Triangulação dos dados” apresenta “Triangulação 1: O mestrado como um sonho”; “O isolamento social” “A ansiedade como vulnerabilidade psicológica” e “O autocuidado como instrumento do olhar para si”

Nas Considerações Finais, revisitamos os objetivos da pesquisa, a fim de avaliar o percurso percorrido, bem como se os achados responderam ou não à pergunta da pesquisa. Identificamos que a ansiedade é posta como principal vulnerabilidade do(a)s mestrand(o)a(s) e que o autocuidado e a parresía são gestos gêneros de recuperação ou mantimento da saúde mental.

---

<sup>3</sup> Há exceções, pois optamos por não usar as siglas LA e LAC, tendo em vista ser no título da seção.

## **CAPÍTULO 1: OS VÁRIOS “EUS” DO SUJEITO PESQUISADOR E(M) VARIÁVEIS NA, DA E PARA A ATIVIDADE LABORAL DE PESQUISA E SUA TEXTUALIZAÇÃO**

Visualizamos o trabalho de verbalização do grupo de pós-graduandos do PPGCEL, colaboradores da pesquisa, como um fluxo de reverberações dos seus “eus” que, através do uso da linguagem, materializam e atualizam uma rede de discursos movidos e atravessados por formações discursivas imbricadas de interpelações ideológicas, fomentando acontecimentos sociais, pautados nas relações de poder (JACQUES, 2003; FOUCAULT, 2008; MOLON SI, 2011).

Dessa maneira, é imperativo considerar as diversas posições em que o sujeito pesquisador se coloca durante o período de escrita e textualização de sua pesquisa, pois, são no interior dessas posições e na multiplicidade delas que surgem propícios e desafios do, no e para o fazer pesquisa. Atravessamentos de experiências no interior dos cronotopo Pandemia e pós-Pandemia colaboram para (des)estabilizações da saúde mental (GAMA; CAMPOS; FERRER, 2008) desses sujeitos de forma a influenciar o labor do mestrando(a), bem como suas capacidades de enunciação e discursivização (CLOT, 2010; MOLON SI, 2011).

Considerando que, além de sujeitos pesquisadores, os pós-graduandos assumem outras várias posições (FOUCAULT, 2008) durante o tempo do mestrado, podemos refletir acerca de possíveis conflitos gerados pelo feixe de relações entre essas posições que os sujeitos mestrando(a)s ocupam e suas condições de trabalho (como o acúmulo de atividades profissionais e acadêmicas, a individualização do trabalho do pesquisador, procrastinação ou mesmo a falta de acompanhamento terapêutico como o psicológico que coopere para autorregulação de comportamentos) podem potencializar ou enfraquecer o trabalho como mestrando(a)s do PPGCEL. A isso se soma a dimensão de alter-avaliação já que interagimos, ao longo do curso, com o orientador, outros professores do Programa, colegas mestrando(a)s e banca avaliadora, o que perfaz um processo normal de todo e qualquer curso de pós-graduação no cenário brasileiro.

Nesse viés, compreendemos que o sucesso das atividades laborais do pesquisador em formação, materializadas na escrita de sua pesquisa, atestado nas etapas do exame de qualificação e defesa da dissertação, bem como em todas as versões anteriores tematizadas nas sessões de orientação, depende diretamente de uma gestão intrassubjetiva de suas posições-sujeito (FOUCAULT, 2008) e também de um fluxo saudável no seu coletivo de trabalho

(CLOT, 2010), uma vez que conflitos nessas instâncias podem desencadear desestabilizações que, por sua vez, podem comprometer o andamento da realização da pesquisa e, assim, contribuir para o não cumprimento dos prazos propostos para a entrega de atividades em cada etapa do mestrado acadêmico, além do sentimento de frustração frente às tarefas não realizadas pelo pesquisador, reflexos de um “real da atividade”, aquele que é, de acordo com Clot (2010, p. 103), “o realizado, juntamente com o que não se faz, o que se tenta fazer sem ser bem-sucedido – o drama dos fracassos – o que se desejaria ou poderia ter feito e o que se pensa ser capaz de fazer noutro lugar”.

Mais do que necessário, é inevitável não nos debruçarmos sobre a noção de sujeito para compreender a natureza do trabalho, aqui, materializado (MINAYO, 2012).

### **1.1. Concepção de sujeito: contribuições da ADF para o *corpus* da pesquisa**

Partimos de concepções acerca de uma natureza fragmentada do sujeito em construtos teóricos próprios da ADF e de suas reverberações no cenário nacional, tendo como ponto orientador a noção de sujeito como um *status*, que é concebido não na linearidade do tempo, mas na dispersão de um processo histórico (FOUCAULT, 2006).

Essa noção de sujeito está, acima de tudo, atrelada aos diversos discursos que atravessam esse indivíduo, em um processo em que a linguagem o constitui e o define histórica e continuamente, estando essa história, ao mesmo tempo, enlaçada ao interior e exterior deste sujeito, sendo também parte fundamental na sua construção identitária (ORLANDI, 2007; MILANEZ, 2013; INDURSKY, 2013). Portanto, compete-nos levar em consideração que nossas posições-sujeito podem interferir positiva ou negativamente na construção da nossa pesquisa, da mesma maneira que nas etapas avaliativas do mestrado, como o exame de qualificação e a defesa pública da dissertação.

Para além, entendemos que o sujeito é atravessado pela palavra e que essa característica está diretamente conectada em suas relações e caminhar social, tendo em vista que “a palavra, como signo produzido e resultante das relações dos sujeitos, opera transformações nas atividades e nos sujeitos, afetando-os nas práticas sociais” (MOLON SI, 2011, p. 619). Ainda na mesma linha, mas em um viés psicodiagnóstico e de entendimento do sujeito, a autora elucida que “o sentido da palavra está relacionado à riqueza das experiências sociais e históricas que conformam as consciências e aquilo que pode ser expresso por uma determinada palavra” (*ibid*, p. 618).

O sujeito que nos interessa aqui, então, não é transcendental, dono de si, de suas escolhas, um sujeito livre, não influenciado pelas ideologias presentes em toda sociedade. O sujeito, para o qual voltamos nosso olhar, é fragmentado e atravessado a todo momento por estruturas ideológicas (ALTHUSSER, 1970; HALL, 2006), tais quais os sujeitos participantes de nossa investigação, um sujeito que está continuamente subjetivado a uma determinada posição e principalmente submisso aos moldes capitalistas de governo (ORLANDI, 2007).

Como a nossa pesquisa direciona o seu olhar para sujeitos em dois conotopos distintos, mesmo que interligados dentro de um curso de pós-graduação, há de se ter a noção do sujeito que se (des)(re)fragmenta nos cronotopos que lhe é sugerido.

Pêcheux traz a noção de *forma-sujeito* de Althusser. No âmbito de uma formação discursiva, apresenta-se como o sujeito histórico que a organiza: ao ter um saber questionado, se fragmenta em diferentes posições-sujeito, mas, ao mesmo tempo, funciona como filtro para o que nela não pode ser dito, assegurando, assim, a unidade imaginária do sujeito e de seu domínio de saber” (INDURSKY, 2013, p. 96).

Essa (des)(re)fragmentação do sujeito embasada na ideia de Pêcheux nos interessa ao desvendarmos os deslocamentos realizados pelos colaboradores da pesquisa no momento em que respondem às perguntas do questionário ou, ainda, verbalizam as suas diversas posições na roda de conversa.

A partir desse movimento, então, masterizam-se nas verbalizações as formações discursivas (FD) que é ‘aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada [...] determina o que pode e deve ser dito’ (PÊCHEUX 1988 [1975] *apud* INDURSKY, 2013, p. 92). Os nossos colaboradores da pesquisa se constroem de uma posição-sujeito mestrando(a) na conjuntura do curso de pós-graduação e(m) campo de pesquisa, contudo não são afetados unicamente por elas, tendo em vista as vivências fora do programa e as ideologias que os atravessam.

Com o intuito de darmos maiores esclarecimentos, na próxima seção, então, trataremos do que Orlandi (2007) sugere sobre o sujeito nos moldes capitalistas de governo.

## **1.2.O capitalismo e o sujeito pesquisador: a busca por metas como possível fator potencializador de vulnerabilidades**

Ao admitirmos que o sujeito não é apenas interpelado por formações discursivas, mas que também é fruto de estruturas ideológicas a serviço do capital, percebemos, então, que o

sistema capitalista permeia todos os ambientes no qual o trabalho material e intelectual é apresentado como fonte de sobrevivência humana (BORSOI, 2007). Ao expor esse princípio, admitimos que o capitalismo exerce também influência nas produções intelectuais e nas pesquisas acadêmicas, materializado pelo cumprimento de metas e prazos (ANTUNES; PRAUN, 2015), uma vez que quanto maior o número de publicações e atividades (extra)curriculares produzidas pelo pesquisador, maiores tendem a ser suas chances de galgar posições de prestígio no ambiente acadêmico (FARO, 2013; PINZÓN, 2020).

Analisando por uma lógica institucional, é necessário que o pesquisador produza frutos em/de sua pesquisa para que o conhecimento construído e atualizado seja reverberado e disponibilizado para a comunidade científica e possa servir de bases e moldes para outros estudos acerca da temática. O que figura, inclusive, métricas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior (CAPES) para as avaliações quadrienais dos Programas. Entretanto, o que se pode observar é que cada vez mais, mestrando(a)s estão aumentando suas demandas de trabalho dentro e fora do programa de pós-graduação. Além disso, possivelmente, ao exercermos várias atividades relacionadas ao fazer pesquisa, acabamos por gastar grande parte do nosso tempo diário tentando equilibrar o trabalho acadêmico, expectativas diversas como as da CAPES que partem de um perfil de pós-graduando com certas habilidades e vivências, mas muito(a)s mestrando(a)s, em nosso Programa, ingressam no Curso sem nenhuma vivência anterior com a Iniciação Científica (IC) que se avolumam a outros afazeres do cotidiano. Logo, se evidencia

[...] a constante necessidade de aumento no volume de produção bibliográfica. Para Moreira (2009), isso leva a uma cultura de produtivismo e quantitativismo, bastante criticada pela sobrecarga aos pesquisadores, mas que, de certo modo, permanece como parâmetro basal de avaliação dos programas (MACEDO; SOUZA, 2010 *apud* FARO, 2013, p. 52).

Como ponto de partida, então, enunciamos acerca dos reflexos do capitalismo, no sistema educacional básico, superior ou mesmo na pós-graduação brasileira (PINZÓN, 2020), que podem contribuir para uma possível sobrecarga nos mestrando(a)s que não estão assujeitados apenas à posição de mestrando(a)s, mas também, ocupam outras posições importantes e, em muitos casos, inegociáveis nos círculos de (con)vivência a exemplo de pós-graduandos que são pais e mães, trabalhadore(a)s da educação básica e/ou áreas afins ou, ainda,

que exerçam qualquer outro tipo de labor com cumprimento de horários e batidas de ponto<sup>4</sup>, o que afeta no tempo disponível para as atividades acadêmicas a serem cumpridas, extrapolando prazos ou até mesmo culminando no não cumprimento que levam ao jubramento, como apresenta Pinzón, 2020:

O paradigma da avaliação da pós-graduação é entendido, muitas vezes, como somativo (foco na avaliação externa) e não formativo (foco na avaliação interna). Isso porque os critérios não são definidos a priori, como estratégia para nortear o aperfeiçoamento dos programas de pós-graduação (PPGs), mas são usados para classificá-los competitivamente em relação aos outros. Como resultado, observa-se que a cooperação, base do desenvolvimento científico, passa a ceder lugar à competição e ao produtivismo (PATRUS; SHIGAKI; DANTAS, 2018 *apud* PINZÓN, 2020, p. 190).

O resultado dessa somatória de itens pode implicar desestabilizações no processo de pesquisa e na construção da dissertação, uma vez que o(a)s mestrando(a)s podem ser sobrecarregados psicologicamente, tendo como culminância, a queda no rendimento e na qualidade do trabalho apresentado<sup>5</sup>. Essa sobrecarga, por sua vez, pode afetar as habilidades de discursivização e escrita o texto da dissertação, ocasionando desmotivação acadêmica, frustração a partir do que não foi produzido de forma adequada ou no tempo previsto e, em alguns casos, na desistência ou desligamento do curso dadas as deliberações do colegiado do Programa.

Dessa maneira, deslocamo-nos, aqui, para brevemente discutir a respeito da provável influência do capitalismo dentro do âmbito do labor do mestrando(a) e discutir sobre a possibilidade de não ofertar condições favoráveis para a realização do trabalho de pesquisa nas mais diferentes esferas acadêmicas (ANTUNES; PRAUN, 2015), potencializando, assim, o adoecimento mental e a precarização do trabalho de pesquisa ao longo do curso de mestrado acadêmico.

As demandas de trabalho acadêmico podem se acumular durante o período de escrita da dissertação com agrupamento das posições que o sujeito pesquisador vivencia diariamente, em

---

<sup>4</sup> Registro eletrônico (BRASIL, 2021) de entrada de saída de empregados. Na maioria das empresas, é utilizado como controle de presença e de cumprimentos de horários pré-determinados em contrato de trabalho, os quais são aceitos pelas duas partes: empregado e empregador (BRASIL, 1943).

<sup>5</sup> Não desconsideramos que essas mesmas variáveis e relações se deixam atualizar no orientador como parte do corpo docente que, em alguns casos, também é membro do colegiado do Programa. O ritmo de trabalho de um mestrando(a), seus atrasos e descumprimento de pautas da agenda de orientação impactam fulcralmente na gestão do trabalho e na qualidade de vida do orientador, assim como em toda a dinâmica avaliativa e responsiva do programa de pós-graduação a que se vincula. No entanto, seguiremos, por questões de espaço e maturidade intelectual, considerando apenas os sujeitos colaboradores, com a nossa argumentação focalizando apenas o papel social e interacional de mestrando(a)s.

seu convívio acadêmico e social, podendo causar um descontrole do tempo a ser investido no trabalho de pesquisa e de outras atividades laborais (FARO, 2013; ANTUNES; PRAUN, 2015), o que, dessa forma, promove e potencializa o surgimento das vulnerabilidades psicológicas, materializadas em sinais de grande estresse físico e mental, transtornos de ansiedade, sentimentos de regressão intelectual, paralisia da imaginação e de despersonalização (DEJOURS, 1992), bem como Síndrome de *Burnout* (BORSOI, 2007):

Ao alcançarem o extremo final da cadeia acadêmico-produtiva, as queixas e dilemas recaem sob a forma estressores que incidem sobre os pós-graduandos (Voltarelli, 2002), os quais se vêem diante de dificuldades como, por exemplo, a ausência de tempo, tanto para estudo, como para a vida particular. Surgem ainda incertezas quanto à futura inserção profissional; os estudantes se percebem em meio à incompatibilidade entre a vida fora da universidade e a lógica do ‘publicar ou perecer’ (LOUZADA; SILVA FILHO, 2005a; MALAGRIS *et al.*, 2009; MOREIRA, 2009; SANTOS; ALVES JR., 2007 *apud* FARO, 2013, p. 52).

Esses fatores resultam na individualização do trabalho de pesquisa, o que pode acarretar uma caminhada solitária e subjetivada em estruturas de positividade (HAN, 2015), em que os modelos capitalistas curriculares na pós-graduação contribuem não apenas para o apagamento do outro dentro do coletivo de trabalho do pesquisador, como aparecem refletidas uma perigosa autogestão e autoafirmação de si do sujeito pesquisador que, por meio da autoimposição de demasiadas metas, é levado, cada vez mais, a imergir no trabalho acadêmico, sem autoconhecimento e autocuidado.

Nesse aspecto, mestrando(a)s podem se perceber, no processo de pesquisa, imersos em meio a um emaranhado de atividades acadêmicas e não acadêmicas, as quais toda essa carga de trabalho acumulada impulsiona para sentimentos de frustração e exaustão mental (CLOT, 2010; HAN, 2015) e isso é capaz de impactar, diretamente, na motivação e significação dos projetos de pesquisa. Esses possíveis impactos podem ser percebidos nos momentos de interação discursiva em sala de aula, nas etapas de escrita, ou mesmo nos atrasos para agendamentos do exame de qualificação e de defesa pública da dissertação.

Aqui, ousamos nos apropriar da noção de sofrimento em Dejours (1992), em Jacques (2003) e em Clot (2010), para pensá-la em relação com o trabalho do pesquisador de pós-graduação e empreendermos uma tentativa de compreensão acerca de fatores que podem influenciar negativamente o trabalho de pesquisa no interior do PPGCEL.

Logo, Dejours (1992, p. 49) advoga que “o operário em sofrimento não conhece a significação do próprio trabalho” e a vivência depressiva é alcunhada pelo cansaço nos territórios sociais e psicológicos (HAESBAERT; BRUCE, 2009) mais relevantes, pois “o



sofrimento psíquico e a doença mental ocorrem quando e apenas quando, afeta esferas da nossa vida que são significativas, geradoras e transformadoras de significado” (JACQUES, 2003, p. 11-12).

Compreendemos, então, que se estivermos em condição de vulnerabilidade psicológica (cf. seção 1.3), podemos apresentar oscilações no processo de significação das atividades laborais de pesquisa, afetando, assim, a compreensão da relevância do trabalho para o universo acadêmico, uma vez que nos posicionamos como esferas repletas de conflitos em busca de significação (CLOT, 2010).

Outro fator que corrobora para exaustão dos pesquisadores em formação é a ideia de que vivemos em uma sociedade não apenas pautada na exploração de mão de obra de fora para dentro, mas, agora, as cobranças são, simultaneamente, exercidas internamente pelo sistema capitalista, a partir de uma autocobrança individual em movimentos de autoafirmação, "libertarmo-nos" do “devo” para então internalizar um “posso” chegar e até mesmo ultrapassar limites, de acordo com Han (2015).

Dessa forma, o sistema capitalista reverberado nos cursos de pós-graduação se torna camuflado e potente em sua eficácia, pois, os sujeitos mestrando(a)s podem se construir em temíveis vigilâncias, se cobrando em excesso, deixando de lado premissas como o autocuidado e autoconhecimento no decorrer da construção das pesquisas de mestrado, podendo atribuir traços de sofrimento ao trabalho.

Nesse viés, a busca por uma percepção de si, “narcísica”, como afirma Dejours (1992), atrelada a uma autoafirmação em detrimento ao engajamento e sucesso do outro (HAN, 2015), parte de uma ótica de empreendedorismo individual, pautada no alcance de metas, podendo desencadear rupturas de laços afetivos e de partilha no coletivo de trabalho do qual o pesquisador faz parte. Esse núcleo laboral teria a função de promover o auxílio mútuo entre os pesquisadores pós-graduandos, entretanto, os reflexos do capitalismo, imbricados na educação nacional, podem promover nesse ambiente, a individualização do trabalho acadêmico, reduzindo esse coletivo de pesquisa a uma sociedade do desempenho (ANTUNES; PRAUN, 2015; HAN, 2015).

Certamente, os efeitos da individualização e solidão durante o período de pesquisa no mestrado não se reduzem apenas às inconsistências enunciativas e discursivas nos momentos críticos de construção dissertativa, mas também, refletem na incidência de suicídios no ambiente acadêmico. Segundo Antunes e Praun (2015), quando o trabalhador não consegue compartilhar seu sofrimento com seu coletivo de trabalho seus companheiros de atividade

laborais se tornam incapazes de auxiliar esse trabalhador no seu processo de expurgação de suas vulnerabilidades psicológicas:

Em situações mais extremadas, quando o trabalhador não conseguia dissimular seu sofrimento, os próprios laços de solidariedade constituídos acabavam, não raras vezes, sendo acionados de forma a protegê-lo ou confortá-lo. O desmonte dessas condições tem contribuído, conforme os autores, para o aumento da incidência de suicídios nos locais de trabalho (ANTUNES; PRAUN, 2015, p. 415).

Nessa ótica, na próxima seção, debruçamo-nos sobre o conceito de doença mental e vulnerabilidade psicológica para compreender suas possíveis influências no trabalho do pesquisador, pós-graduando.

### **1.3. Vulnerabilidades psicológicas e o processo de pesquisa acadêmica**

Iniciamos este tópico imprimindo uma descrição do conceito de doença/vulnerabilidade psicológica, dentro dos arcabouços teóricos da psicanálise e sociologia médica, com o intuito de promover reflexões entre saúde, trabalho e forças advindas do capitalismo. Para tanto, partimos da ideia de que a materialização efetiva da linguagem através do discurso depende diretamente da nossa estabilidade. Isso implica dizer que a verbalização de nossas posições se submete a um conjunto de fatores.

Partindo da ideia de que “a presença de alterações, desintegração no funcionamento psíquico e a duração dessas alterações são sinais evidentes da oscilação de saúde mental”, (BORSOI, 2007, p. 105), entendemos que instabilidades emocionais, mal-estares, frustrações, sentimentos de incapacidade e impotência, ansiedade, esgotamento mental, cansaço excessivo, dentre outros fatores estarão presentes em algum momento na vida de qualquer sujeito e que essas fragmentações emocionais se deixam entrever através da linguagem, materialização linguística do discurso.

Defendemos, portanto, a noção de discurso como a manifestação linguística de um sujeito que é a todo momento atravessado por ideologias, um sujeito distante da originalidade discursiva, pois o discurso nesse sentido é resultado de um conjunto de outros discursos que remetem não apenas a outros lugares, mas também ao caráter disperso dos sujeitos (FOUCAULT, 2008).

Objetivamos, assim, compreender vulnerabilidades como: “um conjunto de mal-estares que se caracteriza pela dificuldade do sujeito em operar planos e definir sentidos para a vida” (BORSOI, 2007, p. 106). Dessa forma, é possível afirmar que instabilidades emocionais

influem no trabalho do pesquisador e o trabalho, por sua vez, interfere diretamente na saúde do trabalhador, sendo, por vezes, fator preponderante para o surgimento do sofrimento psíquico (DEJOURS, 1992).

Já a vulnerabilidade psicológica pode se configurar como um estado de sofrimento emocional e psicológico no qual um determinado sujeito pode se encontrar em curto ou longo período de tempo sendo acometido por sintomas de ansiedade, inseguranças, cansaço físico e mental, estresse, baixa produtividade profissional e intelectual (NOGUEIRA, 2016; OLIVEIRA, 2022; BORGES; PACÍFICO FILHO, 2022).

De acordo com Nogueira, (2016), um sujeito em condição de vulnerabilidade psicológica tem suas capacidades cognitivas fragmentadas pelos sintomas de sofrimento mental acarretando fragmentação nas suas habilidades de significação de si e do seu trabalho, dificuldade de construção de conhecimento e aprendizagem, e gestão das relações com o outro, principalmente em momentos de grande estresse e em tomada de decisões importantes.

Oliveira (2022) salienta que momentos de vulnerabilidade psicológica podem ser percebidos quando há uma desarmonia na capacidade do sujeito superar adversidades provenientes de suas atividades de trabalho e relação social, ou seja, o sujeito vulnerável psicologicamente se sente incapaz de lidar e resolver desafios que o cercam, bem como, deixa de perceber os propícios de cada atividade.

Nesse sentido, o que entendemos, ainda, como vulnerabilidade psicológica se aloca em um tempo e espaço onde o sujeito se encontra vulnerável por determinado período de tempo, esta, por sua vez, é mutável interpelando o sujeito de diferentes formas o expondo a momentos de sofrimentos e impossibilidade de motivação e ação nas diferentes situações adversas que pode surgir, (NOGUEIRA, 2016 ).

Em um movimento de tentativa de síntese, entendemos, pois, o conceito de vulnerabilidade como resultado de eventos internos e externos aos sujeitos, (psico)somatizados em sintomas de variadas naturezas, culminando em sofrimento físico e mental, acarretando em perda de potência de agir (CLOT, 2013) em atividades que demandam engajamento mental, provocando, também, oscilações na motivação destes sujeitos para o cumprimento de suas demandas laborais, acadêmicas e (intra)(inter)personais e na qualidade da interação no interior de seu território social e psicológico (HAESBAERT; BRUCE, 2009). Em níveis mais acentuados, acarreta na perda de noção ética e deslocamento da realidade (NOGUEIRA, 2016; OLIVEIRA, 2022; BORGES; PACÍFICO FILHO, 2022).

Ainda como aponta Borsoi (2007, p. 107), “o trabalho pode construir modos de sofrimento, na medida em que ele é também constituinte fundamental da subjetividade dos indivíduos, é parte de suas experiências”, ou seja, o trabalho em determinados contextos pode ser concebido como uma possível razão para o sofrimento, limitando o trabalhador ou até mesmo o impedindo de trabalhar (BORSOI, 2007).

Para explicar essa subjetividade, a qual é característica do sujeito, elucidamos que:

A subjetividade é entendida nas mais diversas formas: como intrapsicológica, como referente ao mundo privado, por configurações subjetivas, intersubjetividade, como resultante de cruzamento de fluxos linguísticos e agenciamentos sociais – portanto, está submissa ou sobreposta às condições sociais, históricas, linguísticas e psicológicas (MOLON SI, 2011, p. 614).

Logo e ao analisarmos o trabalho como parte da vida de qualquer sujeito e assumindo que, em diversas culturas, o trabalho pode ser pensado como reflexo de saúde mental e física, bem como base para a sobrevivência de qualquer indivíduo (BORSOI, 2007), podemos inferir que o trabalho, quando realizado de forma saudável, é uma parte benéfica das práticas sociais do ser humano. Dessa forma, admitimos que o trabalho de pesquisa em si não é fator criador das vulnerabilidades nos mestrando(a)s, mas sim, as condições em que ele é exercido podem ser capazes de potencializar o surgimento dessas instabilidades emocionais nos momentos de maior tensão na jornada do mestrando(a): “quando um indivíduo ingressa no mundo do trabalho, começa a organizar sua vida em função das exigências desse novo lugar, e é lá que deixa a maior parte de suas melhores horas do dia – durante a maior parte de sua vida, daí em diante” (BORSOI, 2007, p. 105).

Direcionado o nosso olhar para o ambiente acadêmico, campo e objeto de estudo da nossa pesquisa, temos, cada dia mais, visualizado o reflexo dessas estruturas capitalistas de exploração de mão de obra, seja na própria seara da docência ou mesmo na área da pesquisa acadêmica, esta última, portanto, eixo explorado em nosso trabalho. No campo do trabalho intelectual, o sujeito pesquisador se vê na responsabilidade de entregar, também, suas melhores horas do dia para o exercício da pesquisa, bem como para o estudo teórico, podendo, assim, ter dificuldades em gerenciar o seu tempo de forma adequada para cumprir as demandas de pesquisa e estudo teórico, bem como outras tarefas de cunho (intra)(inter)pessoal.

Nessa perspectiva, como dito previamente, o sujeito pesquisador pode então passar a maior parte da sua jornada como pós-graduando(a), estando em um universo de contínuos conflitos entre suas posições-sujeito, pois ele(a) não é apenas pesquisador(a), mas se posiciona de diferentes formas e nos distintos *status* (FOUCAULT, 2008). Além disso, esse sujeito

pesquisador está em formação durante o mestrado, disso decorre uma propensão para se perceber em constante pressão, visto que vivemos em uma sociedade na qual a educação não tem recursos suficientes para todos os pesquisadores, o devido auxílio financeiro de bolsas de pesquisa para se dedicarem com mais tranquilidade e saúde mental às suas pesquisas.

Assim, é notado que a pesquisa acadêmica, no Brasil, tem se caracterizado como um trabalho, mas sem os direitos trabalhistas e a remuneração justa pelas atividades que são desenvolvidas em todo território nacional (BRASIL, 1943). Isso incita nos pesquisadores um sentimento de frustração ao perceberem que podem e, muitas vezes, passam muitos anos de suas vidas se dedicando a um trabalho mentalmente exaustivo, mas que pode não lhes oferecer perspectivas de estabilidade financeira. Cumpre destacar o expressivo aumento de 6,8 por cento nas bolsas de pesquisa de mestrado no início do mandato do Presidente Lula, o que se figurou como um movimento reparatório para bolsistas no país. Dados oficiais mostram que em 2022, eram 84,3 mil bolsas de pós-graduação no país. Já em 2003, são 89,6 mil bolsas de pós-graduação.

Dessa forma, faz-se caro, neste trabalho, debruçarmo-nos sobre o labor local de um grupo de mestrando(a)s do PPGCEL, entendendo as atividades exercidas por nós, pós-graduandos, como um trabalho.

#### **1.4. Metaescrita, metaconsciência e metacognição e(m) trabalho do pesquisador**

Levando em consideração que a escrita é concebida como um trabalho que necessita de (re)avaliações a todo momento e que esses ajustes dependem da saúde mental e da consciência enunciativa do pesquisador (MENEGASSI, 2006), todo e qualquer traço emocional afeta o trabalho de escrita dissertativa:

Escrever é trabalhar, que as mudanças na escrita não são apenas no aspecto superficial, mas também em sua estrutura interna e discursiva, considerando-se as condições de produção do texto. A escrita é vista como um trabalho consciente, deliberado, planejado, pensado e repensado (*ibid*, p. 157).

Nessa ótica, a escrita é tida como um trabalho no qual envolve fatores externos e internos ao sujeito que escreve. Além disso, no ato da escrita, aqui limitamos à escrita da dissertação e de artigos acadêmicos no interior do programa de mestrado, o sujeito pesquisador deve se manter consciente e alerta a um conjunto de questões durante o processo de produção, executando as etapas de planejamento, pensamento, revisão e (re)escrita (MENEGASSI, 2006).

O(A) mestrando(a), necessita estar em um estado de alerta e (re)construção de saberes, tendo em vista que o mestrado exige um nível de detalhamento suficiente para que o escritor possa receber o título de pesquisador(a), além dos deslocamentos e atualizações conceituais que são parte integrante e fundamental do se fazer pesquisa que

leva ao desenvolvimento de um estado de alerta durante o processo, com estados de reflexão nas principais etapas: planejamento, execução, revisão e reescrita; assim, uma vez adquirido esse estado, como resultado da prática, em função da sedimentação do conhecimento, o escritor consiga, eventualmente, mantê-lo automático e inconsciente (MENEGASSI, 2006, p. 156).

Esse estado de alerta é essencial para o desenvolvimento da posição-sujeito pesquisador(a), pois os atravessamentos da pesquisa requerem um olhar atento para que se materialize em uma escrita fluida, consciente, sólida e substancial para a devida divulgação do trabalho, o que requer planejamento, disciplina e cumprimento das metas e diretrizes do programa de pós-graduação que culmina na defesa pública dos escritos.

Escrever é trabalhar, que as mudanças na escrita não são apenas no aspecto superficial, mas também em sua estrutura interna e discursiva, considerando-se as condições de produção do texto [...] a escrita é vista como um trabalho consciente, deliberado, planejado, pensado e repensado (*ibid.*, p. 157).

Aspectos muito diversos podem explicar maior facilidade ou dificuldade na/para a produção de artigos científicos e na própria escrita da dissertação, conhecimento dos gêneros acadêmicos, vivência na iniciação científica, organização pessoal, orientação ou a capacidade individual de planejamento e execução são alguns fatores mais naturais. Por isso, entendemos a metaescrita como a consciência da escrita.

Aspectos como esses interferem não apenas no processo de produção da escrita do produto do mestrado, mas também, nos momentos de avaliação da escrita e nas enunciações prescritivas advindas do próprio programa. A metaconsciência frente aos processos cognitivos e habilidade de aprender a dirigir o conhecimento (PALIS, 2012) revelam-se tarefa precípua do fazer pesquisa.

A metaconsciência, aqui, é entendida como a consciência da própria consciência, ou seja, um estado dialógico interior:

Uma metaconsciência apurada teria algo de muito semelhante ao que se chama de intuição, visto que, como não se atém simplesmente a fração subjetiva, possivelmente pode vir-se-a-ter a capacidade de ‘prever’ certos eventos com base numa experiência prévia e partindo do pressuposto de que a dinâmica do mundo segue tal padrão (PALIS, 2012, p. 133).

Partindo, então, do entendimento de que a metacsciência define-se também como a capacidade do sujeito de construir o conhecimento de forma consciente e estruturada (PALIS, 2012), podemos afirmar que os processos mentais, bem como as representações e motivações dos sujeitos para se engajarem no curso de mestrado cooperam para o processo de verbalização, uma vez que fragmentam a metacsciência do sujeito em instâncias cognitivas de organização do pensamento, bem como as estruturas organizacionais de metaescrita.

Portanto, entendemos a metacognição como o conhecimento da consciência: uma tentativa de tomada de controle de habilidades cognitivas (MENEGASSI, 2006), estando relacionada à capacidade consciente do sujeito de gerenciar sua própria aprendizagem, ou seja, a partir da metacognição, tornamo-nos atores protagonistas do nosso processo de aprendizagem, calibrando e (re)organizando informações de maneira cada vez mais consciente.

A metacognição, conforme advoga Menegassi (2006, p. 154), “é o processo de ordem superior que permite ao estudante ser aprendiz contínuo que sabe como, quando, por que e para que utiliza habilidades conscientes na resolução de problemas durante a escrita de seu texto, tomando consciência de suas estratégias metacognitivas.” Cabe ressaltar que, para este estudo, a metacognição está relacionada também à habilidade de teorizar, (re)organizar, (re)avaliar conceitos, (re)tomar posições discursivas e (re)agir de maneira protagonista e crítica na e para a construção discursiva, nas etapas de escrita da dissertação, do exame de qualificação e de defesa pública da dissertação.

Uma vez que essas habilidades são limitadas ou potencializadas por eventos que podem estabilizar ou desestabilizar a verbalização discursiva essencial para a contemplação teórica e alcance do horizonte de perspectiva vislumbrado por mestrando(a)s na dialogia com orientador(a), nosso coletivo de trabalho e banca avaliadora.

### **1.5. Parresía: a coragem para falar a verdade sobre si como ponto de partida para o autoconhecimento e o autocuidado.**

Passamos, então, à tematização do autocuidado e autoconhecimento como outros fatores capazes de provocar nos pesquisadores efeitos de pensamento crítico. O tratamento do conceito de parresía é fértil para se adensar às práticas de trabalho do sujeito pesquisador(a) e sua relação com seu coletivo de trabalho.

Parresía refere-se à coragem da verdade, ou seja, a coragem de dizer a verdade sobre si e sobre o outro para que, então, esse falar franco possa proporcionar a construção do conhecimento de si e do outro:

A parresía se define fundamentalmente, essencialmente e primeiramente como o dizer-a-verdade, o dizer-a-verdade do outro, como elemento essencial do governo que ele exerce sobre nós, e uma das condições essenciais para que possamos formar a relação adequada conosco mesmos, que nos proporcionará a virtude e a felicidade (FOUCAULT, 2006, p. 45).

A parresía é entendida, então, como um artifício fundamental que o sujeito empreende sobre si para transformar a sua interioridade, a fim de que esse possa se reposicionar frente às suas crenças, superar seus medos e os seus sofrimentos (FOUCAULT, 2006). Além disso, a parresía proporciona autorreflexão para quem a diz e para quem a ouve, promovendo um processo de libertação, deslocamento e atualização de si como interlocutor (*loc. cit.*).

Podemos entender, também, a parresía como uma técnica capaz de proporcionar aos sujeitos acesso ao autoconhecimento e autocuidado, através da discussão mediada pela verdade (FOUCAULT, 2006). Dessa forma, é imperativo conceber esse conceito como ferramenta essencial para o(a)s mestrando(a)s, uma vez que se faz necessário voltar o olhar para interior deste sujeito no sentido de se enfrentar seus propícios e desafios, reconhecendo conflitos das posições-sujeito, bem como aprimorar o saber lidar com momentos de instabilidades emocionais, nos momentos de maior pressão no mestrado (FOUCAULT, 2006; MOLON SI, 2011).

O conceito de parresía, apresentado por Foucault (2006), mas anteriormente já usado por filósofos gregos e por cristãos no período clássico, é pensado como elemento constituinte dos movimentos de autoanálise e autorregulação durante o processo de pesquisa e de sua textualização.

Compreendemos, aqui, portanto, que a parresía ou coragem da verdade pode e deve ser usada como ferramenta para a externalização não apenas de vulnerabilidades e movimentos de resistência (INDURSKY, 2013) frente ao que se vive ao longo da jornada do mestrado de um ponto de vista pessoal, político, social, financeiro ou institucional.

Vale pontuar que, para que a parresía seja efetivada, é necessário que o sujeito que faz o uso desta “coragem da verdade” ou “fala franca” corra riscos, a partir dos movimentos de resistência que este mobiliza através do discurso (FOUCAULT, 2006), saindo, assim, de uma zona de (des)conforto que, na verdade, pode se configurar como um emaranhado de sofrimento psicológico e sentimentos diversos no quais estamos subjetivados:



Sempre há *parresía*, quando dizer-a-verdade se diz em condições tais que o fato de dizer a verdade e o fato de tê-la dito, vai ou pode ou deve acarretar consequências custosas para os que disseram a verdade, o parresiasta são os que no limite, aceitam morrer por ter dito a verdade (FOUCAULT, 2006, p. 54-55).

Dessa maneira, é imperativo que o sujeito pesquisador tenha acesso à palavra e, com isso, possa ser ouvido de forma alteritária pelo seu coletivo de trabalho, pelo orientador e pela banca avaliadora. Neste último caso, nas etapas do exame de qualificação e defesa pública da dissertação. Além disso, ao passo que os sujeitos pós-graduando(a)s, em possível condição de instabilidade emocional e enunciativa, discursivizam acerca de seus estados mentais durante o processo de construção de pesquisa alcançamos aspectos do real da atividade exercida em uma espécie de confrontação e autoconfrontação cruzada (CLOT, 2010), bem como pode se promover flexibilizações essenciais para a concretização das demandas acadêmicas.

Sentimentos, portanto, geram e são gerados por comparações, uma vez, que ao conhecer o trabalho dos colegas e ao realizar movimentos internos de confrontação a respeito de entraves ou desafios na construção de sua pesquisa, é possível que esse sujeito possa cobrar-se em demasia ocasionando práticas de atividade enrustida, e diminuição do poder de agir acompanhado por sintomas diversos de sofrimento, ansiedade, depressão e privação de sono, a exemplo:

Então, a atividade ‘enrustida’ em suspenso [em situação de sofrimento] inverte-se em desenvolvimento subjetivo, entendido como ampliação do raio de ação do sujeito em si e fora de si; com efeito, pode-se pensar como Ricoeur [(1990, p. 223)], que o sofrimento não é unicamente definido pela dor física ou mental, mas ‘pela diminuição — e, até mesmo, destruição — da capacidade de agir, do ser-capaz-de-fazer, experimentadas como ataque à integridade de si’ (CLOT, 2010, p. 116).

Portanto, mais do que ser franco com seu coletivo de trabalho, é fundamental que os sujeitos mestrando(a)s sejam francos consigo mesmos (FOUCAULT, 2006), exercendo movimentos de autoanálise constantes para que, então, possamos compreender melhor as fronteiras de atuação que nos cercam, bem como, perceber até onde se consegue chegar e, também, os limites que não são saudáveis cruzar. Dessa forma, o(a)s pesquisadore(as) em formação, em período de pós-graduação, podem exercer uma caminhada mais consciente durante o nosso percurso no interior do mestrado.

A franqueza discursiva e dialógica se figura, assim, em gestos de manobras caros para o(a) pós-graduando(a) no sentido do se estar em um estado de alerta para a (re)construção de saberes e efetivação da metaescrita, ou seja, uma escrita consciente, o que por sua vez leva à

metaconsciência, tendo em vista da consciência do pesquisador(a) tem da sua pesquisa (MENEGASSI, 2006). O deslocamento para a metaconsciência culminam, então, no (auto)(alter)conhecimento: de si e da sua pesquisa.

Tratamos, na sequência, do conceito de autocuidado e autoconhecimento resgatados em Foucault (2006), mas, por muito tempo, usado por filósofos gregos no período clássico, no intuito de relacioná-los ao sujeito pesquisador, para estimular discussões que possam promover mais equilíbrio entre as posições-sujeito e suas reverberações no processo de construção de pesquisa e dissertação de mestrado.

### **1.6. O autocuidado e o autoconhecimento como premissas para um saudável exercício de pesquisa**

Começamos esta seção imprimindo uma espécie de (re)leitura dos conceitos de *gnôthi seautoón* (conhece-te a ti mesmo) e *epiméleia heautoú* (cuidado de si mesmo), premissas delficas muito usadas pelos filósofos gregos e resgatada por Foucault (2006). Objetivamos também relacionar esses conceitos ao sujeito pesquisador e seu trabalho de pesquisa no interior do programa de mestrado acadêmico.

Entendemos, aqui, o *gnôthi seautoón* como a arte de se conhecer, de continuamente se autoavaliar em todos os momentos possíveis, o que implica mobilizar técnicas de autoconfrontação de si consigo mesmo na busca por entender suas capacidades e impossibilidades, de perceber os limites que podem ser ou não cruzados.

O “conhece-te a ti mesmo”, nessa ótica, é também responsável por calibrar a demasia dos desejos humanos, ou seja, é necessário se conhecer para poder ponderar acerca de aspectos como a busca desenfreada por conhecimento, vertendo para a capacidade de enxergar e focalizar questões apenas no que é necessário saber, bem como mobilizar (re)ações de (re)existência frente aos poderes totalitários (FOUCAULT, 2006).

Partindo desse viés, defendemos que os sujeitos mestrando(a)s devem carregar consigo e atualizar o exercício de se autoconhecer de forma contínua e confrontar, de forma benéfica, esferas psicológicas e cognitivas, para que, então, possam ter autoconsciência frente ao momento que se vive no âmbito acadêmico e, então, poder realizar os deslocamentos e atualizações necessárias para o efetivo cumprimento das atividades laborais de pesquisa e para a manutenção e conservação da saúde mental.

Uma segunda premissa délfica e, talvez, a mais relevante delas é o *epiméleia heautóu* ou “cuidado de si”, concebido como o cuidado com as questões da alma e do corpo, o preocupar-se consigo mesmo, uma atitude voltada para si e para o outros. Além disso, o cuidado de si se configura como um deslocar-se para si, voltar o olhar (que até então apenas observa o mundo) para perceber as nuances e conflitos próprios do pensamento. Segundo Foucault (2006, p. 14):

É preciso que te ocupes contigo mesmo, que tenhas cuidado contigo mesmo. A *epiméleia heautóu* é uma atitude para consigo mesmo, para com os outros, para com todo o mundo, cuidar de si mesmo implica que se converta o olhar que se conduza do exterior para...eu ia dizer o interior.

O cuidado de si não apenas promove o deslocamento e percepção de si, ele também se caracteriza pela preocupação com as questões da alma, o cuidado com o espírito, com a saúde psicológica e física, a fim de manter o bom funcionamento da mente e do corpo (FOUCAULT, 2006). O cuidado de si também se materializa em ações que o sujeito realiza em favor de si, seja no tempo que tira para descanso mental ou para tratamento psicológico que promove purificação simbólica e transformação desse sujeito.

Logo, levando em conta os estudos de Foucault (2006; 2008) acerca do cuidado de si e do conhecer-te a ti mesmo, podemos perceber que esses estão continuamente relacionados entre si, uma vez que quem se conhece, cuida de si e vice-versa. No âmbito acadêmico, conhecer-se e perceber as próprias limitações discursivas, linguísticas, físicas, psicológicas podem proporcionar à(o)s mestrando(a)s o autocuidado e a gestão de gestos de agência na, da e para a superação de lacunas.

Além disso, o autocuidado e o autoconhecimento são essenciais para a nossa construção e desconstrução da identidade interacional. Nas palavras de Modl (2015, p. 67): “[...] experiências, que promovam um olhar para si, fomentam um movimento de busca pertinente do eu e do não-eu e ao mesmo tempo do nós e não-nós”.

Assim, não menos importante que o autocuidado e o autoconhecimento é a capacidade de gerir o próprio tempo, ou seja, é preciso que os pós-graduandos possam entender e saber identificar o momento em que se está vivendo para que se realize as escolhas necessárias das atividades a serem realizadas durante o período do mestrado, bem como nos afastarmos, oportunamente, da demasia de tarefas em favor da saúde mental e da excelência de das pesquisas desenvolvidas no interior do programa, pois “um processo de auto-organização da subjetividade que está relacionado às necessidades do sujeito; e uma vez constituída em suas formas primárias, a subjetividade se converte, dentro de cada sujeito concreto, no próprio cenário de seu desenvolvimento” (MOLON SI, 2011, p. 616).

Como enfatiza Clot (2010), na Clínica da Atividade, ao realizar determinadas escolhas, o trabalhador deixa de realizar muitas outras. Voltando, então, o nosso olhar para o mestrado acadêmico, percebemos que ele se configura como um caminho desconhecido para os mestrando(a)s e que cada escolha desencadeia uma série de outras escolhas a serem tomadas, bem como outras que ficarão à margem deste caminho. Dessa forma, cabe a nós, pesquisadores, identificar lacunas, realizar novos movimentos de organização e agenciarmos nossas percepções e responsabilidades pelo que poderíamos ou deveríamos ter feito.

### **1.7. Minhas vivências como pós-graduando do PPGCEL e(m) motivações e atravessamentos da temática da pesquisa**

Os escritos, até este ponto, estiveram de maneira a exercitar o olhar exotópico do pesquisador, na tentativa de “enxergar com os olhos do outro e o de retornar à sua exterioridade para fazer intervir seu próprio olhar” (AMORIM, 2006, p.102),

Nesta seção, portanto, o “eu” pesquisador se coloca de maneira intimista para relatar a sua própria vivência no interior do PPGCEL e, assim, externar o caminhar do se fazer pesquisa, levando em consideração o nosso objeto de pesquisa.

Então, o pronome em primeira pessoa dos casos reto e oblíquo serão bastante evidenciados de maneira a externar aquilo que relataremos.

Ao iniciar o propósito, então, tomo para mim, como conceito de experiência, algo constitutivo da existência humana, o que além de alimentar a reflexão, se materializa na linguagem humana. Corroborando com Minayo (2012, p. 622), a experiência “diz respeito ao que o ser humano apreende no lugar que ocupa no mundo e nas ações que realiza”. Por fim, “o sentido da experiência é a compreensão: o ser humano compreende a si mesmo e ao seu significado no mundo da vida” (*loc. cit.*).

Assim que ingressei na graduação, percebi que tinha muitas dificuldades de me manter atento, de construir conhecimentos sistêmicos, de teorizar sobre essas construções e de materializá-las através da escrita acadêmica. Por vezes, fui sinalizado por não conseguir me manter em sala de aula, o que também acarretou uma trajetória irregular no curso de Letras Modernas da Uesb. Além disso, sempre tive que dividir minhas horas do dia entre trabalhar e estudar, o que também contribuiu para o surgimento de vulnerabilidades psicológicas, materializadas em sintomas de ansiedade, depressão, síndrome do pânico e distúrbio do sono (DEJOURS, 1992; BORSOI, 2007; COSTA; NEBEL 2018).

Ao final da Pandemia de Covid-19, consegui me graduar no curso de Letras Modernas e, em seguida, ingressar no PPGCEL. Essa foi uma conquista indescritível para mim, pois, não imaginava ser capaz de ir tão longe na carreira acadêmica, dada as minhas dificuldades cognitivas e posições-sujeito (FOUCAULT, 2006).

O mestrado sempre significou muito para mim, mas, infelizmente, eu só poderia cursá-lo se conseguisse uma bolsa de estudos para me manter durante os dois anos do curso. Além disso, por estar em período pandêmico e ainda em isolamento, conseguir uma bolsa seria fator indispensável para mim em todos os sentidos. Então, consegui a colocação necessária para ter a bolsa durante o mestrado, o que tornou a minha jornada mais facilitada no curso, tendo em ser bolsista pode ser considerada uma posição privilegiada dentro dos cursos de pós-graduação.

Entretanto, o mestrado exige um nível muito maior de concentração e de tempo de estudo para que possamos dar conta das demandas acadêmicas de maneira adequada, cumprindo assim os prazos de entrega de cada tarefa, bem como, conseguirmos escrever adequadamente a nossa pesquisa, vivenciando-a nas esferas teóricas e metodológicas (CLOT, 2010; HAN, 2015), o que se materializam em demandas comuns do curso de pós-graduação.

Foi, então, que me percebi ao longo do caminho, psicologicamente vulnerável, por vezes, me sentindo perdido em um emaranhado de posições de sujeito (FOUCAULT, 2006) e de pensamentos conflituosos acerca de todo processo de construção da pesquisa, escrita da dissertação e projeção das etapas do exame de qualificação e defesa pública da dissertação.

Diante de percalços, atrasos e uma trajetória muito aguerrida, todo esse processo foi vivido por mim de maneira solitária, o que influenciou a minha trajetória no decorrer da escrita da dissertação, uma vez que eu não conseguia compartilhar com minha orientadora tudo que estava acontecendo, de forma que as dúvidas foram aumentando cada vez mais e a escrita tomando rumos desconhecidos, pois, já não tinha mais certeza se estava no caminho certo, apenas escrevia, sem um planejamento linguístico-argumentativo adequado para organizar e empreender uma escrita coerente e objetiva ao meu tema de pesquisa. Isso culminou em inúmeras e complementares devolutiva da orientadora com muitas solicitações de reenquadre, revisão e aprimoramentos.

Compartilhar um pouco das minhas experiências ao longo do mestrado está me possibilitando realizar movimentos de autoanálise e deslocamentos conceituais importantes para (re)descobertas não apenas de minhas vulnerabilidades psicológicas (cf. seção 1.3), mas também do meu poder de (re)agir, ou seja, a cada externalização de minhas vivências vou (re)descobrir os limites que posso ultrapassar e exercendo o autocuidado e os reenquadres

necessários para entendimento do eu e do não-eu (FOUCAULT, 2006; MODL, 2015) neste processo.

Diante disso e consciente da minha motivação para cursar o mestrado e finalizá-lo com os deslocamentos teóricos e metodológicos necessários, acessos à metacsciência e a implementação do gesto de manobra da parresía foram fundamentais para que eu, junto com o meu coletivo de trabalho (orientadora, banca de qualificação e nossos pares) traçamos novas metas, prazos e caminhos de solução em uma clara prática do autocuidado

Então, questões positivas e contrapartidas precisam ser tematizadas, aqui, tendo em vista que fui bolsista, ou seja, trabalhei em condições privilegiadas e me atrasei, tendo vista a dificuldade do exercício da colaboração e disciplina. O PPGCEL, inclusive, flexibilizou muito para que eu chegasse aos fins dos escritos e que eles fossem substanciais. Assim, o (auto)(alter)cuidado que foi exercido por mim e pelo meu coletivo de trabalho possa servir de experiência positiva para os meus pares e para aqueles que ainda farão parte do corpo discente do PPGCEL.

Esta seção é encerrada como forma de defesa da importância da temática deste trabalho para mim, pois, a partir da geração de dados, advindos das interlocuções com os pares, pudemos mapear (cf. Capítulos 2 e 3) mais informações acerca do processo de construção de nossas pesquisas no interior do PPGCEL.

## CAPÍTULO 2: O CAMINHAR METODOLÓGICO

Compreendemos a metodologia como uma etapa da pesquisa que demanda cuidado e perícia do pesquisador. Nesse viés, é fundamental que se esteja nutrido de conhecimentos adequados para se fazer pesquisa, levando em consideração a realidade dos seus participantes, seus movimentos de (re)existências, bem como suas posições-sujeito (FOUCAULT, 2006; MINAYO, 2007)

Dessa forma, nosso trabalho tem como fio condutor metodológico fundamentos da Linguística Aplicada e da pesquisa qualitativa para o tratamento do *corpus* da pesquisa, conforme explica Minayo (2007, p. 14):

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade).

Pretendemos, através do presente trabalho aprender, compreender e interagir discursiva e cientificamente com os nossos pares, discentes do PPGCEL, assumindo que toda pesquisa não acaba com as conclusões ou dados mapeados, mas se renova a cada discussão sobre a temática que se faz em objeto de pesquisa.

Dessa forma, distanciamos-nos da atividade de pesquisa engessada, estática, que visa apenas decodificar informações e coletar dados para enquadrá-los em uma ótica positivista e quantitativa (MINAYO, 2007), mas sim, esforçamo-nos para submergir nas águas profundas da nossa subjetividade enquanto mestrando, também afetado por ideologia e discursos, para, então, compreendermos e trabalharmos o nosso objeto.

### **2.1. Compreendendo a pesquisa qualitativa como um campo metodológico maleável**

A partir do mapeamento das obras de Minayo (2012) e Flick (2004), compreendemos que o modelo qualitativo de produção de pesquisa leva em consideração as nossas interações enquanto participantes inseridos no trabalho de pesquisa, neste caso, na posição de mestrando(a) pós-graduando do PPGCEL. Nossas experiências e dizeres contribuem para a construção de nossa pesquisa, como evidencia Flick (2004, p. 25), “as subjetividades do pesquisador e daqueles que estão sendo estudados são parte do processo de pesquisa. O

pesquisador, o qual interpreta sua entrevista e a apresenta como parte de suas descobertas, produz uma nova versão do todo.”

Dessa forma, as relações subjetivas e afetivas, desde a proposição da problemática até a consumação do trabalho, após a análise dos dados, construídos ao longo da pesquisa, mostram-nos que as análises de dados não são imparciais, pois toda e qualquer investigação parte da compreensão e interpretação do próprio sujeito pesquisador, além disso, se relaciona com as experiências vividas pelo sujeito que participa da fase de campo, criando, também, um elo com o pesquisador como posição que se materializa na linguagem.

Como afirma Minayo (2012), e reiterado aqui, compreender é um elemento essencial para o exercício eficaz da arte de pesquisar de forma qualitativa. Para nossa pesquisa, compreender os acontecimentos vozeados pelo(a)s colaboradore(a)s, é fundamental se exercer a escuta alteritária, a partir das enunciações desses colaboradores sobre as etapas do curso de pós-graduação no diz respeito às suas vivências com os seus grupos de trabalho, ou mesmo, de forma intimista e solitária autoral e singular.

Conforme aponta Minayo (2012, p. 623):

Compreender é exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista que, como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento. Para compreender, é preciso levar em conta a singularidade do indivíduo, porque sua subjetividade é uma manifestação do viver total. Mas também é preciso saber que a experiência e a vivência de uma pessoa ocorrem no âmbito da história coletiva e são contextualizadas e envolvidas pela cultura do grupo em que ela se insere. Toda compreensão é parcial e inacabada, tanto a do nosso entrevistado, que tem um entendimento contingente e incompleto de sua vida e de seu mundo, como a dos pesquisadores, pois também somos limitados no que compreendemos e interpretamos.

Nesse viés, alicerçamos este trabalho nos moldes da pesquisa qualitativa por entendermos que nossas experiências, enquanto mestrando(a)s e nossas interlocuções sobre sentimentos como o de vulnerabilidade, permitem reflexões e deslocamentos acerca do tornar-se pesquisador, face a seus princípios e desafios discursivamente enunciados.

Entendemos, então, que todo trabalho de pesquisa se torna inacabado em sua essência, uma vez que o caminho trilhado em qualquer pesquisa se aloca em um tempo e espaço, em que ideias são passíveis de atualizações e contraposições, a fim de se construir conhecimentos de forma contínua e democrática.

Dessa forma, objetivamos, na próxima seção, empreender uma apresentação sintética dos construtos teóricos da LA e da LAC.



## 2.2. A Linguística Aplicada e a Linguística Aplicada Crítica na/para a construção da dissertação

Partindo do princípio de que a LA e a LAC se posicionam em seu campo de atuação como ciências que estudam de forma crítica o uso da linguagem a partir das interações humanas, percebemos que se caracterizam como ciências engajadas nas questões de uso da linguagem no dia a dia e voltam-se para a resolução dos problemas sociais (RAJAGOPALAN, 2003; MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2019). Sobre a LA, Rajagopalan, (2003, p. 12) enuncia que “não é a simples aplicação da teoria para fins práticos, mas pensar a própria teoria de forma diferente, nunca perdendo de vista o fato de que o nosso trabalho tem que ter alguma relevância. Relevância para as nossas vidas, para a sociedade de modo geral”.

Logo, entendemos a LA e LAC como ciências de cunho social pelo fato de que estão voltadas à produção científica que parte da análise da linguagem no seu contexto de materialização (BRUMFIT, 1997; SOUZA, 2021), levando em conta aspectos (extra)linguísticos, como marcas culturais e traços de vivências dos sujeitos. Sendo assim, a LA é configurada também como uma ciência que prioriza o olhar para a relação entre política, linguagem e sociedade (PENNYCOOK, 2008; MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2019) tratando os aspectos externos à língua como elementos fundamentais na construção do conhecimento, já que:

Se baseia na noção de que o conhecimento vem de algum lugar: o/a pesquisador/a e sua subjetividade são fundamentais. Assim, em vez de se pautar por distância crítica, [...], o apagamento do sujeito que pesquisa, uma LA crítica enfatiza a performance do/a pesquisador/a, entendendo que modos de falar, sentir, sofrer, gozar etc. são inseparáveis do ato de pesquisar” (MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2019, p. 713).

Outro fator que distingue a LA de outras ciências do campo da linguagem se faz visível quando analisamos a relação ou o tratamento que esta estabelece com o campo político já citado acima, uma vez que é impossível dissociar uma aprendizagem ou uma enunciação de discursos e ideologias e suas facetas políticas, sociais ou religiosas, por exemplo. Dessa forma, a LA se faz muito importante pelo fato de estar compromissada em compreender de forma científica, não apenas danos materiais físicos, por muitas vezes, camuflados por estruturas ideológicas (MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2019), mas também, se compromete a analisar e perceber aspectos que estão subentendidos ou silenciados nas esferas psicológicas e afetivas de todos envolvidos na linguagem:

A LAC [Linguística Aplicada Crítica] é bem mais do que a adição de uma dimensão crítica à LA. Ao contrário, possibilita todo um novo conjunto de questões e interesses, tópicos tais como identidade, sexualidade, acesso, ética, desigualdade, desejo, ou a reprodução de alteridade, que até então não tinham sido considerados como de interesse da LA (PENNYCOOK, 2008, p. 68).

Dessa maneira, entendemos que o labor do pesquisador está intrinsecamente ligado às suas habilidades cognitivas, discursivas, à sua performance e poder de agir, bem como às suas vulnerabilidades e estabilidades, instabilidades emocionais no decorrer do processo de pesquisa (CLOT, 2010; FLICK, 2004; MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2019).

Isso implica dizer que o trabalho do pesquisador está sujeito a oscilações a todo momento, bem como a atualizações no processo de construção, se constituindo em reflexos de vivências na posição de participantes de uma determinada investigação científica, uma vez que o ato de pesquisar experiências de sujeitos, no nosso caso, de pares pós-graduandos, especificamente, do mestrado, demanda constantes deslocamentos e atualizações (MINAYO, 2001).

É por isso que justificamos e defendemos o uso dos artifícios da LA para fundamentar a pesquisa, bem como para caracterizá-la de forma discursiva, uma vez que entendemos que o discurso é transpassado por ideologias, permitindo que a linguagem não seja transparente em sua essência, abrindo espaço para silenciamentos carregados de significação (FOUCAULT, 2008, INDURSKY, 2013). Cabe, então ao pesquisador, a responsabilidade de interpretação dos (não)dizeres dos sujeitos eleitos, sempre, pautados na ética na pesquisa.

### **2.3. A Ética como elemento fundamental do fazer pesquisa**

A partir de uma visão que nos possibilite compreender as nossas pluralidades e singularidades, mantemo-nos, enquanto pesquisadores, sensíveis e cuidadosos em todo processo da pesquisa, levando em conta que os sujeitos não apenas colaboram com a nossa pesquisa, mas vivenciam parte do processo com a materialização de suas experiências, podendo, assim, serem afetados positiva ou negativamente pelo trabalho discursivo promovido por nós, ocupantes da posição-sujeito pesquisador:

O sujeito ético encontra-se lugar como indivíduo no privativo, no preceito ‘conhece-te a ti mesmo’, mas também como sujeito que se define por sua ocupação ou mesmo sua disposição em relação às situações e aos vários domínios com os quais deve lidar,

questionar, agir e interagir, sendo assim um sujeito coletivo e responsabilizado por seus atos (GONTIJO, 2017, p. 153).

Entendemos, aqui, a ética como uma característica do próprio sujeito quando pratica e exerce o respeito a uma série de padrões que permitem a manutenção cultural de uma sociedade, bem como percebe como fio direcionador importante de sua caminhada, a relação entre as leis que fundamentam as condutas humanas e os sujeitos que as cumprem, diariamente, em seus ambientes de convivência social.

Assim, para a atividade de pesquisar, é necessário conceber a ética como elemento basilar durante todo o processo construtivo do trabalho, mas principalmente na abordagem dos colaboradores da pesquisa que contribuirão significativamente para a geração de dados, uma vez que é nessa etapa que temos acesso ao mais subjetivo de cada participante, pois eles estão por meio das questões postas para interlocução, externalizando aspectos vinculados a possíveis vulnerabilidades e conquistas no processo de construção do eu pesquisador.

A ética, nesse sentido, nos ajuda a calibrar os dizeres quanto a formas de abordagens, bem como, de quais maneiras as perguntas devem ser direcionadas aos participantes da pesquisa, prezando, sempre, pela ponderação linguística na elaboração das questões, estabelecendo uma relação de confiança entre pesquisador e colaborador, uma vez que o *corpus* do nosso trabalho encabeça um tema delicado de afetividade complexa, para o qual os participantes precisam se sentir seguros para discursivizar acerca de (in)seguranças frente ao mestrado acadêmico.

É importante dizer, aqui, que ao adentrarmos no campo da pesquisa para a geração dos dados, tratamos da temática do nosso estudo com os colaboradores, prezando pelo máximo de cuidado, empatia e alteridade, para não causar possíveis constrangimentos ou despertar gatilhos durante o processo de elaboração de resposta aos instrumentos de pesquisa, uma vez que, ao responder às nossas perguntas, os sujeitos da pesquisa estiveram realizando um processo de autoanálise, acessando, assim, memórias vividas ao longo de suas jornadas no interior do PPGCEL.

Dessa forma, cumprimos todos os requisitos estabelecidos pelas resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) 510/2016 e 466/2012, apresentando previamente o estudo aos participantes e colhendo suas respectivas assinaturas nos documentos cabíveis, dando início à geração de dados, visto que a pesquisa foi apreciada, aceita e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/CONEP), conforme parecer consubstanciado (cf. Anexo 1), cujo N° CAAE é o 59901522.9.0000.0055.

## 2.4. O campo da pesquisa

Nesta seção, descrevemos o campo da nossa pesquisa, ou seja, o lugar onde elegemos para ir para que pudéssemos gerar os nossos dados para as devidas análises e, assim, contribuir para a Ciência, no sentido de discursivizarmos sobre as nossas descobertas, obviamente, depois de um árduo trabalho de levantamento teórico e de realização de mapas conceituais que nos ajudaram, até aqui, a entender sobre os aspectos e conceitos que nos embasassem e trouxessem alicerces para a nossa caminhada em campo. Neste sentido, Minayo (2012, p. 623) nos ensina que:

É preciso imergir na realidade empírica na busca de informações previstas ou não previstas no roteiro inicial. Dirigir-se informalmente ao cenário de pesquisa, buscando observar os processos que nele ocorrem. O olhar analítico deve acompanhar todo o percurso de aproximação do campo.

A priori, o campo de pesquisa é um lugar físico para onde o pesquisador se desloca para a realização de sua pesquisa de campo e, conseqüentemente, para a aplicação de seus instrumentos, eleitos de maneira sistemática a depender do tipo de abordagem que se gostaria e se pretende fazer na interlocução com os colaboradores da pesquisa.

Apesar do nosso campo escolhido possuir um lugar físico com salas de aulas (exclusivas e compartilhadas), sala de reunião, locais para a secretaria e coordenação, entendemos que o(s) local(is) físico(s) não são o nosso foco, pois os nossos colaboradores são nossos pares: alunos do PPGCEL, da UESB.

A nossa justificativa e defesa para não nos encontrarmos com os colaboradores no campo físico e, sim, em uma sala do Meet ou por interações assíncronas em e-mails ou WhatsApp, se deu a partir da negociação com os próprios pares que se encontravam em diferentes estágios do curso, quais sejam: *(i)* recém ingressados; *(ii)* em vias ou recém-aprovados do/no exame de qualificação e *(iii)* em momentos que precedem a defesa pública da dissertação ou recém intitulados mestres.

Explicando: os sujeitos pertencentes ao item ‘i’ estavam, na ocasião, frequentando aulas no interior de uma sala do Programa para o cumprimento dos créditos. Já aqueles que tratamos nos itens ‘ii’ e ‘iii’ estavam em fase distintas de escrita da dissertação, seja para o exame de qualificação, para a defesa pública ou nos ajustes finais para entrega da versão final da dissertação. Logo, entendemos que a escrita do texto, salvo nas interlocuções com o(a) orientador(a) e com os sujeitos da pesquisa, é um movimento intimista, solitário, autoral e

singular, muitas vezes, materializadas “no aconchego do claustro” (BILAC, 2002) e que pode ser materializado de/em qualquer lugar e, por isso, apesar de estarem matriculados no Programa, não é na sala de aula que os encontramos (o que justifica a maneira de aplicação dos nossos instrumentos, conforme subseções 2.5.1 e 2.5.2).

Isso posto, socializamos que o nosso campo de pesquisa é o PPGCEL, da UESB, o qual discorreremos sobre, a partir de agora.

O Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens representa a confluência de percurso acadêmico e científico de docentes da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, das áreas de Linguística e Literatura, Educação, História e demais Ciências Humanas, com o propósito comum de aglutinar pesquisas e provocar a abertura de novos campos de conhecimento. Docentes pesquisadores do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários- DELL e do Departamento de História – DH convergiram em interesses científicos e construíram a proposta deste programa, que se amplia com a participação de pesquisadores das áreas de Ciências Humanas e Sociais (UESB, s.d.).

O programa foi criado em 31 de março de 2009, através da Resolução Consepe nº 20/2009. A última alteração em seu regulamento aconteceu em 11 de dezembro de 2020, através da Resolução Consepe nº 38/2020, a qual, dentre outras questões, reestruturou as linhas de pesquisa

#### **Linha 1: Estudos transdisciplinares das linguagens**

Esta linha de pesquisa aborda a linguagem como um fenômeno sociohistórico engendrado na necessidade de interações em suas múltiplas formas, podendo ser compreendida seja como prática da consciência dos sujeitos sociais, seja como exercício da função enunciativa em formações discursivas historicamente determinadas. Assim, conjugando análises diacrônicas e sincrônicas numa perspectiva transdisciplinar, a preocupação central dessa linha é a dimensão social e crítica da linguagem, privilegiando estudos que a articulem com outros domínios disciplinares como a política, a ideologia, a educação, o direito, a religião, o gênero, concebidos como representações e práticas discursivas, sociais e culturais, em distintas temporalidades e territorialidades.

#### **Linha 2: Literatura e interfaces**

Esta linha de pesquisa aborda o estudo de objetos literários em suas acepções consolidadas (poesia e prosa de ficção) e em acepções mais amplas (epistolografia, diários, biografias, autobiografias ou autoficções, literatura programática, parenética etc.), tendo em vista as articulações com outros domínios de saber e com outras convenções discursivas. A partir da consideração dos diversos dispositivos histórico sociais e culturais, que a literatura integra, os objetos de estudo são abordados sob distintas vertentes: retórica e poética; crítica, historiografia e história da literatura; estudos da escrita, leitura e circulação dos textos literários; literatura e psicanálise; crítica genética; estudos culturais; imaginários sociodiscursivos; memória e representações sociais; relações de poder e ficção; epistemologias feministas; estudos queer; literatura oral e escritas não hegemônicas; literatura, cinema e artes gráficas; narrativas de vida e escritas de si.

#### **Linha 3 – Linguística Aplicada: culturas, educação e linguagens**

Esta linha de pesquisa constitui-se em um espaço para se investigar responsivamente questões de natureza transdisciplinar vinculadas a letramentos, discursos, linguagens e culturas no enquadre de ensino-aprendizagens de línguas em contextos diversos,

bem como em outras práticas discursivas intercaladas com aspectos (inter)(intra)culturais em modos de enunciação e circulação de gêneros discursivos na sociedade. Assenta-se a investigação em abordagens (quanti)qualitativas, por meio da atualização de princípios teórico-metodológicos da Linguística Aplicada e da Linguística Aplicada Crítica, para gerar e aprofundar conhecimentos científicos nas e para as interrelações entre linguagens, culturas e interação (verbal, verbo-visual, social, didática, discursiva, dentre outras) em suas possíveis interfaces com a formação profissional inicial e continuada do professor de línguas, bem como de demais profissionais (UESB, s.d., grifos do autor).

Justificamos a descrição das linhas do programa para discursivizar que os nossos sujeitos da pesquisa são todos da Linha 3: Linguística Aplicada: culturas, educação e linguagens, tendo em vista que, o autor deste texto é aluno regularmente matriculado na referida linha de pesquisa. Contudo, antes de discorrermos sobre os colaboradores, trataremos, na próxima seção, dos instrumentos da pesquisa.

## **2.5. Instrumentos da pesquisa**

Elegemos dois instrumentos de pesquisa, sendo o primeiro instrumento, o questionário com questões objetivas e discursivas e as rodas de conversas, ambos, então, com aspectos discursivos, tendo em vista que “o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência” (MOLON SI, 2011, p. 618).

Optamos, então, pelo seguinte caminho: primeiro, disponibilizamos o questionário aos sujeitos (cf. seção 2.5.1 e 2.6) e, de posse das respostas, decidimos para quais sujeitos direcionaríamos o convite para a roda de conversa (cf. seção 2.5.2).

Esse nosso movimento de pesquisa caracteriza o questionário como “um instrumento de trabalho-filtro” (COELHO, 2011), uma vez que catalogadas “[...] as respostas nele registradas, pode-se passar, caso seja necessário, a uma etapa de entrevista, tendo-se já estabelecido uma amostragem de sujeitos a serem entrevistados (*loc. cit.*).

Trataremos, então, de forma detalhada dos instrumentos da pesquisa nas próximas duas subseções. Pela ordem cronológica de aplicação, iniciaremos pelo questionário.

### **2.5.1. O questionário**

O primeiro instrumento eleito é o questionário que continha, em seu formato, doze questões, sendo nove delas discursivas, com algumas delas contendo subperguntas que pudessem trazer informações relevantes sobre aquilo que buscávamos conhecer; e três objetivas

que mais diziam sobre o perfil dos sujeitos eleitos. A nossa escolha está fundamenta na “tentativa de acesso às informações importantes para a nossa pesquisa e na oportunidade que se dá ao sujeito de discursivisar espontânea e individualmente, de forma livre e muito tranquila” (ROCHA, 2018, p. 75), e tendo em vista

[...] a possibilidade de acesso, em um mesmo espaço de tempo, a posições de inúmeros sujeitos que, mesmo juntos em um dado espaço físico, se posicionam individualmente, o que garante ainda a regularidade de condições relativas ao momento de demanda de posição (contexto de aplicação do questionário), dificilmente alcançável com entrevistas (COELHO, 2011, p. 96).

É importante lembrar que todo instrumento utilizado para a realização de coleta e/ou geração de dados traz vantagens e desvantagens. Vejamos, então, a explicação de Amaral (2017) que, por sua vez, se fundamenta em Marconi e Lakatos (2003) e Gil (1999) para alinhar o seu desenho intelectual:

i) Das vantagens:

- i.1) atinge grande número de pessoas simultaneamente;
- i.2) economiza tempo e dinheiro;
- i.3) não exige o treinamento de aplicadores;
- i.4) garante o anonimato dos entrevistados, com isso maior liberdade e segurança nas respostas;
- i.5) permite que as pessoas o respondam no momento em que entenderem mais conveniente;
- i.6) obtém respostas mais rápidas e mais precisas;
- i.7) possibilita mais uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do instrumento;
- i.8) obtém respostas que materialmente seriam inacessíveis

ii) Das desvantagens:

- ii.1) perguntas sem respostas; exclui pessoas analfabetas;
- ii.2) impossibilita o auxílio quando não é entendida a questão;
- ii.3) dificuldade de compreensão pode levar a uma uniformidade aparente;
- iii.4) durante a leitura de todas as questões, antes de respondê-las, uma questão pode influenciar a outra;
- iii.5) em nosso enquadre, utilizamos perguntas abertas, o que pode ocasionar superficialidade nas respostas (AMARAL, 2017, p. 80-81).

Dadas as prerrogativas que nos autorizaram a utilizar o instrumento em destaque, passamos, agora, ao esclarecimento devido, explicando os nossos objetivos para a elaboração das questões para o instrumento. Antes, explicitamos o texto, o qual utilizamos para nos apresentarmos e dar alguns esclarecimentos aos sujeitos eleitos, conforme demonstrado no Quadro 1, a seguir:

**Quadro 1:** Apresentação do questionário

Caro(a) colegas mestrando(a), contamos com a sua colaboração para interagirmos neste questionário. É interessante que você disponha de um tempo para refletir de forma calma e, assim, expor percepções relativas e emergentes da sua interação com as perguntas deste questionário. Portanto, ele pode ser respondido em qualquer lugar e momento do dia que se mostrarem mais adequados à sua agenda pessoal. Pedimos apenas a sua contribuição para o envio/entrega de suas respostas até o dia 27 de novembro de 2022.

**Fonte:** Os autores

Em seguida, mesmo tendo os sujeitos assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme Apêndice 1, disponibilizamos um pequeno texto para que o sujeito pudesse recobrar a memória sobre a sua concordância em participar da pesquisa. O Quadro 2 elucida o que escrevemos, aqui.

**Quadro 2:** Excerto do TCLE no questionário**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE):**

Aceito, voluntariamente, participar desta pesquisa. Autorizo o uso das informações obtidas neste instrumento online para fins científicos, ciente que será preservado meu anonimato em quaisquer circunstâncias.

Sim

Não

**Fonte:** Os autores

Dada a faixa introdutória, apresentativa e legal do instrumento, podemos discursivizar sobre os nossos objetivos com cada (sub)perguntas que compõem o questionário. O Quadro 3 nos atende para esta finalidade:

**Quadro 3:** Objetivos delineados com as (sub)perguntas do questionário

<b>QUESTIONÁRIO DA PESQUISA</b>	
<b>Perguntas e subperguntas</b>	<b>Objetivo(s) delineado(s)</b>
<b>1. Conhecendo um pouco mais sobre você, colega:</b> Nome: Idade: Sexo: <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Prefiro não dizer	Conhecer o(a) colaborador(a) nas questões de vocativização, etariedade e gênero. Apesar de termos perguntado sobre o nome do sujeito, garantimos, em todo momento, que a sua identidade não foi e nem será revelada, obedecendo, assim as Resoluções CNS N <sup>o</sup> s 510/2016 e 466/2012.
<b>2. Qual é a sua cor ou raça (autodeclaração)?</b> <input type="checkbox"/> Amarela <input type="checkbox"/> Branca <input type="checkbox"/> Indígena <input type="checkbox"/> Parda <input type="checkbox"/> Preta <input type="checkbox"/> Prefiro não dizer	Entender o perfil do sujeito, segundo a sua autodeclaração étnica.



<p><b>3. Sobre sua formação acadêmica:</b>          Instituição de ensino superior:          Nome do Curso superior:          Ano de conclusão:</p>	<p>Mapear o caminhar acadêmico em nível de graduação do(a)s colaboradore(a)s e de onde ele(a) é egresso(a).</p>
<p><b>4. Na sua trajetória durante a graduação, participou de iniciação científica ou de outros grupos de pesquisa vinculados ou não ao seu curso? Se sim, responda, se possível.</b></p> <p>a. Ano de início e término de sua participação no interior do grupo de pesquisa:          b. Foi bolsista de alguma agência de fomento à pesquisa? Se sim, qual?          c. Como descreve sua experiência enquanto participante do grupo de pesquisa?</p>	<p>Compreender sobre o percurso em pesquisa do(a)s colaboradore(a)s, antes de ser aluno(a) regularmente matriculado(a) no PPGCEL, curso que dá o título de pesquisador(a) aos seus concluintes.</p>
<p><b>5. Sobre seu orientador(a), responda, se possível:</b></p> <p>a. Já o(a) conhecia antes de ingressar no programa de mestrado?          b. Já participou de algum grupo de pesquisa antes no qual seu/sua orientador(a) fez parte ou fomentou?</p>	<p>Estabelecer as relações entre orientador(a) e orientando(a), mesmo que ela já tenha acontecido antes da matrícula do pós-graduando no PPGCEL.</p>
<p><b>6. Em qual momento do mestrado você se encontra?</b></p> <p><input type="checkbox"/> Obtendo os créditos através das disciplinas no início do curso.  <input type="checkbox"/> Escrita da dissertação.  <input type="checkbox"/> Em pré-qualificação .  <input type="checkbox"/> Aprovado(a) no exame de qualificação.  <input type="checkbox"/> Aguardando a defesa da dissertação .  <input type="checkbox"/> Na etapa de defesa com a versão já entregue.  <input type="checkbox"/> Aprovado(a) na defesa pública.  <input type="checkbox"/> Trabalhando na versão final da dissertação para repositório do domínio público.</p>	<p>Descortinar em qual etapa do curso de pós-graduação o(a) mestrando(a) se encontrava quando ele(a) respondeu ao questionário.</p>
<p><b>7. Você é ou foi bolsista de alguma agência de fomento à pesquisa durante o mestrado? Se sim, qual é? Por quanto tempo?</b></p>	<p>Atinar sobre o possível financiamento público da pesquisa.</p>
<p><b>8. Você exerce/ exerceu alguma outra ocupação além do trabalho de pesquisa do mestrado? Se sim, qual?</b></p>	<p>Compreender se houve acúmulo de funções laborais (considerando o curso de pós-graduação como labor) durante o curso.</p>
<p><b>9. Em sua trajetória como pesquisador(a), houve momentos em que sentiu dificuldade de discursivizar? Se sim, discorra sobre os fatores que levaram a essa hesitação, caso isso não tenha acontecido, comente se possível.</b></p>	<p>Identificar possíveis vulnerabilidades psicológicas (cf. seção 1.3) nos sujeitos eleitos da pesquisa.</p>
<p><b>10. Para você, o que é fazer um mestrado? Quais são as etapas mais prazerosas e as etapas mais difíceis?</b></p>	<p>Constatar antagonismos identificados pelo(a) mestrando(a), enquanto aluno(a) do PPGCEL.</p>
<p><b>11. Quais são ou foram as cobranças do programa de pós-graduação? Liste-as, por favor. Como você se comporta/comportou frente a essas demandas? Na sua perspectiva, a que estamos submetidos pelo nosso Programa?</b></p>	<p>Perceber possíveis posicionamentos discursos frente ao caminhar acadêmico do(a) mestrando(a), tendo em vista o cumprimento das etapas e exigências do curso.</p>
<p><b>12. Considerando a etapa atual em que você se encontra no mestrado, como foram as etapas vividas até o presente momento? Em uma escala de 0 a 10, sendo zero muito fácil e dez muito difícil, qualifique as seguintes opções:</b>          Construção de conhecimento por meio das disciplinas obrigatórias e optativas do programa:  <input type="checkbox"/>1 <input type="checkbox"/>2 <input type="checkbox"/>3 <input type="checkbox"/>4 <input type="checkbox"/>5 <input type="checkbox"/>6 <input type="checkbox"/>7 <input type="checkbox"/>8 <input type="checkbox"/>9 <input type="checkbox"/>10</p>	<p>Ranquear, a partir da percepção dos sujeitos da pesquisa, as etapas vividas pelo(a)s mestrando(a)s, considerando o momento em que as respostas foram postas no questionário.</p>

Exame de proficiência em língua estrangeira: <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 6 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 8 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/> 10 Pré-qualificação <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 6 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 8 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/> 10 Pós-qualificação: <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 6 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 8 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/> 10 Permanência no campo para geração de dados: <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 6 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 8 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/> 10 Pré-defesa da dissertação <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 6 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 8 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/> 10 Pós-defesa da dissertação: <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 6 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 8 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/> 10 Ajustes para a publicação da versão final da dissertação: <input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 6 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 8 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/> 10	
---	--

Fonte: Os autores

Explicamos que o questionário foi disponibilizado individualmente para cada participante da pesquisa, totalmente *on-line*, através da plataforma *Google Formulário*<sup>6</sup>, sendo este passível de ser respondido em momento oportuno, desde que respeitada a data limite (cf. Quadro 3), para o pós-graduando, o que, em nosso olhar como pesquisador, pôde trazer mais conforto e tranquilidade. Vale ressaltar que os nomes reais dos participantes foram substituídos por códigos para que suas identidades fossem protegidas (cf. Resoluções CNS N<sup>o</sup>s 510/2016 e 466/2012).

Conforme explicamos, o questionário foi eleito elemento-filtro para a utilização do próximo instrumento de pesquisa: a roda de conversa, que é detalhada na seção 2.5.2, a seguir.

### 2.5.2. Roda de conversa

O segundo instrumento, como já anunciamos, foi a roda de conversa. Adamy *et al* (2018, p. 3300) nos autoriza e explica que a roda de conversa trata-se de

[...] método de ressonância coletiva que consiste na criação de espaços de diálogo, em que as pessoas se expressam, escutam os outros e a si mesmas, estimulando assim a construção da autonomia dos sujeitos por meio da problematização, do compartilhamento de informações e da reflexão para a ação.

<sup>6</sup> Serviço gratuito para criar formulários *on-line*. Nele, o usuário pode produzir pesquisas de múltipla escolha, fazer questões discursivas, solicitar avaliações em escala numérica, entre outras opções. A ferramenta é ideal para quem precisa solicitar feedback sobre algo, organizar inscrições para eventos, convites ou pedir avaliações (BIJORA, 2019).

A roda de conversa foi realizada através da plataforma digital *Google Meet*<sup>7</sup>, com duração de aproximadamente três horas, tempo para que os sujeitos pudessem ficar e sentir à vontade para discorrer sobre as suas perspectivas, a partir de cinco temáticas direcionadoras (cf. Quadro 4). É importante ressaltar que, no início do encontro, o pesquisador fez questão de frisar que ali era um ambiente seguro e que, reiteradamente, a identidade dos sujeitos seria preservada (cf. Resoluções CNS N°s 510/2016 e 466/2012).

Elucidamos, na sequência, as cinco temáticas direcionadoras, bem como os objetivos delineados que nos motivaram a elegê-las.

**Quadro 4:** Objetivos delineados com a temáticas direcionadoras da roda de conversa

<b>RODA DE CONVERSA VIA <i>GOOGLE MEET</i></b>	
<b>Temáticas direcionadoras</b>	<b>Objetivo(s) delineado(s)</b>
O que significa para você ser um(a) mestrado(a)? No começo, o que você visualizava que iria ser o mestrado? Como você se percebe no momento atual? Como você projeta suas expectativas após o término do mestrado?	Identificar posições discursivas atualizadas do sujeito mestrando(a) acerca do curso que ele(a) está matriculado(a), bem como projeto(s) de vida pós-defesa pública da dissertação.
Sobre o seu processo de construção, qualificação ou defesa da dissertação, poderia, se possível, compartilhar conosco pontos positivos e negativos?	Compreender ressonâncias no sujeito da pesquisa acerca das etapas que, de alguma maneira, se fazem em movimentos ritualísticos e importantes, na nossa perspectiva no curso de pós-graduação.
Como você tem visualizado a sua atuação como pesquisador(a) até o presente momento? O que você gostaria de dizer acerca do seu texto?	Mapear aspectos relativos à posição de sujeito pesquisador proposta pelo(a) pós-graduando(a).
Quais são, na sua opinião, as demandas acadêmicas do mestrado? Você tem conseguido lidar com todas elas?	Constatar, discursivamente, antagonismos identificados pelo(a) mestrando(a), enquanto aluno(a) do PPGCEL, bem como os seus gestos de manobras frente a eles.
Consegue ou conseguiu lidar tranquilamente com as suas posições enquanto sujeito mestrando(a) e as demais posições-sujeito que ocupa? Você contaria um pouquinho sobre?	Descortinar as posições plurais, subjetivas e intimistas, através da discursivização espontânea do(a) pós-graduando(a).

**Fonte:** Os autores

Foi possibilitado, então, aos sujeitos partícipes da roda de conversa, turnos de fala menos monitorados ou planejados sobre a temática da pesquisa, ou seja, acreditamos que uma fala mais espontânea pudesse evidenciar possíveis traços de vulnerabilidades psicológicas (cf. seção 1.3) por parte do(a)s mestrando(a)s, o que para nossa pesquisa é primordial, uma vez que, ao triangular os dados obtidos nos dois instrumentos, pudemos perceber momentos em que os mestrandos estiveram psicologicamente mais vulneráveis, bem como quais os sintomas dessas vulnerabilidades foram mais recorrentes durante a jornada do mestrando e, por fim, possíveis

<sup>7</sup> É uma das maiores plataformas de videoconferência do mundo, permitindo reunir diversas pessoas de maneira online. Com recursos de áudio, vídeo, legenda, compartilhamento de tela e outras funcionalidades, ele traz uma solução bastante atrativa e completa (VALINOR, 2022).

movimentos de reflexão mais coletivos a respeito do autocuidado durante a jornada do mestrado.

Como o questionário foi o primeiro instrumento de geração de dados e o elegemos como elemento-filtro (COELHO, 2011), explicamos que “foi necessário reduzir os participantes que seguiriam para a próxima etapa da pesquisa” (PEREIRA, 2023), a qual discorreremos nesta seção e, a partir da análise do questionário, cinco do(a)s dez colaborado(a)s foram convidado(a)s para a roda de conversa.

Então, socializamos a temática direcionada e a cada socialização, os sujeitos da pesquisa tinham o seu turno de fala com exclusividade para poder discursivizar como quisesse sobre a temática. Encerrada a primeira temática, a roda de conversa seguia para a segunda temática e, assim, sucessivamente, até esgotarmos as temáticas propostas. Ao final das interações, o pesquisador se posicionava no sentido de dar um *feedback* ao sujeito e agradecendo por sua disponibilidade em participar. Em nossa análise de dados, as respostas estão transcritas, de forma sumarizada, seguindo as seguintes convenções e agenciamentos: “temos a demarcação de: (i) pausa (...); (ii) alongamento de vogal (::); (iii) entonação enfática, aumento de tom de voz (MAIÚSCULAS); (iv) leitura de textos durante a gravação (“ ”); (v) hipótese do que se ouviu [ ] e, por fim, (vi) comentários descritivos do transcritor (( ))” (MODL, 2015a). Assim, então, será a composição dos nossos dados gerados que se construiu da maneira a qual explicitamos aqui.

### 2.5.3. Gravação audiovisual da roda de conversa

Durante a roda de conversa, segundo instrumento da nossa pesquisa, e no sentido que pudéssemos realizar devidamente as análises necessárias a partir da retextualização do texto oral para o escrito, via transcrição, realizamos a gravação do evento que gerou parte dos dados da nossa pesquisa. Obviamente, todos os sujeitos participantes concordaram com a gravação e ela foi explicitamente referenciada com a assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1).

Esse movimento importante na pesquisa de campo, então, nos permitiu os registros *ipsis litteris* das interações, ao invés da estaticidade promovida por, apenas, uma captura de tela:

Diferentemente da fotografia, que é uma imagem estática, o vídeo, assim como o filme de cinema, é essencialmente imagem em movimento [...] tanto a imagem filmica quanto o vídeo são imagens em movimento e, diferentemente da fotografia, apresentam ainda mais uma diferença significativa: permitem o registro simultâneo

da imagem e do som, ou melhor, das palavras. Enquanto a fotografia é uma imagem silenciosa, o vídeo e o filme são imagens falantes (KOHATSU, 2007, p. 67).

Logo, este gesto permite revisitar os registros tantas vezes forem necessárias. Explicados, então, os instrumentos que utilizamos na nossa pesquisa de campo, trataremos, no próximo excerto, do(a)s colaboradore(a)s da pesquisa.

#### **2.5.4. Triangulação dos dados**

Para além dos instrumentos que apresentamos até este ponto, optamos pela triangulação desses dados, tendo em vista que temos elementos suficientes para esse movimento:

A triangulação é método de localização de um ponto a partir de dois outros cuja distância entre si é conhecida, dados os ângulos do triângulo formado por três pontos. Por meio de repetida aplicação do princípio, se uma série de pontos forma os ápices de uma cadeia de triângulo em redes ou conectados, cujos ângulos são medidos, os comprimentos de todos os lados desconhecidos e as posições relativas dos pontos podem ser calculados quando o comprimento de um dos lados for conhecido. (CLARK, 1951, p. 145 *apud* FLICK, 2009b, p. 61)

Mesmo evidenciada a definição de um triângulo como forma geométrica, assumimos, aqui, esse conceito para definirmos um dos nossos movimentos de análise, uma vez que, se pensarmos no triângulo, o qual tem três pontas, em cada ponta se encontra um instrumento de pesquisa. Vejamos a nossa explicação: na primeira ponta, encontra-se o questionário, elemento-filtro da nossa pesquisa (COELHO, 2011); na outra ponta: a roda de conversa (ADAMY *et al* 2018; CAIRES, 2023) e, na última, a gravação audiovisual da roda de conversa (KOHATSU, 2007).

Ainda assim, podemos realizar o movimento de triangulação dos dados não necessariamente com três instrumentos. Esse tipo de análise pode ocorrer com dois deles, pois “a triangulação interna à própria abordagem, que consiste em olhar o objeto sob seus diversos ângulos, comparar os resultados de duas ou mais técnicas de coleta de dados e de duas ou mais fontes de informação, por exemplo” (MINAYO 2012, p. 625), tendo em vista que os sujeitos eleitos relacionaram-se interativamente (MATENCIO, 2001; COELHO, 2011; MODL, 2015a) com dois instrumentos.

#### **2.6. Os colaboradores da pesquisa**

Conforme explicamos na seção 2.4, o nosso campo de pesquisa se materializa no mestrado acadêmico, o qual tratamos, desde o início do texto, como PPGCEL, sigla oficial do programa, que faz parte do rol de cursos de pós-graduação da UESB.

Para além, esclarecemos que os nossos sujeitos eram alunos regularmente matriculados no curso antes referido, na ocasião da geração de dados, os quais ingressaram nos anos de 2020, 2021 e 2022 e foram aprovados através das Portarias N<sup>o</sup>s 771/2019, 182/2020 e 654/2001, respectivamente.

Para o entendimento do nosso movimento de eleição dos sujeitos para interlocuções na Roda de conversa, indicamos as subseções 2.6.1 e 2.6.2 que trazem os devidos detalhamentos.

### **2.6.1. População e amostra**

Explicamos que para a geração de dados com o instrumento 1, o questionário, dez sujeitos foram eleitos de maneira aleatória, todos pertencentes à Linha 3 – Linguística Aplicada: culturas, educação e linguagens, conforme já explicitamos na seção 2.4.

Adiante, a forma de escolha de sujeitos se justifica no fundamento da amostra aleatória simples que “é uma amostra de tamanho  $n$  desenhada a partir de uma população de tamanho  $N$  de tal maneira que cada amostra possível de tamanho  $n$  tem a mesma probabilidade de ser selecionada (*sic*)” (ANTUNES; PRAUN, 2011, grifos do autor). Então, com base no número de ingressantes na linha 3 do PPGCEL em 2020, 2021 e 2022, temos a população de tamanho  $N = 38$  e a nossa amostra, portanto, é  $n = 10$ .

É pertinente dizer que a amostra  $n$  abarca mestrando(a)s dos subgrupos das três turmas, as quais elegemos para o devido (re)direcionamento do nosso olhar como pesquisador (2020, 2021 e 2022), pois “cada subconjunto possível de indivíduos (amostra) tem a mesma probabilidade de ser escolhido que qualquer outro subconjunto de indivíduos” (*id.*). Essas escolhas nos proporcionaram a construção de um *corpus* com a participação de sujeitos em diferentes estágios do curso e com perspectivas plurais acerca do nosso objeto de pesquisa.

Devidamente tratadas e justificadas, as nossas escolhas pelo campo e amostra, elucidamos, aqui, que as (sub)perguntas de 1 a 9 do instrumento questionário nos permitiram traçar o perfil da nossa amostra, conforme demonstraremos na subseção a seguir.

### **2.6.2. Perfil da amostra**

A importância de se traçar e identificar o perfil dos sujeitos em pesquisa qualitativa nos permite visualizar de forma holística características substanciais do nicho contextual que elegemos. Por isso, “conhecer o perfil do público-alvo de um GF<sup>8</sup> é essencial para que toda a preparação [para análise] aconteça de melhor maneira, a fim de o debate ser profundo e proveitoso” (BRASIL *et al*, 2018, p. 237).

Na sequência, apresentamos sínteses das (sub)perguntas 1 a 9 do questionário centrais para o mapeamento do perfil dos colaboradores da pesquisa.

**Quadro 5:** Amostra

SUJEITOS DA PESQUISA		
Ingressantes em 2020	Ingressantes em 2021	Ingressantes em 2022
3 sujeitos	3 sujeitos	4 sujeitos
<b>Número de sujeito da amostra: n = 10</b>		

Fonte: Dados da pesquisa

Com a pergunta 1, propusemos-nos a conhecer um pouco do(a) nosso(a) colega mestrando(a) e, portanto, indagamos sobre a identidade vocativa, etariedade e gênero.

Acerca da identidade, elas serão mantidas em absoluto sigilo (cf. Resoluções CNS N<sup>o</sup>s 510/2016 e 466/2012), contudo, esses sujeitos eleitos serão identificados com os códigos para que possamos obedecer às normativas antes referidas, conforme demonstramos no Quadro 6.

**Quadro 6:** Identidade dos sujeitos da pesquisa

IDENTIFICAÇÃO DA AMOSTRA			
Sequência Identitária	SM	AAAA	Prenome fictício
<b>Significação</b>	Inicial das palavras Sujeito Mestrando(a), com as quais iniciaremos todas as sequências de códigos.	Quatro dígitos relativos ao ano de ingresso do(a) mestrando(a) no PPGCEL.	Todos os prenomes fictícios foram baseados na série estadunidense <i>Suits</i> , cujo autor tem afeição por tratar de temáticas sensíveis, a exemplo, a alta performance ao custo da saúde física e mental das personagens.
Cada fragmento do código é separado por ponto: ‘.’.			

Fonte: Dados da pesquisa

O Quadro 7 explicita a identidade de cada sujeito que compõe a amostra.

<sup>8</sup> Grupo Focal. Para as autoras, “constitui uma técnica de coleta dados que se baseia em interações grupais, ao se debater um assunto específico proposto pelo pesquisador (MORGAN, 1997 *apud* BRASIL, 2018, p. 223). Acreditamos que tem aproximação conceitual com o que denominamos de colaboradore(a)s da pesquisa (amostra) da/para a pesquisa.

**Quadro 7:** Sequência de identidade dos sujeitos da pesquisa

SEQUÊNCIA IDENTITÁRIA DA AMOSTRA
SM.2020.Donna
SM.2020.Rachel
SM.2020.Mike
SM.2021.Jessica
SM.2021.Katrina
SM.2021.Dana
SM.2022.Harvey
SM.2022.Samantha
SM.2022.Zoe
SM.2022.Monica

**Fonte:** Dados da pesquisa

Dadas as explicações identitárias dos colaboradores, trataremos das questões etárias, étnicas e de gênero. Vejamos, no Quadro 8, o que o questionário nos revela sobre as (sub)perguntas 1 e 2:

**Quadro 8:** Questões identitárias dos sujeitos da pesquisa

ETÁRIEDADE, ETNIA E GÊNERO DA AMOSTRA			
Sujeito	Idade	Etnia autodeclarada	Gênero
SM.2020.Donna	26	Branca	Não declarado
SM.2020.Rachel	36	Parda	Não declarado
SM.2020.Mike	26	Parda	Masculino
SM.2021.Jessica	41	Branca	Feminino
SM.2021.Katrina	44	Preta	Feminino
SM.2021.Dana	45	Branca	Feminino
SM.2022.Harvey	25	Parda	Masculino
SM.2022.Samantha	37	Parda	Feminino
SM.2022.Zoe	32	Parda	Feminino
SM.2022.Monica	26	Parda	Feminino

**Fonte:** Dados da pesquisa

Com base nas descobertas, ilustradas no quadro 8, percebemos que a nossa amostra revela que o alunado matriculado na Linha 3 do PPGCEL nos anos de 2020, 2021 e 2022 é, predominantemente, mulher, tem, em média, 33,8 anos e se autodeclara parda.

Chama-nos a atenção os sujeitos SM.2020.Donna e SM.2020.Rachel que não se sentiram à vontade para expor o seu gênero. Há duas possibilidades de interpretação, aqui, e ambas são inconclusivas: (i) a pergunta não foi respondida propositalmente, o que nos indica que questões de não identificação binária de gênero perpassem pelas características identitárias em, pelo menos, uma parcela do(a)s mestrando(a)s matriculados no PPGCEL<sup>9</sup> ou (ii) problemas de (desvantagens no) manejo do instrumento questionário, ou seja, a ocorrência de “perguntas

<sup>9</sup> Por não ser objeto de nossa pesquisa, podemos fazer a indicação para pesquisas futuras a serem realizadas no interior do programa.



sem respostas” (AMARAL, 2017, p. 81), como apontado na seção 2.5.1 como desvantagens do gênero questionário.

Descortinadas, então, algumas características dos sujeitos, seguimos para a o capítulo de análise.

Continuaremos nesse movimento de construção de perfil, uma vez que traremos informações que versam sobre o perfil dos nossos sujeitos eleitos com a justificativa de que são variáveis importantes para a compreensão do lugar enunciativo/ lugar de fala nas rodas de conversa.

As respostas à pergunta 3 do questionário que indagava os sujeitos da pesquisa acerca da sua formação acadêmica em nível da graduação estão dispostas no Quadro 9:

**Quadro 9:** Formação Acadêmica da Amostra

<b>FORMAÇÃO ACADÊMICA – GRADUAÇÃO (respostas <i>ipsis litteris</i>)</b>			
<b>Sujeito</b>	<b>Instituição de Ensino Superior</b>	<b>Nome do Curso</b>	<b>Ano de Conclusão</b>
SM.2020.Donna	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia UESB	Letras Vernáculas	2018
SM.2020.Rachel	UNIUBE- Universidade de Uberaba	Letras português- inglês	2016
SM.2020.Mike	UESB	PPGCEL	2024
SM.2021.Jessica	UNEB	Pedagogia	2009
SM.2021.Katrina	UNEB- Universidade do Estado da Bahia	Licenciado em Letras- Habilitação em Português e Literaturas de Língua Portuguesa	2004
SM.2021.Dana	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia	Pedagogia	2007
SM.2022.Harvey	UESB	Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens - PPGCEL	2024
SM.2022.Samantha	UESB	Mestrado em cultura e linguagens (ppgcel)	2024
SM.2022.Zoe	UESB	Comunicação social com habilitação em jornalismo	2015
SM.2022.Monica	Uesb	LINGUÍSTICA APLICADA: CULTURAS, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS - PPGCEL	2024

**Fonte:** Dados da pesquisa

A leitura do Quadro 9 revela que os sujeitos eleitos são egressos da UESB e da UNEB dos cursos de Letras (e diversas áreas) e Pedagogia da UESB, os quais, finalizaram o curso em 2013 (média dos anos de conclusão). As respostas dos sujeitos que iniciam com SM.2022 não puderam ser analisadas, pois, claramente, não houve o entendimento da pergunta, o que corrobora com Amaral (2017) sobre as desvantagens do uso do questionário e a possível análise inconclusiva das respostas nas condições que citamos.

Adiante, a pergunta 4, por sua vez, indagava aos sujeitos da pesquisa se ele(a)s, durante a graduação, fizeram parte de algum grupo de pesquisa vinculados ao curso. As subperguntas tratavam de ano de ingresso e saída, se havia o recebimento de bolsa e qual era a agência de fomento. Pedimos, também, que houvesse o relato da experiência. O que tratamos, aqui, está devidamente elucidado no Quadro 10:

**Quadro 10:** Participação da amostra em grupos de pesquisa durante a graduação

<b>PARTICIPAÇÃO EM GRUPO DE PESQUISA – GRADUAÇÃO (respostas <i>ipsis litteris</i>)</b>			
<b>Sujeito</b>	<b>Anos de ingresso e saída</b>	<b>Se bolsista: agência de fomento</b>	<b>Relato</b>
SM.2020.Donna	2015-2018	Bolsa Fapesb e bolsa UESB	Para mim, grupo de pesquisa auxilia no amadurecimento acadêmico do sujeito. No meu caso, foi essencial durante a graduação participar de grupos de pesquisa. Cresci acadêmica e profissionalmente. É uma oportunidade para aprofundarmos nosso estudo e também de alçarmos voos maiores dentro da Universidade.
SM.2020.Rachel			
SM.2020.Mike	2017	CAPES	Colaborou muito para o meu crescimento acadêmico
SM.2021.Jessica			
SM.2021.Katrina			
SM.2021.Dana			
SM.2022.Harvey	2018-2022	FAPESB	Uma experiência fundamental para que eu pudesse descobrir melhor o lado da pesquisa acadêmica. Consegui desenvolver um pensamento crítico em relação a muitas temáticas e abordagens, sem contar metodologias e meios de se pensar uma pesquisa acadêmica.
SM.2022.Samantha			
SM.2022.Zoe			
SM.2022.Monica	2017-2019	UESB	Foi uma experiência muito enriquecedora! Abriu as portas do mundo da pesquisa para mim. Foi por meio da Iniciação Científica que tive a oportunidade de apresentar trabalhos acadêmicos em eventos, pude viajar para outro estado, sem contar que a bolsa ajudou a manter financeiramente, naquela época!

**Fonte:** Dados da pesquisa

A primeira análise nos revela que 40% do(a)s colaboradore(a) participou de grupos de pesquisa durante a graduação, enquanto 60% não integrou nenhum grupo (vide as respostas em branco), sendo que todos aqueles que fizeram parte de grupos foram bolsistas, o que, em suma, mostra que o PPGCEL é o primeiro contato desses sujeitos com a pesquisa, visto que ao final do curso, esses alunos recebem o título de pesquisador, desde que haja a aprovação do texto no evento de defesa pública da dissertação.

Em terceira análise e de forma sumarizada, a nossa amostra revela indícios de que participar de um grupo de pesquisa trouxe ressonâncias positivas para as trajetórias acadêmicas

e avanços substanciais para o entendimento do que é estar na posição-sujeito (FOUCAULT, 2006) pesquisador.

Seguindo para o descortinamento das respostas à pergunta 5 do instrumento questionário, que versava sobre o possível contato com o(a) orientador(a) antes do ingresso no PPGCEL, vejamos o que elucida o Quadro 11:

**Quadro 11:** Relação prévia entre orientador(a) e orientando(a)

<b>SOBRE O(A) ORIENTADOR(A) (respostas <i>ipsis litteris</i>)</b>		
<b>Sujeito</b>	<b>Já o(a) conhecia antes de ingressar no programa de mestrado?</b>	<b>Já participou de algum grupo de pesquisa antes no qual seu/sua orientador(a) fez parte ou fomentou?</b>
SM.2020.Donna	Só a conhecia de ouvir falar, mas eu tentei ser bolsista no projeto de pesquisa dela, infelizmente, àquela altura, ela estava de licença.	Hoje participo do LaGaTT.
SM.2020.Rachel	Não	Não
SM.2020.Mike	Não	Não
SM.2021.Jessica	Não	Não
SM.2021.Katrina	Não	Sim , por um curto espaço de tempo.
SM.2021.Dana	Não. Pesquisei sobre a orientadora depois que passei.	Não. Para falar a verdade, não sei se ela faz parte de algum grupo, mas creio que não.
SM.2022.Harvey	Sim.	Sim.
SM.2022.Samantha	Sim	Não
SM.2022.Zoe	Sim	Não, mas fiz uma pós-graduação em inglês como língua estrangeira e ele foi meu professor em uma das disciplinas.
SM.2022.IV	Já sim!	Não!

**Fonte:** Dados da pesquisa

Percebemos, então, que o(a) aluno(a) ingressante da linha 3 do PPGCEL nos anos de 2020, 2021 e 2022 não teve qualquer contato com o seu orientador antes do referido ingresso. Entendemos, então, que o processo seletivo do PPGCEL foi às cegas e que esses candidatos foram selecionados pelo bom desempenho nas avaliações escritas e no anteprojeto entregue, o que fez com que despertasse o interesse do(a) orientador(a), conforme versam os editais de seleção para alunos regulares.

Ainda caminhando pelo instrumento questionário e com o intuito de traçar o perfil da nossa amostra, indagamos, no item 6 do instrumento antes referido, em qual etapa do curso, o sujeito se encontrava quando ele(a) respondeu ao questionário.

**Quadro 12:** Etapa do curso

<b>MOMENTO DO MESTRADO (opção escolhida pelo respondente)</b>	
<b>Sujeito</b>	<b>Escolha</b>
SM.2020.Donna	Aprovado(a) na defesa pública.
SM.2020.Rachel	Trabalhando na versão final da dissertação para repositório do domínio público.
SM.2020.Mike	Obtendo os créditos através das disciplinas no início do curso.
SM.2021.Jessica	Aprovado(a) no exame de qualificação.
SM.2021.Katrina	Em pré-qualificação.
SM.2021.Dana	Aprovado(a) no exame de qualificação.
SM.2022.Harvey	Obtendo os créditos através das disciplinas no início do curso.
SM.2022.Samantha	Obtendo os créditos através das disciplinas no início do curso.
SM.2022.Zoe	Obtendo os créditos através das disciplinas no início do curso.
SM.2022.Monica	Obtendo os créditos através das disciplinas no início do curso.

**Fonte:** Dados da pesquisa

Identificamos, portanto, que a nossa amostra está cumprindo as etapas do curso como se espera, tendo como base o ano de ingresso do(a) mestrando(a) no curso. Quem nos chama a atenção, ao verificarmos as respostas, é o sujeito SM.2020.Mike, o qual ingressou em 2020 e, tendo em vista a data da resposta ao questionário, ainda estava na etapa de obtenção dos créditos das disciplinas, enquanto os seus pares SM.2020.Donna e SM.2020.Rachel já receberam o título de mestre e, especialmente, a SM.2020.Rachel está trabalhando na versão final do texto para disponibilização em domínio público.

São amplamente divulgadas nas notícias televisionadas e nas mais diversas plataformas de disponibilização de conteúdos pagos e gratuitos, a dificuldades encontradas pelos pesquisadores, no país, no que diz respeito ao financiamento das pesquisas, ou seja, à disponibilização de bolsas para a pós-graduação para que o(a) pesquisador(a) possa se dedicar exclusivamente ao caminhar da pesquisa, sem ter que desenvolver outra atividade laboral e, ao mesmo tempo, garantir o seu sustento (cf. Seções 1.2 e 1.3). Essa garantia, então, se dá através de bolsas de fomento, disponibilizadas pelas mais diversas agências do estado e da União. Vejamos o que os dados nos indicam nos Quadros 13 e 14, os quais estão intimamente ligados.

**Quadro 13:** Incentivo à pesquisa

<b>BOLSA DE FOMENTO DURANTE O CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO (respostas <i>ipsis litteris</i>)</b>	
<b>Sujeito</b>	<b>Você é ou foi bolsista de alguma agência de fomento à pesquisa durante o mestrado? Se sim, qual é? Por quanto tempo?</b>
SM.2020.Donna	Só no último trimestre. CNPq.
SM.2020.Rachel	Não
SM.2020.Mike	Não
SM.2021.Jessica	Não
SM.2021.Katrina	Não
SM.2021.Dana	Não.
SM.2022.Harvey	Sim. Fapesb. Até então, pelo período de 6 meses (Maio-Novembro)
SM.2022.Samantha	Não
SM.2022.Zoe	Sim, por 1 e 6 meses
SM.2022.Monica	Não

**Fonte:** Dados da pesquisa

Aferimos, portanto, que os nossos sujeitos da pesquisa não tiveram acesso aos financiamentos de pesquisa e se o tiveram, foram por um período curto. Em complemento, almejamos identificar acerca do acúmulo de atividades laborais desenvolvidas ao longo do curso de pós-graduação.

**Quadro 14:** Labor extra curso de pós graduação

<b>ATIVIDADE LABORAL PARA ALÉM DO MESTRADO (respostas <i>ipsis litteris</i>)</b>	
<b>Sujeito</b>	<b>Você exerce/ exerceu alguma outra ocupação além do trabalho de pesquisa do mestrado? Se sim, qual?</b>
SM.2020.Donna	Eu pedi demissão do meu trabalho assim que passei na seleção. Optei me dedicar 100% ao curso. Hoje eu já atuo eu sala de aula.
SM.2020.Rachel	Sim, professora
SM.2020.Mike	Não
SM.2021.Jessica	Professora de 40 h do anos finais do Ensino Fundamental
SM.2021.Katrina	Sim, trabalho como professora.
SM.2021.Dana	Participei de curso de extensão da UNEB e da UFRB e de um grupo de pesquisa da UNEB.
SM.2022.Harvey	Não. Somente o mestrado.
SM.2022.Samantha	Não. Sou professora efetiva e no momento estou de licença para estudo. Recebo meu salário normalmente
SM.2022.Zoe	Professora de inglês particular e em cursos livres, também já dei aula no UPT de uma cidade vizinha e no SENAC aqui de vitória da conquista.
SM.2022.Monica	Sim! Sou professora de inglês e coordenadora de um curso de idiomas!

**Fonte:** Dados da pesquisa

Corroborando, então, com as respostas explicitadas no Quadro 13, a ilustração 14 revela que os sujeitos eleitos desenvolvem e têm compromisso laboral com outras atividades de garantia de sustento, o que entendemos não ser a situação ideal para um(a) pós-graduando(a), pois é um fator que pode estimular vulnerabilidades psicológicas (cf. seção 1.3) neste sujeito, tendo em vista todo engajamento e gestos de manobras que a pesquisa acadêmica requer.

Por fim, sintetizamos que o perfil da nossa amostra, revelado pelas respostas às (sub)perguntas de 1 a 8 do instrumento questionário é mulher, tem, em média, 33,8 anos, se autodeclara parda, é egressa do curso de Letras (e diversas áreas) e de Pedagogia, da Uesb, não participou de grupo de pesquisa durante a graduação, que não conhecia o(a) seu/sua orientador(a) antes do ingresso no PPGCEL, que está na fase que se espera do curso, tendo em vista o ano de ingresso, que não é bolsista de pós-graduação e que desenvolve outra atividade laboral de garantia de sustento, além do mestrado.

Traçado o perfil, passemos para o capítulo de análise de dados.

### **CAPÍTULO 3: ANÁLISE DISCURSIVA DOS DADOS**

Caminhamos, até aqui, acompanhados de nossa indagação inicial de pesquisa (MINAYO, 2012, p. 263), para guiarmo-nos durante a construção do trabalho que agora partirá para a análise dos dados de pesquisa.

O que, aqui, registramos materializa um olhar que visou perceber e levar em conta, nos dizeres dos sujeitos, novas informações ou facetas não previstas ou consideradas inicialmente. Deslocamentos, gestos de manobras e atualizações conceituais foram necessários para o trabalho discursivo de apresentar e problematizar fatos que possam ou não contradizer às apostas iniciais.

Vertemos, aqui, olhares sensíveis para as respostas advindas dos instrumentos de pesquisa (questionário e roda de conversa).

Começamos retornando ao nosso primeiro instrumento, o questionário. Conseguimos, no capítulo anterior, realizar uma primeira análise para que pudéssemos traçar o perfil dos sujeitos. Então, o retorno a esse instrumento se dá para que as demais análises possam ser feitas, as quais serão, por sua vez, subsídio de cotejamento quanto tratarmos a triangulação dos dados.

Em seguida, realizamos movimentos de análise dos projetos de dizeres dos participantes da roda de conversa. Gesto que entendemos ter sido fundamental para que o(a)s mestrando(a)s conseguissem discursivizar de maneira, menos orientada, mais livre. Essas análises foram, igualmente, fonte para a triangulação dos dados, terceira empreitada analítica para que possamos apresentar cotejos de aspectos que informam sobre as subjetividades dos colaboradores .

#### **3.1. Voltando o nosso olhar para o questionário**

De posse, novamente, do instrumento questionário para vertermos o nosso olhar de pesquisador. Vimos na seção 2.6.1 que as (sub)perguntas de 1 a 8 nos possibilitaram traçar um perfil da nossa amostra.

Nesta seção, analisamos as respostas às indagações de 9 e 10 no sentido de identificar possíveis vulnerabilidades psicológicas enunciadas pelos sujeitos, constatar antagonismos identificados pelo(a) mestrando(a), enquanto aluno(a) do PPGCEL, perceber posicionamentos frente ao caminhar acadêmico do(a) mestrando(a), tendo em vista o cumprimento das etapas e exigências do curso e, ainda, ranquear, a partir da percepção dos sujeitos da pesquisa, suas

avaliações das etapas vividas, considerando o momento em que as respostas foram postas no questionário. Igualmente no capítulo anterior, optamos por demonstrar as respostas *ipsis litteris*, tendo em vista que elas revelam indícios importantes para a nossa análise. Ainda assim, adicionamos marcações para destaque de evidências importantes para nós.

### 3.1.1. Instrumento 1 pergunta 9 – dificuldades em discursivizar

A questão 9 indagava sobre os momentos em que o(a)s mestrando(a)s apresentaram dificuldades em discursivizar. O Quadro 15 elucida os projetos de dizer dos sujeitos.

**Quadro 15:** Dificuldades do mestrando em discursivizar

<b>DIFICULDADES EM DISCURSIVIZAR (respostas <i>ipsis litteris</i>)</b>	
<b>Sujeito</b>	<b>Em sua trajetória como pesquisador(a), houve momentos em que sentiu dificuldade de discursivizar? Se sim, discorra sobre os fatores que levaram a essa hesitação, caso isso não tenha acontecido, comente se possível.</b>
SM.2020.Donna	<b>Em vários momentos eu tive dificuldade de discursivizar</b> , principalmente nos últimos meses de curso. Enfrentei muitas dificuldades durante a reta final. <b>Até mesmo na escrita final da dissertação.</b> Isso foi muito sério para mim, <b>as vezes eu tinha o conhecimento, mas eu não conseguia discursivizar devido à questões físicas/psicológicas.</b>
SM.2020.Rachel	<b>Não</b> , o ato inclusive me ajudou muito nos momentos difíceis.
SM.2020.Mike	<b>Não.</b> Sempre tive facilidade em exteriorizar determinados discursos.
SM.2021.Jessica	<b>Sim. Por vergonha de falar em público e por insegurança.</b>
SM.2021.Katrina	Em diversos momentos. <b>Acredito que seja um despreparo meu mesmo.</b>
SM.2021.Dana	<b>Muita. Entrei no mestrado durante o período pandêmico e estava muito fragilizada por 5 perdas em minha família (tios e primos). Havia procurado um psiquiatra para me ajudar com a ansiedade, a angústia e a falta de memória que estava sentindo.</b> Esperava que minha orientadora me auxiliasse no processo da escrita e análise de dados, mas não ocorreu. Essa parte foi muito difícil. <b>Escrever, pesquisar, ir a campo, tabular e analisar dados sem que a orientadora tenha lido ou instruído sobre a pesquisa.</b> Por fim, procurei outro professor da instituição (mas fora da linha de pesquisa dele) para ler a dissertação antes da defesa. Esse professor me ajudou demais, me levando para assistir todas as qualificações das bancas que era convidado a participar. Foi o que me deu um norte. Por fim, qualifiquei sem que a orientadora tivesse visto os slides ou lido minha tese. <b>Me apontaram erros básicos, me senti envergonhada.</b> Como se não fosse o bastante, a minha orientadora me avaliou com "razoável" nas disciplinas de metodologia de pesquisa. Achei um absurdo, pois ela nunca comparecia no dia agendado para orientação. Agora, estou finalizando o texto para defesa. Como na qualificação, ela também não leu nada. Pior é saber que a coordenação do curso sabe de tudo e não faz nada.
SM.2022.Harvey	<b>Sim.</b> O fazer pesquisa exige que você tenha uma tranquilidade e bagagem de conteúdo para pensar e executar algo. <b>Então, muitas vezes, o medo, a ansiedade, o receio do fracasso ou da não boa execução de algo, nos deixa com problemas aglomerados e podem nos levar a confusão/problemas de discursivizar sobre algo.</b> Assim vejo como isso tem acontecido comigo, que não me vejo como um pessoa muito ansiosa, mas que executar tudo muito bem e a tempo.
SM.2022.Samantha	Ainda <b>não</b> estou na parte da pesquisa. Estou cumprindo créditos das disciplinas.
SM.2022.Zoe	<b>Não necessariamente. Sempre fico um pouco nervosa antes de começar a apresentar um seminário</b> , porém acredito que consigo conduzir bem as ideias.
SM.2022.Monica	<b>Não sei</b> o que comentar!

**Fonte:** Dados da pesquisa



A partir das respostas ofertadas pelos sujeitos-pares, e em consonância com os estudos de FOUCAULT (2006; 2008), podemos tomar como ponto de partida o conceito de posições-sujeito para defender a ideia de que uma relação conflituosa entre as posições de sujeito dos mestrados pode interferir em etapas de maior tensão no interior do mestrado, uma vez que, cinco sujeitos: SM.2020.Donna, SM.2021.Jessica, SM.2021.Katrina, SM.2021.Dana e SM.2022.Harvey evidenciam a dificuldade de discursivizar em determinados momentos do curso, inclusive na escrita da dissertação.

Conforme nos relata SM.2020.Donna: *“Em vários momentos tive dificuldade de discursivizar, principalmente nos últimos meses de curso.”* e *“as vezes eu tinha o conhecimento, mas eu não conseguia discursivizar devido à questões físicas/psicológicas.”*

Podemos, então, inferir que se SM.2020.Donna esteve psicologicamente vulnerável por qualquer que seja o motivo dentro das posições que ela ocupa, certamente, essas vulnerabilidades são evidenciadas na linguagem.

Por isso, esclarecemos que várias formas de enunciação não remetem a um sujeito unificado, racional, dono de um discurso original, pelo contrário, evidenciam sua dispersão, sua fragmentação, ou seja, o sujeito é definido como um *status* (FOUCAULT, 2006). Isso implica dizer que o sujeito pode ocupar diversas posições nos planos de fala e essas inter cruzadas se manifestam em possíveis fatores potencializadores de momentos de dificuldade de discursivização em etapas de maior tensão por parte dos sujeitos da pesquisa, o que tratamos na seção 3.2.1.

No trecho enunciado pela mestranda SM.2021.Dana *“Muita. Entrei no mestrado no período pandêmico e estava fragilizada por perder cinco integrantes da minha família”* fica evidente que o fato de a mestranda ter sido acometida por cinco óbitos na família afetou todo seu processo de construção e discursivização em determinados momentos do curso. Nessa ótica, entendemos que a linguagem do outro não é apenas condição necessária para a constituição do sujeito, mas também, interfere e influencia nas (des)(re)construções diárias realizadas por este sujeito. (FOUCAULT, 2006; MOLON SI, 2011).

Para além, o fato de termos identificado a observação acerca da Pandemia de Covid-19 e o quanto ela influenciou na vida e na atividade laboral acadêmica do sujeito SM.2021.Dana, percebemos que a Pandemia ainda causa ressonâncias na vida da população mundial.

É notado que a ansiedade, a inibição, vergonha e angústia são fatores de vulnerabilidade psicológica que afetam diretamente a capacidade de discursivização do sujeito (DEJOURS, 1992; JACQUES, 2003; CLOT, 2010). Assim como fica evidenciado nas respostas das

mestrandas SM.2021.Jessica e SM.2021.Katrina, quando afirmam que tiveram, em diversos momentos, dificuldade de tematizar em decorrências de fatores como medo de falar em público, insegurança, sentimento de incapacidade e/ou despreparo.

Percebemos, então, responder a questões como essa levam a movimentos de metacognição e metaconsciência (MENEGASSI, 2006; PALIS, 2012). Para além, a autocobrança em demasia, evidenciada em falas como *“Sim. Por vergonha de falar em público e por insegurança”*, de e SM.2021.Jessica e *“Então, muitas vezes, o medo, a ansiedade, o receio do fracasso ou da não boa execução de algo, nos deixa com problemas aglomerados e podem nos levar a confusão/problemas de discursivizar sobre algo”*, de SM.2022.Harvey como instrumento de autoafirmação, pode emergir de uma resposta a discurso de exploração capitalista, camuflada internamente pelo sujeito como dificuldade em significar o próprio trabalho (CLOT, 2010; FARO, 2013; ANTUNES; PRAUN, 2015; HAN, 2015).

O que se alinha ao dizer de SM.2022.Harvey quando afirma que: *“[...] muitas vezes, o medo, a ansiedade, o receio do fracasso ou da não boa execução de algo, nos deixa com problemas aglomerados e podem nos levar a confusão/problemas de discursivizar sobre algo. Assim vejo como isso tem acontecido comigo, que não me vejo como uma pessoa muito ansiosa, mas quer executar tudo muito bem e a tempo”*. Nesse trecho, fica evidente sinais de uma autocobrança por parte do mestrando, acarretando sofrimento psicológico (DEJOURS, 1992; HAN, 2015).

O sujeito precisa gerir sua própria aprendizagem, prever situações adversas e realizar o trabalho de escrita de forma sistematizada, planejada e consciente. A linguagem é reconhecida como atributo próprio do homem e sendo própria ao homem a linguagem é concebida como instância viva e evolutiva (BAKHTIN, 2014; MOLON SI, 2011).

Os sujeitos da Turma 2022, SM.2022, não se colocaram se forma tão passional quanto os outros, tendo em vista, acreditamos, o seu recém-ingresso no curso de pós-graduação e ainda por estarem realizando o processo de ambientação e conhecendo o cenário do Programa na ocasião das interlocuções. Logo, os sujeitos, que já estão há mais tempo no curso, conseguem revelar indícios de um caminhar com mais tensões.

A resposta de SM.2022.Monica é um exemplo de resposta evasiva e, por isso, difícil de ser analisada.

### **3.1.2. Instrumento 1 Pergunta 10 – Etapas**

A questão 10 indagava sobre a representatividade do mestrado na vida dessas pessoas e ainda pedia que dissessem o que foi mais e menos intenso no interior do curso. O Quadro 16 organiza as posições discursivas.

Quadro 16: Etapas

ETAPAS (respostas <i>ipsis litteris</i> )	
Sujeito	Para você, o que é fazer um mestrado? Quais são as etapas mais prazerosas e as etapas mais difíceis?
SM.2020.Donna	O mestrado para mim foi uma das melhores fases da minha vida. <b>Eu lutei muito por isso</b> . No dia que recebi o resultado da 3º fase do processo de seleção, <b>eu sofri um acidente</b> . Naquele momento parecia que seria inviável, outra vez, dar continuidade ao meu sonho. Mas quando é chegado o momento não tem jeito. Superei essa dificuldade e segui em frente. Eu mudei tanto de 2020 (início) para cá. <b>O mestrado foi o meu refúgio durante a pandemia</b> . Eu chorava por não aguentar mais ficar em casa. Porém, <b>depois de me reunir com os meus colegas eu ficava feliz e com a sensação de que eu estava valorizando meu tempo e canalizando minhas energias em coisas boas para mim</b> . A etapa mais prazerosa foi o início, principalmente em fevereiro de 2020, quando tivemos a oportunidade de termos duas semanas de aulas presenciais! <b>A etapa mais desafiadora com certeza foi a produção de dados de pesquisa/ pesquisa em campo</b> . Muitas adversidades, coisas que não estão sob nosso controle.
SM.2020.Rachel	Uma atividade <b>muito difícil e com muitas exigências</b> . As etapas mais prazerosas foram a pesquisa de campo e as apresentações. <b>Mais desafiadora foi a pandemia do covid 19 com isolamento</b> .
SM.2020.Mike	É atingir a <b>meta se adquirir um nível maior de conhecimento específico</b> . A escrita de artigos em diferentes disciplinas.
SM.2021.Jessica	<b>É uma grande realização profissional e pessoal</b> . O momento mais desafiador foi o <b>ingresso em um mestrado em Letras</b> , sendo que não sou da área e o mais <b>prazeroso foram as discussões em sala de aula nas disciplinas cursadas ao longo do mestrado e, também, a qualificação</b> .
SM.2021.Katrina	Para mim especificamente um <b>superar de limites constante</b> . Foram vários momentos prazerosos dos quais posso destacar o momento da <b>aprovação</b> , o cursar de algumas disciplinas, a interação com a turma, foram vários encontros de muita aprendizagem. Em relação ao momento <b>mais desafiador está sendo a escrita do TCC</b> .
SM.2021.Dana	Fazer mestrado é ter o <b>conhecimento aprofundado</b> em um determinado assunto que vc irá estudar, qualificar e defender. <b>Cursar as disciplinas</b> , conhecer novas pessoas, fazer amizade com professores renomados foi a parte boa. <b>É desafiador escrever e não ter retorno do seu orientador</b> . É como se vc estivesse só durante a etapa mais difícil do processo.
SM.2022.Harvey	Até então, creio que está sendo o <b>exercício de escrita da introdução da dissertação</b> , já que entra em um gênero novo de escrita; a dissertação e o mestrado, por si só, traz um peso de necessidade de autonomia para o mestrando que lhe preocupa muito, as vezes, quando o assunto é uma boa execução.
SM.2022.Samantha	Para mim fazer o mestrado é me <b>aprofundar um tema do meu interesse</b> . Melhores momentos foram o consegui <b>admiração de uma professora no sucesso de uma apresentação</b> numa disciplina. E no momento me encontro com um pouco de <b>stress pela exigência</b> de uma professora frente à algumas leituras.
SM.2022.Zoe	É uma excelente oportunidade para entrar na <b>carreira acadêmica</b> , é também uma forma de <b>especializar</b> e fazer leituras que talvez não fossem possíveis fora desse "lugar". Um excelente espaço para <b>interação</b> e trocas entre professores, alunos e colegas.
SM.2022.Monica	Fazer mestrado é empenhar-se em buscar <b>possíveis soluções</b> , ou ao menos, sugerir propostas, para questões atreladas a alguma área do conhecimento. Creio que um(a) <b>pesquisador(a) é sempre um buscador de respostas!</b>

Fonte: Dados da pesquisa

Seguindo o nosso trabalho de análise, é primordial levar em conta o cenário social no qual a pesquisa acontece (CELANI, 1992; BRUMFIT, 1997; SOUZA, 2021), uma vez que esse recorte nos possibilita mapear possíveis surgimentos de vulnerabilidades psicológicas nos diversos contextos, a exemplo da Pandemia de Covid-19.

Compreendemos que a conquista da aprovação no mestrado é, por vezes, a realização de um sonho (como lido na resposta de SM.2021.Jessica), tendo em vista o anseio do sujeito em receber o título de pesquisador. Notamos na resposta da mestranda SM.2020.Donna evidências de toda sua jornada no interior do mestrado se deu quase que completamente de forma remota devido ao período pandêmico, indícios encontrados, também, na resposta de SM.2020.Rachel. SM.2020.Donna segue um pensamento linear e relata vulnerabilidades que antecederam o seu ingresso no programa, bem como a sua capacidade de fazer das suas limitações força motriz para seguir em frente (CLOT, 2010). Como citamos, no caso desse sujeito, o período pandêmico agravou seu trabalho de pesquisa, pois potencializou sentimentos de solidão e incerteza, tornando, assim, sua jornada ainda mais desafiadora.

Elementos da parresía (FOUCAULT, 2006) são evidenciados em toda resposta de SM.2020.Donna, tendo em vista a riqueza de detalhes que a sua resposta traz o que indica indícios de autoconfrontação cruzada (CLOT, 2010).

Ao longo do Quadro 16, temos enquadres diversos, mas percebemos que os momentos de conquistas e reconhecimentos durante os percursos são os mais evidenciados. Logo, notamos que há o autoconhecimento (FOUCAULT, 2006).

Um destaque para o sujeito SM.2022.Samantha que, ao dizer que *“melhores momentos foram conseguir admiração de uma professora no sucesso de uma apresentação numa disciplina”*, evidencia a importância de que o reconhecimento do trabalho proporciona.

O fato de SM.2021.Jessica, SM.2022.Zoe e SM.2022.Monica não demonstram, em suas respostas, aspectos mais intimistas.

Para além da resposta científica que o pesquisador formula à sua pergunta de pesquisa, o mestrado mostra-se como uma forma de ascensão profissional no meio acadêmico e isso fica evidente por meio da fala de SM.2022.Zoe quando expõe que: *“É uma excelente oportunidade para entrar na carreira acadêmica”*, o que demonstra o seu interesse laboral no ensino superior (BORSOI, 2007).

Por fim, tendo em vista que cada sujeito terá uma posição única, a depender da sua perspectiva e campo de visão (MOLON SI, 2011), nesta subseção, notamos, posições antagônicas e paradoxais dos sujeitos em respostas à 10ª pergunta.

### 3.1.3. Instrumento 1 Pergunta 11 – Cobranças

Com o intuito de evidenciarmos posicionamentos frente ao caminhar acadêmico do(a) mestrando(a), tendo em vista o cumprimento das etapas e exigências do curso, convidamos os sujeitos, através da pergunta 11 do instrumento questionário, a listar as exigências do curso e como se sentiram frente às cobranças oriundas de um processo que está pautado com cumprimento de prazos.

Quadro 17: Cobranças

<b>COBRANÇAS (respostas <i>ipsis litteris</i>)</b>	
<b>Sujeito</b>	<b>Quais são ou foram as cobranças do programa de pós-graduação? Liste-as, por favor. Como você se comporta/comportou frente a essas demandas? Na sua perspectiva, a que estamos submetidos pelo nosso Programa?</b>
SM.2020.Donna	<b>Devido à Pandemia, não tenho nada a dizer sobre o Programa.</b> Ficamos o tempo de curso inteiro dentro de casa, então a interação era sempre online. Cumpri com todas as exigências.
SM.2020.Rachel	<b>As aulas, os seminários, os artigos, os estudos, a escrita da dissertação e as apresentações.</b> Me senti pressionada é muito atarefada, estamos submetidos a muito trabalho, cobrança e pressão.
SM.2020.Mike	Com professores renomados, <b>o ppg está indo regulamente bem</b>
SM.2021.Jessica	<b>O programa apresentou um planejamento com as datas para serem seguidas para cada etapa da pesquisa.</b> Eu, particularmente, como estou de licença do trabalho, ainda, <b>não tive dificuldades para acompanhar a programação e confesso ter surpreendido positivamente com o acolhimento por parte dos professores e colegas do mestrado</b> , pois imaginava algo mais frio. Sou muito grata pela orientadora que tenho, uma profissional competente, comprometida e cuidadosa, com quem tenho aprendido bastante! 🙌
SM.2021.Katrina	<b>Quanto a isso foi tranquilo.</b>
SM.2021.Dana	<b>Achei as exigências bem tranquilas e possíveis de serem feitas.</b> Publiquei artigos, fiz as horas necessárias de atividades extras como apresentação em seminário, simpósios, curso de extensão, etc. Até o tirocínio, que não é obrigado pq não sou bolsista, foi uma experiência boa. Apenas o tempo de curso que foi diminuindo, pois iniciamos em maio e o programa nos desligará em março.
SM.2022.Harvey	<b>Se as exigências, envolvem a postura do mestrando no programa, eu creio que seja voltado para uma maior participação em grupos de estudo, eventos etc.,</b> já que, a nota do programa depende, também, muito dos alunos e sua caminhada durante o mestrado.
SM.2022.Samantha	<b>No momento vivo um momento difícil. Em que uma professora está pedindo 3 resenhas de 3 textos para entregar em pouco tempo.</b> Tenho tentado abstrair p não ficar ansiosa, porque faço tratamento contra a ansiedade.
SM.2022.Zoe	Até onde eu sei é exigido uma carga horária de disciplinas a serem cumpridas, é necessário uma publicação de um artigo em uma revista e também o cumprimento do tirocínio docente. <b>Até então estou finalizando as disciplinas obrigatórias e foi mais tranquilo do que eu imaginei que seria,</b> são poucas disciplinas e parte delas foram ministradas de forma remota.
SM.2022.Monica	<b>Várias foram as exigências,</b> como assistir a determinadas aulas e, conseqüentemente, realizar determinadas atividades. Além disso, é exijo publiquemos dois artigos e, a depender da sua pesquisa, que envie o seu projeto para o comitê de ética. Esta, para mim, está sendo a etapa mais desafiadora até o momento.

Fonte: Dados da pesquisa

Ao analisarmos as respostas dispostas no Quadro 17, podemos ver que há divergência nos projetos de dizer que se dividem em dois grupos: um grupo menor que percebe as exigências como atravessamentos e possíveis causadores de angústias e vulnerabilidades psicológicas, condições desfavoráveis para a realização do trabalho de pesquisa no interior do curso de pós-graduação (ANTUNES; PRAUN, 2015) e outro maior que trata as exigências com tranquilidade.

Sobre o primeiro grupo, evidenciam-se as falas de SM.2020.Rachel “*as aulas, os seminários, os artigos, os estudos, a escrita da dissertação e as apresentações*” e SM.2022.Monica “*é exijo (sic) publiquemos dois artigos e, a depender da sua pesquisa, que envie o seu projeto para o comitê de ética (sic)*”. Esses dois excertos apontam para uma percepção de sobrecarga (PINZÓN, 2020). SM.2022.Samantha declara que são “*várias foram as exigências*”.

As explanações desses sujeitos trazem reflexos do capitalismo, imbricados na educação nacional, reduzindo esse coletivo ou indivíduos a uma sociedade do desempenho (ANTUNES; PRAUN, 2015; HAN, 2015).

Já o segundo grupo mostra-se em posição oposta, SM.2020.Mike declara que “*o ppg<sup>10</sup> está indo regulamente bem*”, já SM.2021.Jessica pondera: “*o programa apresentou um planejamento com as datas para serem seguidas para cada etapa da pesquisa*”. SM.2021.Dana afirma “*achei as exigências bem tranquilas (sic) e possíveis de serem feitas*”. Inferimos, então, que esses sujeitos não avaliam as condições a serem cumpridas como causas de possíveis vulnerabilidades psicológicas, assumem uma visão sistêmica de todo trajeto.

O cuidado de si, no sentido do planejamento, cumprimento e avaliação de tarefas promovem uma preocupação com as questões da alma, o cuidado com o espírito, com a saúde psicológica e física, a fim de manter o bom funcionamento da mente e do corpo (FOUCAULT, 2006).

O Quadro 17 condensa posições distintas, diversas, aproximadas e afastadas. Por esse motivo, realizamos os destaques na própria ilustração para facilitar a visualização do leitor, o que fizemos em todos os quadros. O sujeito SM.2022.Harvey diz que “*se as exigências, envolvem a postura do mestrando no programa, eu creio que seja voltado para uma maior participação em grupos de estudo, eventos*”. Igualmente, SM.2022.Zoe revela: “*até então estou finalizando as disciplinas obrigatórias e foi mais tranquilo do que eu imaginei que seria*”.

---

<sup>10</sup> Sigla para Programa de Pós-Graduação.

Essas posições de sujeito (FOCAULT, 2006) se deslocam daquilo que pensamos serem possíveis causas de vulnerabilidades psicológicas (DEJOURS, 1992; BORSOI, 2007; COSTA; NEBEL 2018), pois há o entendimento do percurso, o que denota capacidade de enxergar e mobilizar (re)ações de (re)existência frente aos poderes totalitários (FOCAULT, 2006). Os sujeitos participantes da pesquisa apontam estarem dando conta das demandas acadêmicas de maneira adequada, cumprindo prazos de entrega de cada tarefa (CLOT, 2010; HAN, 2015).

Obviamente, esforçamo-nos para produzir agrupamentos nas respostas, pois entendemos que cada resposta é única, já que advém de um sujeito único atravessado por diversas esferas sociais.

### 3.1.4. Instrumento 1 Pergunta 12 – *Ranking*

A última pergunta do instrumento questionário pedia que os respondentes ranqueassem as fases do curso, considerando uma escala de 0 a 10, sendo zero muito fácil e dez muito difícil. O Quadro 19 ilustra o ranqueamento de forma holística, já o Quadro 20 ranqueia o curso por suas etapas e, ainda, o Quadro 21 nos mostrará como os sujeitos se posicionam, de forma ranqueada frente ao curso.

Para que isso fosse possível, elaboramos o Quadro 18 com as opções que demos no questionário e que são linha de destaque no Quadro 19, mas que se estivessem sido escritas nesta última ilustração, ficaria semioticamente desagradável para leitura.

**Quadro 18:** Códigos das etapas do Quadro 19

<b>CÓDIGO</b>	<b>OPÇÕES</b>
A	Construção de conhecimento por meio das disciplinas obrigatórias e optativas do programa
B	Exame de proficiência em língua estrangeira
C	Pré-qualificação
D	Pós-qualificação
E	Permanência no campo para geração de dados
F	Pré-defesa da dissertação
G	Pós-defesa da dissertação
H	Ajustes para a publicação da versão final da dissertação

**Fonte:** Dados da pesquisa

**Quadro 19:** Ranqueamento geral

<b>RANQUEAMENTO</b>									
Considerando a etapa atual em que você se encontra no mestrado, como foram as etapas vividas até o presente momento? Em uma escala de 0 a 10, sendo zero muito fácil e dez muito difícil, qualifique as seguintes opções:									
Sujeito \ Opções	A	B	C	D	E	F	G	H	Média
SM.2020.Donna	8	7	7	7	9	10	8	9	<b>8,1</b>
SM.2020.Rachel	2	0	7	2	2	8	2	1	<b>3,0</b>
SM.2020.Mike	8	7	8	0	5	6	0	0	<b>4,2</b>
SM.2021.Jessica	7	10	8	9	8	9	9	9	<b>8,6</b>
SM.2021.Katrina	8	5	10	10	8	10	10	10	<b>8,8</b>
SM.2021.Dana	5	5	8	8	2	8	8	8	<b>6,5</b>
SM.2022.Harvey	6	5	6	5	5	5	5	5	<b>5,2</b>
SM.2022.Samantha	9	0	9	10	7	10	9	9	<b>7,8</b>
SM.2022.Zoe	4	1	8	8	8	8	8	8	<b>6,6</b>
SM.2022.Monica	7	0	0	0	0	0	0	0	<b>0,8</b>
<b>Média</b>	<b>6,4</b>	<b>4,0</b>	<b>7,1</b>	<b>5,9</b>	<b>5,4</b>	<b>7,4</b>	<b>5,9</b>	<b>5,9</b>	

Fonte: Dados da pesquisa

Apresentadas as opções do Quadro 19 que estão na ilustração em códigos alfabéticos sequenciais, esta ilustração dá um panorama geral do que responderam, no questionário, os sujeitos.

A partir, então, do tratamento dos dados, conseguimos identificar quais etapas do curso, os nossos sujeitos eleitos consideram mais fáceis e mais difíceis. Obviamente, a média numérica é apenas para servir de parâmetros para este ranqueamento, tendo em vistas as opções dispostas no questionário e já explicadas, conforme mostra o Quadro 20.

**Quadro 20:** Ranqueamento da média por etapa do curso

<b>RANKING DE DIFICULDADE POR ETAPA</b>		
<b>Código</b>	<b>Média</b>	<b>Etapa</b>
F	7,4	Pré-defesa da dissertação
C	7,1	Pré-qualificação
A	6,4	Construção de conhecimento por meio das disciplinas obrigatórias e optativas do programa
D	5,9	Pós-qualificação
G	5,9	Pós-defesa da dissertação
H	5,9	Ajustes para a publicação da versão final da dissertação
E	5,4	Permanência no campo para geração de dados
B	4,0	Exame de proficiência em língua estrangeira

Fonte: Dados da pesquisa

O período de pré-defesa da dissertação e pré-qualificação foram considerados os mais difíceis, já que são os dois momentos de maior avaliação do(a) mestrando(a) no curso, figurando momentos de interação discursiva para e com a banca.



Finalizadas as análises do instrumento questionário, avançamos para os dados relativos à roda de conversa.

### 3.2. (Re)entrando na roda de conversa

Como já explicado no capítulo de metodologia no qual indicamos a plataforma digital eleita para a viabilização da roda de conversa (*Google Meet*<sup>11</sup>), bem como a sua duração e as temáticas orientadoras da interlocução.

Como utilizamos o questionário como elemento-filtro, convidamos metade dos respondentes a participarem da roda de conversas, os quais aceitaram prontamente. Os nossos critérios de escolha se pautaram nas respostas ao instrumento 1. O Quadro 22 ilustra os sujeitos participantes do 2º instrumento.

**Quadro 21:** Sujeitos eleitos para a roda de conversa

Sujeito participantes da roda de conversa
SM.2020.Donna
SM.2021.Jessica
SM.2021.Dana
SM.2022.Harvey
SM.2022.Samantha

**Fonte:** Dados da pesquisa

Inicialmente, realizamos uma introdução intimista para que os sujeitos ficassem o mais tranquilos possível.

**Quadro 22:** Transcrição 1 da roda de conversa

**Colega Pesquisador:** O intuito dessa reunião de hoje ... da gente e... para a gente fazer uma partilha mesmo de como foi esse processo ... os nossos anseios ... o que passou pela cabeça da gente até... o presente momento.

**Fonte:** Dados da pesquisa

É importante esclarecer que selecionamos e resumizamos trechos dos projetos de dizer de todos os sujeitos participantes do instrumento roda de conversa. Traremos esses excertos de forma sequencial e por temática direcionadora.

<sup>11</sup> É uma das maiores plataformas de videoconferência do mundo, permitindo reunir diversas pessoas de maneira online. Com recursos de áudio, vídeo, legenda, compartilhamento de tela e outras funcionalidades, ele traz uma solução bastante atrativa e completa (VALINOR, 2022).

### 3.2.1. Temática direcionadora 1

Com a temática direcionadora 1 convidamos o(a) mestrando(a) para enunciar sobre o mestrado a partir de uma visão mais holística.

**Quadro 23:** Temática direcionadora 1

RODA DE CONVERSA VIA <i>GOOGLE MEET</i>	
Temática direcionadora 1	Objetivo delineado
O que significa para você um mestrado? No começo, o que você visualizava que iria ser o mestrado? Como você se percebe no momento atual? Como você projeta suas expectativas após o término do mestrado?	Identificar posições discursivas atualizadas do sujeito mestrando(a) acerca do curso que ele(a) está matriculado(a), bem como projeto(s) de vida pós-defesa pública da dissertação.

**Fonte:** Dados da pesquisa

Elegemos os dizeres de SM.2022.Harvey (Quadro 25) e SM.2020.Donna (Quadro 26) para análise. O primeiro, ingressante do ano de 2022 e a segunda, do ano de 2020. A etapa distinta do curso em que se encontram parece-nos, assim, uma variável importante.

**Quadro 24:** Transcrição 2 da roda de conversa

<p><b>SM.2022.Harvey</b> – eu por ser uma pesso::a que foi bEm corrido sabe ... o meu processo... ne Graduação ... já sai na correria... e já quis logo tentar entrar no:: mestrado... eu posso dizer que foi uma co::isa... que tá sendo ...né?</p> <p>[...]</p> <p>via no mestrado uma oportunidade de melhorar como eu me vejo como pe::squisador ... de trazer mais oportunidades para mim como profissional também... aí teve um <i>plus</i> ... nE::</p> <p>[...]</p> <p>a pesquisa també::m e o grau de dificuldade também está por trás ali... né... implícito e tudo... a gente ve:: isso... eu tô colocando assim... com um tom ma::is apreensivo ... mas não como uma coisa ruim ... sabe... é como uma coisa assim mesmo de ó... se prepara que ali na frente é você ... vIU</p> <p>[...]</p> <p>aí quando eu quando eu penso no fazer pe::squisa... e fazer uma coisa assim realmente relevante... sabe... pesa e eu penso que isso ... assim... pode ser uma coisa que psiquicamente é o meu monstro que tá ali comigo falando para eu me policiar o tempo inteiro sabe Ma::s são fases... nE desilusão... começa lá tudo maravilhoso ... uma desilusão... não é desilusão para o lado ruim... mas para prestar atenção mesmo no que tA vindo al e como ainda a gente tá seguindo ... eu posso dizer que de final eu só vejo a felicidade</p>
---

**Fonte:** Dados da pesquisa

Identificamos no excerto a parresía (FOUCAULT, 2006), tendo em vista a franqueza como o sujeito discorre acerca de sua experiência para a entrada e permanência no PPGCEL. Quando afirma que “foi bEm corrido sabe ... o meu processo... ne Graduação... já sai na correria... e já quis logo tentar entrar no:: mestrado” e “com um tom ma::is apreensivo... mas não como uma coisa ruim ... sabe... é como uma coisa assim mesmo de ó... se prepara que ali na frente é você ... vIU”.

Mesmo como a visão otimista para o futuro (o que coincide com a vida depois do mestrado), o sujeito pontua que o caminhar requer autoanálise, uma vez que declara *“começa lá tudo maravilhoso... uma desilusão... não é desilusão para o lado ruim... mas para prestar atenção mesmo no que tá vindo aí e como ainda a gente tá seguindo ... eu posso dizer que de final eu só vejo a felicidade”*. SM.2022.Harvey indicia a percepção do processo de fazer pesquisa, visto que o pesquisador em formação fica imerso em um conjunto multifacetado de afazeres acadêmicos até a celebração no momento final do curso: a defesa.

Na sequência, temos o dizer de SM.2020.Donna há mais tempo matriculada no curso.

**Quadro 25:** Transcrição 3 da roda de conversa

**SM.2020.Donna:** o mestrado para mim foi uma coisa que nasceu da pandemia... eu falei que a pandemia ela trouxe ... assim... não tem nem como a gente questionar a quantidade de pontos negativos ... nE que pena que a motivação para a gente ficar em casa tenha si::do o contágio de uma doença letal como a covid... mas foi um momento de reinvenção para mim  
[...]  
porque de tanto que as pessoas às vezes colocavam o mestrado como realmente um monstro mesmo só que eu falei... bom... eu já tenho aqui essa fera na mão agora a gente vai tentar domar essas feras nE... não matar um leão por dia... mas pelo menos tentar domar... adestrar esse leão... aí eu fiquei naquela alegria imediata da aprovação ... a gratidão  
[...]  
eu preciso mostrar um produto final... eu preciso aprender... essa minha pesqui::sa precisa ter relevância tanto para mim ... enquanto pessoa ... quanto para minha comunidade e isso vai aumentando o tamanho da responsabilidade da gente dentro desse mestrado.

**Fonte:** Dados da pesquisa

Percebemos na fala de **SM.2020.Donna** um olhar mais social para o fazer pesquisa (CELANI, 1992; BRUMFIT, 1997; SOUZA, 2021) se comparado ao dizer de SM.2022.Harvey. Lemos, ainda, uma avaliação dúplici do cronotopo da Pandemia de Covid-19: *“o mestrado para mim foi uma coisa que nasceu da pandemia... [...] não tem nem como a gente questionar a quantidade de pontos negativos, nE que pena que a motivação para a gente ficar em casa tenha si::do o contágio de uma doença letal como a covid”*. Ela finaliza com estrutura de positividade (HAN, 2015): *“mas fui um momento de reinvenção para mim”*.

Já o trecho: *“bom eu já tenho aqui essa fera na mão agora a gente vai tentar domar essas feras nE...”* é uma alusão curiosa ao modo como o mestrado é simbolicamente pensado, como algo que assusta por ser tão fora da realidade, indiciado pelo referente monstro. Mas, por outro lado, algo que pode ser manejado.

Lemos, ainda, uma referenciação a movimentos metacognitivos como habilidade de aprender a dirigir o conhecimento (PALIS, 2012): *“eu preciso aprender... essa minha pesqui::sa precisa ter relevância tanto para mim ... enquanto pessoa ... quanto para minha comunidade”*.

Na sequência, apresentamos um levantamento acerca dos processos de construção dos

produtos do mestrado: o texto para o exame de qualificação e os escritos da dissertação.

### 3.2.2. Temática direcionadora 2

**Quadro 26:** Temática direcionadora 2

RODA DE CONVERSA VIA <i>GOOGLE MEET</i>	
Temática direcionadora 2	Objetivo delineado
Sobre o seu processo de construção, qualificação ou defesa da dissertação, poderia, se possível, compartilhar conosco pontos positivos e negativos?	Compreender ressonâncias no sujeito da pesquisa acerca das etapas que, de alguma maneira, se fazem em movimentos ritualísticos e importantes, na nossa perspectiva no curso de pós-graduação.

**Fonte:** Dados da pesquisa

Aqui, continuamos acompanhando a enunciação de SM.2020.Donna que se encontra na etapa “aprovado(a) na defesa pública”, ou seja, encerrando o seu ciclo no PPGCEL.

**Quadro 27:** Transcrição 4 da roda de conversa

**SM.2020.Donna** então como ponto positivo... eu coloco essa construção e com uma questão negativa...talvez... o fato de que... às vezes... a gente idealiza uma coisa e nem sempre é o que acontece... como a gente deseja... mas a gente também tem que saber que... o trabalho... ele não é MEU ... ele tem um nosso ... então ele é não é formado... ele não é construído só por duas mãos

**Fonte:** Dados da pesquisa

A construção da escrita da dissertação, conforme revela SM.2020.Donna, é pensada como um produto de mais de uma posição-sujeito (FOUCAULT, 2006), o que entendemos ser resultado de contribuições vindas do orientador(a), além daquelas advindas dos membros da banca do exame de qualificação e da defesa pública da dissertação. O que talvez possa indicar algo como uma frustração, já que se percebe que não se tem o controle individual do texto advinda do rompimento de uma expectativa. Essa discussão se distancia da individualização do trabalho acadêmico (ANTUNES; PRAUN, 2015; HAN, 2015), tendo em vista a coletividade intrínseca identificada na fala da colaboradora “... *ele não é MEU ... ele tem um nosso*”.

Já com o Quadro 29, lemos a participação de SM.2021.Dana que ingressou no PPGCEL em 2021 estando na etapa “aprovado(a) no exame de qualificação”, estando retrabalhando o texto para a defesa pública. Então, ela está se direcionando para a etapa mais difícil do mestrado, conforme registrado no Quadro 20, na perspectiva dos colaboradores.

**Quadro 28:** Transcrição 5 da roda de conversa

**SM.2021.Dana:** os pontos positivos... eu acho que eu tenho facilidade em escrever... e isso me ajudou demais... os pontos negativos... ausência de orientação... eu teria orientação marcada em um determinado dia... e todos os dias eu faço um link e mando para orientadora... ela não entra

**Fonte:** Dados da pesquisa

O fluxo de reverberações de SM.2021.Dana parece sinalizar para sua identificação com o trabalho de textualização do pesquisador, assim como para acontecimentos sociais no seu percurso vinculados a problemas de dialogia com a orientadora, o que se pauta em relações de poder (JACQUES, 2003; FOUCAULT, 2008; MOLON SI, 2011) e por um feixe de relações que podem culminar em embates internos e o enfraquecimento do trabalho.

Voltemos a SM.2022.Harvey, que está na etapa “obtendo os créditos através das disciplinas no início do curso”.

**Quadro 29:** Transcrição 6 da roda de conversa

**SM.2022.Harvey** eu digo que eu tO aprendendo... me adequando a um novo gênero... a dissertação em tudo e pontos negativos também é o processo de correção... graças a dEus a gente tem um processo de correção que... não é muito punitivo... não é punitivo

**Fonte:** Dados da pesquisa

Temos associado as posições-sujeito (FOUCAULT, 2006) ao aspecto da parresía, que informa sobre a construção do conhecimento de si e do outro que se mobiliza através do discurso.

A materialização da repetição: “*não é muito punitivo... não é punitivo*” parece revelar que SM.2022.Harvey certifica-se ou busca se convencer do que acabou de dizer, reforçando a posição, já que assim finaliza o turno de fala.

O desafio mapeado no turno de fala do colaborador está em “*me adequando a um novo gênero... a dissertação em tudo e pontos negativos também é o processo de correção...*”. SM.2022.Harvey indicia que o fato de ter que aprender um novo gênero requisito central para a obtenção do título de mestre é uma provocação para movências internas e externas .

O projeto de dizer “*eu digo que eu tO aprendendo...*” indicia verbalizações acerca dos propícios vivenciados no interior do curso, pois apenas se aprende o gênero dissertação em um curso de mestrado. A aprendizagem do gênero se mostra, então, como parte do processo em que se está alcançando sucesso via dialogia com o processo de correção: “*graças a dEus a gente tem um processo de correção que... não é muito punitivo... não é punitivo*”. Vivências interdiscursivas são localizadas por nossas lentes, o léxico “*graças a dEus*”, a religiosidade integra a vida de quase 90% da população brasileira, o que pode auxiliar muitos na saúde mental.

### 3.2.3. Temática direcionadora 3

**Quadro 30:** Temática direcionadora 3

<b>RODA DE CONVERSA VIA GOOGLE MEET</b>	
<b>Temática direcionadora 3</b>	<b>Objetivo delineado</b>
Como você tem visualizado a sua atuação como pesquisador(a) até o presente momento? O que você gostaria de dizer do texto?	Mapear aspectos relativos à posição de sujeito pesquisador proposta pelo(a) pós-graduando(a).

**Fonte:** Dados da pesquisa

Aqui, trabalhamos com o que foi discursivizado pelos sujeitos SM.2021.Jessica, SM.2022.Samantha e SM.2022.Harvey. Eles ainda não estão em fase de pré-defesa da dissertação.

**Quadro 31:** Transcrição 7 da roda de conversa

<p><b>SM.2021.Jessica</b> do meu te::xto, eu sei que pode não estar o melho::r texto... mas eu go::sto... eu go::sto do que eu pesquiso, do meu objEto de pesquisa... então e::u estou satisfeita... vamos ver se vai continuar... vamos continuar até o final</p>
--

**Fonte:** Dados da pesquisa

A colaboradora SM.2021.Jessica verbaliza: “*eu sei que pode não estar o melho::r texto... mas eu go::sto [...] e::u estou satisfeita*”. O turno de fala revela indícios de elemento constituinte dos movimentos de autoanálise e autorregulação durante o processo de pesquisa e de sua textualização com agrupamento das posições que o sujeito pesquisador vivencia diariamente, em seu convívio acadêmico e social (FARO, 2013; ANTUNES; PRAUN, 2015). Conseguimos mapear sentimentos de comparações (CLOT, 2010), uma vez que é comum ter conhecimento do trabalho dos e diversos pares, tendo em vista que os Seminários de Pesquisa acontecem no interior do curso e são créditos obrigatórios para a socialização das pesquisas do(a) pós-graduando(a).

**Quadro 32:** Transcrição 8 da roda de conversa

<p><b>SM.2022.Samantha</b> mas a gente sofre si::m com a síndrome do impostor... de ouvir os colegas ou de ler o texto dos colegas e achar que a gente está fazendo menos do que eles</p>
---

**Fonte:** Dados da pesquisa

As verbalizações de experiências de SM.2022.Samantha no interior do turno de fala “*mas a gente sofre si::m com a síndrome do impostor...*” nos permite mapear desafios de se fazer pesquisa, indiciando que a “síndrome do impostor” pode se caracterizar como um tipo de vulnerabilidade psicológica. O item “sofrimento” revela a relação com o trabalho do pesquisador de pós-graduação ao empreender tentativa de compreensão acerca de fatores que podem influenciar negativamente o trabalho de se fazer pesquisa. (DEJOURS, 1992).

SM.2022.Harvey, por sua vez,

**Quadro 33:** Transcrição 9 da roda de conversa

<b>SM.2022.Harvey</b> atE o momento... como eu tenho eu tenho po::uca coisa escrita... eu tenho sonhos
--

**Fonte:** Dados da pesquisa

O turno de fala destacado no Quadro 44 releva a posição-sujeito (FOUCAULT, 2006) pesquisador no caminhar de se fazer pesquisa de Harvey. O turno de fala “*como eu tenho eu tenho po::uca coisa escrita...*” dá indícios de como ele se posiciona frente ao seu coletivo de trabalho e sinaliza sua necessidade de exercitar o conhecimento da consciência da sua escrita (MENEGASSI, 2006).

A verbalização “*eu tenho sonhos*” realiza aproximações entre o sonho e a escrita da dissertação, que nos permite mapear um dos seus desafios de se fazer pesquisa, pois para se ter um texto, é necessário escrevê-lo, o que pressupõe um contexto solitário intimista, autoral e singular atravessado pela parresía (FOUCAULT, 2006). No texto dissertativo, lemos a discursivização de diversas posições-sujeito (FOUCAULT, 2006), inclusive as de um coletivo de trabalho, pois são fruto de “[...] experiências que promovam um olhar para si, fomentam um movimento de busca pertinente do eu e do não-eu e ao mesmo tempo do nós e não-nós” (MODL, 2015, p. 67).

### 3.2.4. Temática direcionadora 4

**Quadro 34:** Temática direcionadora 4

<b>RODA DE CONVERSA VIA GOOGLE MEET</b>	
<b>Temática direcionadora 4</b>	<b>Objetivo delineado</b>
Quais são, na sua opinião, as demandas acadêmicas do mestrado? Você tem conseguido lidar com todas elas?	Constatar, discursivamente, antagonismos identificados pelo(a) mestrando(a), enquanto aluno(a) do PPGCEL, bem como os seus gestos de manobras frente a eles.

**Fonte:** Dados da pesquisa

Começamos com SM.2021.Dana:.

**Quadro 35:** Transcrição 10 da roda de conversa

<b>SM.2021.Dana</b> Eu acho que a demanda pior é a análise de dados... enquanto você escrever a parte teórica e decide sua metodologia tá beleza... mas depois que você vem a campo com aquele monte de coisa para fazer... você senta assim... para... fala e agora... para onde é:: que eu vou... o que que eu vou fazer com isso daqui... e ai:: você não tem ninguém para você perguntar se tá certo se tá errado... se coloca aí se não coloca isso... é terrível ...é terrível ... escrever atE va::i... mas para você saber se você está analisando correto... se aquela teoria correta... quem são as pessoas que utiliza aquilo... é muito é muito complicado sem ninguE::m para te dizer
--

**Fonte:** Dados da pesquisa

A colaboradora SM.2021.Dana consegue indiciar vulnerabilidades quando focaliza problemas na dialogia com o(a) orientador(a) que se materializa nos excertos do turno de fala: “*you do not have anyone to ask you*” e “*no one to tell you*”. É mapeada, então, a ausência de um amparo de um coletivo de trabalho, a colaboradora denota insegurança frente à sua autoanálise, resultado de fragilidades indicadas no seu caminhar da pesquisa e por sua autopercepção como autora. Ela revela: “*write it... but to know if you are analyzing correctly... if that theory is correct... who are the people who use that... it is very very complicated*”.

**Quadro 36:** Transcrição 11 da roda de conversa

**SM.2021.Jessica** As demandas são muitas... desde o início... acho que até lá dissertação... cada fase que a gente passa a gente pensa que é difícil... e a gente chega na próxima vê que é muito mais difícil.

**Fonte:** Dados da pesquisa

O quadro 37 elucida sobre os dizeres de SM.2021.Jessica. O trecho “*each phase that people pass people think it is difficult...*” indicia aproximações com a verbalização de SM.2021.Dana (Quadro 36) quando diz: “*it is very very complicated*”. Mapeamos, então, desafios internos sobre a própria segurança frente às etapas que devem ser percorridas dentro de um curso de pós-graduação como território social, intelectual e de interação (HAESBAERT; BRUCE, 2009; MODL 2015).

Percebemos que não há afastamentos nas discursivizações, o que nos indicia a posição autoconfrontação cruzada (CLOT, 2010) e de reflexo do trabalho entre pares, diante do isolamento que requer a escrita da dissertação. Em suma, pautado em sua subjetividade, mesmo em atividades internas de cumprimento de requisitos do PPGCEL, as colaboradoras da pesquisa SM.2021.Jessica e SM.2021.Dana apresentam desafios de (re)assentamento no fluxo de produção e interlocução.

**Quadro 37:** Transcrição 12 da roda de conversa

**SM.2020.Donna** as demandas acadêmicas... eu consegui lidar até hoje... porque justamente... isso foi parte da orientação... eu construí uma agenda bem organizadinha e mantive uma disciplina... mantive a chamada constância ... que já é nosso lema... faz parte do nosso léxico enquanto pesquisadoras... e foi o que me salvou... porque... no momento em que eu adoeci e eu precisei me distanciar... se eu não tivesse tido essa disciplina... eu não conseguiria ter vencido as minhas demandas acadêmicas... que são muitas... não são poucas não... e lidei tranquilamente.

**Fonte:** Dados da pesquisa



O labor acadêmico exige certos (re)posicionamentos e deslocamentos que o(a) mestrando(a) precisa ajustar ou rever em sua rotina com o intuito de promover reflexões entre saúde, trabalho e forças advindas do capitalismo (ORLANDI, 2007). São esses deslocamentos que indicamos na verbalização de SM.2020.Donna quando diz: “*eu consegui lidar até hoje [...] foi parte da orientação [...] construí uma agenda bem organizadinha e mantive uma disciplina*”. Esse excerto se afasta das verbalizações registradas por SM.2021.Jessica e SM.2021.Dana que indicam dificuldades em sua trajetória, inclusive, em seu coletivo. A colaboradora SM.2020.Donna, por sua vez, mostra simetria com o seu coletivo de trabalho.

O desafio verbalizado por ela se materializa no afastamento por conta de enfermidade. Ela revela: “*no momento em que eu adoeci e eu precisei me distanciar*”. Esse distanciamento poderia ser registro de vulnerabilidade, mas o fato de SM.2020.Donna ter se organizado funcionou como autocuidado (FOUCAULT, 2006), pois a rotina de estudo a afastou de possíveis vulnerabilidades propiciadas pelas atividades do curso. Ela diz: “*e foi o que me salvou... [...] se eu não tivesse tido essa disciplina... eu não conseguiria ter vencido*”. Disciplina, agenda, constância na realização de atividades vinculadas à agenda de orientação (conforme indicamos no início desta análise) funcionaram como práticas de autocuidado.

### 3.2.5. Temática direcionadora 5

**Quadro 38:** Temática direcionadora 5

RODA DE CONVERSA VIA <i>GOOGLE MEET</i>	
Temática direcionadora 5	Objetivo delineado
Consegue ou conseguiu lidar tranquilamente com as suas posições enquanto sujeito mestrando e as demais posições de sujeito que ocupa? Você contaria um pouquinho sobre?	Descortinar as posições plurais, subjetivas e intimistas, através da discursivização espontânea do(a) pós-graduando(a).

**Fonte:** Dados da pesquisa

De maneira a representar a quase totalidade dos que se manifestaram acerca do que propusemos com o tema, trazemos, aqui, as discursivizações de SM.2021.Jessica e SM.2022.Samantha, dispostas nos Quadros 41 e 42, respectivamente.

**Quadro 39:** Transcrição 13 da roda de conversa

**SM.2021.Jessica** [o filho] tá no processo de alfabetização ... minha filha do meio tem TDH e requer uma atenção maior minha... então eu quando eu não faço a minha função de mãe... isso me gera uma pressão... uma angústia... então eu procuro ... na medida do meu possível... ter a minha dedicação::o ao estudo... mas sem prejudicar tanto as minhas obrigações de casa... de mãe... que eu tenho mãe idosa que requer atenção... então... às vezes... lidar com tudo isso... a gente termina que uma parte ou outra ficando um pouco mais a desejar... e isso gera uma certa angú::stia... mas tO conseguindo... tO conseguindo e tenho fé:: que irei conseguir... que nós iremos conseguir

**Fonte:** Dados da pesquisa

**Quadro 40:** Transcrição 14 da roda de conversa

<p><b>SM.2022.Samantha</b> Não... não tenho conseguido lidar tranquilamente e relacionando... assim... Essa questão... demandas pessoais e demandas acadêmicas... eu acho que... nesse primeiro ano... faltou um pouco de equilíbrio da minha parte... porque... em alguns momentos... pelo menos na minha perspectiva... eu tava me dedicando sempre muito mais ao mestrado do que as minhas demandas pessoais... mas depois aconteceu uma reviravolta e pareceu que eu tava me dedicando mais as minhas demandas pessoais do que as demandas do mestrado.... É isso... a gente precisa entender o que que tá acontecendo... não sei mais o que falar, gente.</p>
--

**Fonte:** Dados da pesquisa

Evidenciamos, tanto com SM.2021.Jessica, quanto com SM.2022.Samantha, a apresentação de vários “eus” do sujeito (FOUCAULT, 2006), tendo em vista que as demandas pessoais se estabelecem em outros contextos sociais (a exemplo do item lexical “mãe” eleito para a fala de SM.2021.Jessica) e (des)controle do investimento de tempo no trabalho de pesquisa (FARO, 2013; ANTUNES; PRAUN, 2015), materializados nos posicionamentos “*então eu quando eu não faço a minha função de mãe... isso me gera uma pressão*” de SM.2021.Jessica e no excerto “*em alguns momentos... pelo menos na minha perspectiva... eu tava me dedicando sempre muito mais ao mestrado do que as minhas demandas pessoais*” de SM.2022.Samantha.

Para além, mapeamos indícios de propícios do caminhar de se fazer pesquisa, através da autoconfrontação (CLOT, 2010) de indicação de sucesso no percurso na fala de SM.2021.Jessica: “*mas tO conseguindo... tO conseguindo e tenho fé:: que irei conseguir... que nós iremos conseguir*”. Aqui, evidenciamos o agenciamento de movência da pesquisadora para um lugar de mais calma, pois não se permite refletir a ideia de vitimização do(a) mestrando(a) frente às demandas do curso de pós-graduação.

Já a discursivização de SM.2022.Samantha se afasta do que analisamos do turno de fala de SM.2021.Jessica, pois a primeira verbaliza: “*Não... não tenho conseguido lidar tranquilamente*”. O reforço desta posição-sujeito (FOUCAULT, 2006) acontece no fragmento: “*É isso... a gente precisa entender o que que tá acontecendo... não sei mais o que falar, gente*”.

O fragmento, “*aconteceu uma reviravolta e pareceu que eu tava me dedicando mais as minhas demandas pessoais do que as demandas do mestrado*”, ilustra movimentos de autorregulação.

### 3.3. Triangulação dos dados

Para a realização da triangulação dos dados, esclarecemos que cotejamos dizeres de um mesmo sujeito a dois instrumentos. O que, a nosso ver, reforça suas posições e as ressonâncias daquilo que se referencia para os colaboradores.

### 3.3.1. Triangulação 1: o mestrado como um sonho

Quadro 41: Triangulação 1

TRIANGULAÇÃO 1		
Sujeito	Resposta ao Questionário	Discursivização na Roda de Conversa
SM.2020.Donna	No dia que recebi o resultado da 3º fase do processo de seleção, eu sofri um acidente. Naquele momento parecia que seria inviável, outra vez, dar continuidade <b>ao meu sonho</b> .	Então eu sou aprovada e fiquei parecendo que estava <b>em sonho</b> ... aquele passari::nho azul lá que pousa no ombro... aquelas borboletas no estômago e::u senti TUDO isso
SM.2021.Jessica	É uma <b>grande realização</b> profissional e pessoal.	para mim... o mestrado sempre foi <b>um sonho</b> ... um desejo...algo muito difícil... quase impossível nas minhas condições...

Fonte: Dados da pesquisa

Percebemos aproximações de autoafirmação (HAN, 2015), tendo em vista o que diz SM.2020.Donna em “*dar continuidade ao meu sonho*” quando respondeu ao questionário e corrobora durante um de seus turnos de fala exclusivo durante o exercício do instrumento roda de conversa: “*e fiquei parecendo que estava em sonho*”.

O mesmo movimento acontece com a colaboradora SM.2021.Jessica que afirmou no questionário “*grande realização profissional e pessoal*” e discursivizou “*o mestrado sempre foi um sonho*”.

Esses movimentos de autoafirmação (HAN, 2015) são elementos que indiciam o lugar que um mestrado pode ocupar no imaginário social, revelando efeitos da escolarização no nosso país para a classe trabalhadora advinda das camadas mais populares da sociedade. Algo que precisa e tem sido cada vez mais considerado pela CAPES em suas políticas diversas de e para a formação continuada de professores, perfil majoritário na nossa linha de pesquisa no PPGCEL.

### 3.3.2. Triangulação 2: o isolamento social

Quadro 42: Triangulação 2

TRIANGULAÇÃO 2		
Sujeito	Resposta ao Questionário	Discursivização na Roda de Conversa
SM.2020.Donna	Ficamos o tempo de curso inteiro dentro de casa, então a interação era sempre online.	o mestrado para mim... foi uma coisa que nascEu da pandemia

Fonte: Dados da pesquisa

A resposta dada pela colaborada SM.2020.Donna ao questionário está alinhada com o que ela discursiva na roda de conversa. A recorrência com que Donna se refere à pandemia figura um registro de como esse período foi sentido no âmbito pessoal e como ela se ocupou, vivendo internamente esse cronotopo.

É interessante citarmos que esse cronotopo influenciou todo o coletivo de trabalho dentro e fora da universidade e atravessou o(a) mestrando(a), tendo em vida que as adequações para o ensino remoto emergencial precisaram receber tratativa delicada e focalizada na solução de problemas do e no percurso do mestrado, visto que a possibilidade de trabalho remoto se tornou em possibilidade única para a continuidade do caminhar de pesquisa para todos os sujeitos envolvidos no processo.

### 3.3.3. Triangulação 3: a ansiedade como vulnerabilidade psicológica

Os projetos de dizer dos colaboradores da pesquisa reverberam o objeto de discurso ansiedade.

**Quadro 43:** Triangulação 3

TRIANGULAÇÃO 3		
Sujeito	Resposta ao Questionário	Discursivização na Roda de Conversa
SM.2021.Dana	Havia procurado um psiquiatra para me ajudar com a <b>ansiedade</b> , a angústia e a falta de memória que estava sentindo	porque é uma economia de tempo... uma economia de <b>ansiedade</b> ... diminuí, evita a <b>ansiedade</b> ... e nem sei mais o que dizer
SM.2022.Harvey	então, muitas vezes, o medo, a <b>ansiedade</b> , o receio do fracasso ou da não boa execução de algo, nos deixa com problemas aglomerados	o que me assombra muito mesmo é a questão de...ah... uma <b>ansiedade</b> ... EU tenho que fazer algo inovador

**Fonte:** Dados da pesquisa

A ansiedade referenciada parece ser distinta, por SM.2021.Dana é assumida como condição física e de saúde com vínculo com instabilidade emocional e enunciativa, o que se materializa em uma autoavaliação do tipo confrontação e autoconfrontação cruzada (CLOT, 2010). Já Harvey parece tematizar ansiedade não como doença, mas como um estado que envolve o trabalho com expectativas.

### 3.3.4. Triangulação 4: o autocuidado como instrumento do olhar para si

Quadro 44: Triangulação 4

TRIANGULAÇÃO 4		
Sujeito	Resposta ao Questionário	Discursivização na Roda de Conversa
SM.2020.Donna	Depois de me reunir com os meus colegas eu ficava feliz e com a sensação de que eu estava valorizando meu tempo e canalizando minhas energias em coisas boas para mim.	como é importante também... a gente se sentir... sentindo... uma rede de apoio porque senão... a gente se sente triste... desamparado...solitário demais
SM.2022.Harvey	A dissertação e o mestrado, por si só, traz um peso de necessidade de autonomia para o mestrando.	E um processo e... eu tô amadurecendo um pouco a ideia da pesquisa

Fonte: Dados da pesquisa

Revelamos, nesta análise, indícios da materialização de gestos de agência na, da e para a superação de lacunas, tendo em vista que os colaboradores destacam processos de autocuidado e os reenquadres necessários para entendimento do eu e do não-eu (FOUCAULT, 2006; MODL, 2015) nesse processo.

Essa afirmação se pauta no trecho em que SM.2020.Donna responde à pergunta 10 do instrumento 1: questionário: *“eu estava valorizando meu tempo e canalizando minhas energias em coisas boas para mim”*. A paressia (FOUCAULT, 2006) e o autocuidado quando o excerto demonstrado é seguido de que SM.2020.Donna valoriza o tempo, o que nos é tão caro no nosso território social.

Para além, o colaborador da pesquisa SM.2022.Harvey assume uma posição-sujeito firme do que se requer de um pós-graduando, tendo em vista o destaque para o item lexical autonomia: *“necessidade de autonomia para o mestrando”*. Movimentos de discursivização como esses, portanto, entendemos ser vetores para o aumento da capacidade de agir (CLOT, 2010).

SM.2020.Donna reforça a sua posição parecendo referenciar contínuos ajustes da saúde mental a partir da autorregulação<sup>12</sup>: *“é importante também... a gente se sentir... sentindo... uma rede de de apoio”*.

Movimento metaconsciente igualmente relevante é quando Harvey pondera *“tô amadurecendo um pouco a ideia da pesquisa”*.

Assim, verificamos que os propícios são mais evidenciados, tendo em vista que o curso de pós-graduação se configura um sonho. A ansiedade (Quadros 15, 17 e 45) está presente em quase todas as etapas, principalmente, naquelas identificadas como mais difíceis, a saber: pré-qualificação e pré-defesa da dissertação (cf. Quadro 20).

<sup>12</sup> Consiste nos mecanismos usados pelo indivíduo para controlar suas reações emocionais e comportamentais frente a fontes de estimulação positiva ou negativa. (ROTHBART, 2011)

Apesar de as dificuldades serem objeto de vozeamento do(a)s nosso(a)s colaboradore(a)s, denotamos que, ao contrário do que supomos, o seu tamanho e/ou grau não são fatores impeditores para que se alcance o título de mestre, em alguma medida as respostas focalizam percepções do rigor necessário de agenciamentos diversos na busca qualitativa por resultados pessoais instanciados em gestos coletivos e solidários que reverberam na comunidade científica local.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O nosso caminhar se pautou na escolha por promover, a partir do trabalho com os dois instrumentos da pesquisa, verbalizações de um grupo de mestrandos do programa a que integramos sobre suas percepções do curso e acerca de si mesmo(a)s no curso. No universo das réplicas dos sujeitos aos instrumentos, selecionamos um conjunto de dizeres que analisamos.

Além disso, realizamos um perfil de representantes da linha 3 do PPGCEL, o que nos informa sobre um recorte da realidade local de nosso Programa. Interagimos com colegas de três turmas distintas, em estágios e condições também diversas. O que potencializou o oferecimento de olhares ainda mais plurais do(a)s pesquisadore(a)s em formação no, do e para suas percepções do fazer e vivenciar a pesquisa e a pós-graduação em suas diversas e complementares situações interacionais intra e inter subjetivas.

Nas análises, textualizadas nos capítulos de metodologia e de dados, lidamos com verbalizações de experiências (inter)(intra)personais no âmbito do PPGCEL para buscar mapear, em dizeres, propícios e desafios, recorrências de autocuidado do(a) pós-graduando(a) e indícios de vulnerabilidades.

Referências relevantes foram mobilizadas para a fundamentação teórica. A partir de princípios da LA nas vozes de autores como Filho (1991), Celani (2000), Pennycook (2008), Moita Lopes, (2019) e Rajagopalan (2003), procuramos trilhar os ricos caminhos da pesquisa qualitativa. O contato direto com os nossos pares, colaboradores, durante a fase de campo, mesmo que de forma *on-line*, conduziu-nos a uma releitura exotópica, mas, ao mesmo tempo, intimista de inúmeras posições-sujeito mestrando(a) do PPGCEL e dos múltiplos modos de se viver essa posição discursiva e ideologicamente.

Por isso, nutrimos expectativas em relação aos possíveis frutos que nosso trabalho pode gerar, não apenas para os sujeitos colaboradores da pesquisa, mas, também para um cotidiano educacional acadêmico local, bem como para os futuros leitores desta dissertação. Uma vez que qualquer trabalho que promova um olhar crítico para nossa prática, aqui a de pesquisa enquanto mestrando(a)s, permite acessar outras maneiras de e para se exercer a coletividade, a cidadania e, assim, melhor compreender o social.

A compreensão de um conjunto tão multifacetado de aspectos vozeados pelos sujeitos pode permitir políticas mais coletivas e institucionalizadas de autocuidado a partir de um tratamento mais metacognitivo na perspectiva de organização, tendo em vista demandas que vão desde o gerenciamento da própria agenda pessoal, frente às diferentes posições-sujeito

assumidas, à compreensão do impacto do trabalho de cada sujeito nas e para as métricas da CAPES e(m) avaliação do Programa. Reflexões como essa podem trazer contribuições significativas para o PPGCEL somando à política de autoavaliação. Tudo isso pode contribuir para mais doença ou mais saúde em um ambiente acadêmico.

Esperamos, assim, que o trabalho coopere para movimentos voltados à Autoavaliação do PPGCEL ou mesmo para gestos de protagonismo para movimentos preventivos que cooperem para mais saúde dos coletivos discente e docente.

Os nossos instrumentos eleitos foram subsidiados e repositórios de discursivizações autênticas, fomentadas pelo princípio da parresía (FOUCAULT, 2006), pois entendemos que o discurso é transpassado por ideologias, permitindo que a linguagem não seja transparente em sua essência, sendo, muitas vezes, os silenciamentos e os silêncios objeto de análise igualmente potentes.

Procuramos, durante as nossas experiências roteirizadas nos instrumentos, manter um fluxo saudável de interlocução como os colaboradores, afinal juntos integramos um mesmo coletivo de trabalho, que é nosso (CLOT, 2010), fomentando, no interior do grupo, enunciações e discursivizações (CLOT, 2010; MOLON SI, 2011) que marcaram tomadas de posições dos nossos colaboradores.

Analisamos as posições-sujeito frente ao cumprimento de metas e prazos (ANTUNES; PRAUN, 2015) e atividades (extra)curriculares exigidas do(a) pós-graduando(a) e que o(a) leva para uma posição de prestígio no ambiente acadêmico (FARO, 2013; PINZÓN, 2020).

Exploramos vivências e vulnerabilidades que foram vozeadas por nossos colaboradores, tendo a ansiedade, sido a principal vulnerabilidade evidenciada em interface comr fatores internos e externos ao Programa (cf. Quadros 15, 17 e 45).

Analisamos verbalizações de experiências (inter)pessoais no âmbito do PPGCEL, vozeadas por um grupo de mestrados, a partir do que elas informam axiologicamente como parte fundante do processo de se cursar um mestrado a partir de seus sentimentos e afetamentos a demandas, prazos, relações, agenciamentos, discursivizações e silenciamentos . O caminho não é solitário, mas é alteritário, pois através da escuta ativa, pode-se atravessar dificuldades com mais assertividade e coerência do se fazer pesquisa.

Buscamos mapear propícios e desafios vivenciados, correlacionando-os a fatores internos e externos ao sujeito, o que trouxemos em nossas análises, através dos dados dispostos em quadros para organização dos nossos escritos. Cumprir esse objetivo foi um grande desafio



para o pesquisador, tendo em vista que o nosso olhar precisou estar atento aos indícios para que pudéssemos realizar uma análise discursiva dos dados.

Como objetivos específicos, colocamo-nos como tarefa (i) mapear, nos dizeres dos colaboradores, princípios e desafios vivenciados, correlacionando-os a fatores internos e externos ao sujeito; (ii) traçar o perfil do grupo de colaboradores- mestrando(a)(a)s do PPGCEL, tendo em vista as posições-sujeito ocupadas por ele(a) e (iii) Ponderar sobre práticas do exercício do autocuidado como ferramenta de auxílio.

Entendemos que, no que diz respeito ao objetivo (i) , conseguimos tratá-lo integralmente, visto que os mapeamentos se encontram em nossas análises.

Igualmente, no objetivo (ii), conseguimos realizá-lo integralmente tendo em vista que traçamos o perfil de cada sujeito (cf. Seções 2.6.1 e 2.6.2). .

Quanto ao objetivo (iii), entendemos que o trabalhamos parcialmente, pois os indícios encontrados, através dos dados gerados nos deram uma visão holística da amostra (cf. Seções 2.6.2, 3.1.2, 3.2.1, 3.2.3, 3.2.4, 3.2.5).

O perfil dos colaboradores mestrando(a)s do PPGCEL informou acerca das posições-sujeito ocupadas (FOUCAUT, 2006) . Para além, ponderamos sobre práticas do exercício do autocuidado como ferramenta de auxílio para evitar ou minimizar vulnerabilidades que possam surgir durante o percurso do mestrado.

Os dados revelaram que a posição-sujeito mestrando(a) é uma construção processual que demanda g muito da posição do(a) candidato(a) a pesquisador, tendo em vista que o fazer ciência é atravessado por um caminho rigoroso (ANTUNES; PRAUN, 2015; HAN, 2015) que precisa ser observado e descoberto de maneira a atendermos o que se espera desta posição-sujeito . Logo, por mais que vulnerabilidades sejam indiciadas, é necessário que o(a) mestrando(a) não se coloque em uma posição de distância do seu grupo de trabalho e em um lugar de vítima, o que afetarà todo processo de autoconfrontação, se vendo de forma isolada e sem subsídio para o *modus operandi* do labor da pesquisa.

O autocuidado (FOUCAUT, 2008), por sua vez, se mostra como gesto de manobra que coloca o(a) mestrando(a) na posição de protagonista do seu fazer, saber e aprender para que possa alcançar o tão sonhado, como mostram os nossos dados (cf. Seções 3.2.4 e 3.3.4), título de mestre(a).

Por fim, esperamos que os nossos achados sirvam para pesquisas futuras como retomada(s) dos registros de verbalizações no interior do PPGCEL.

## REFERÊNCIAS

- ADAMY, Edlamar Kátia. et. al. Validação na teoria fundamentada nos dados: rodas de conversa como estratégia metodológica. In: Revista Brasileira de Enfermagem [Internet]. P. 3299-3304, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/5ZfVsKjNX6znX3rZPgVWmTz/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 25. fev. 2022
- ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. Maneiras de Compreender Lingüística Aplicada. **Revista Letras**, n. 2, Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1991, p. 7-14.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. Louis Althusser; Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. Editorial Presença, 1970.
- ANTUNES, Ricardo; PRAUN, Luci. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. **Serviço Social & Sociedade**, 2015, p. 407-427.
- AMARAL, Márcia Silva. **Identidade de Gênero e(m) representações sociais de uma cultura escolar local**: apontamentos discursivos e provocações para a agenda do professor. Orientadora: Fernanda de Castro Modl. 2017. 185 f. Dissertação (Mestrado em Letras: Cultura Educação e Linguagens) – Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2017.
- AMORIM, M. Cronotopo e exotopia. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin**: outros conceitos-chaves. São Paulo: Contexto, 2006, p. 95-114.
- BELEI, Renata Aparecida. et al. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. In: **Cadernos de Educação**. FaE/PPGE/UFPEL. Janeiro/junho 2008. Pelotas [30]: 187 – 199. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1770/1645>. Acesso em 26.out.2022.
- BORSOI, Izabel Cristina Ferreira. Da relação entre trabalho e saúde à relação entre trabalho e saúde mental. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, p. 103-111, 2007.
- BRASIL, **Portaria nº 671, de 8 de novembro de 2021**. Regulamenta disposições relativas à legislação trabalhista, à inspeção do trabalho, às políticas públicas e às relações de trabalho. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, n. 212, p. 217. 11 dez. 2021. Seção 1.
- BRASIL, **Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943**. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Rio de Janeiro, RJ, p. 11937. 09 ago. 1943.
- BILAC, Olavo. Tarde. In: **Antologia**: Poesias. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- CELANI, M.A.A. (1992) ‘Afinal, o que é Linguística Aplicada?’. In: PASCHOAL, M. S. Z. de e M. A. A. CELANI (orgs.) (1992) **Linguística Aplicada: da Aplicação da Linguística à Linguística Transdisciplinar**. São Paulo: Educ. 15-23.

COELHO, Fernanda de Castro Batista. **Construção identitária e(m) comportamentos na sala de aula**: o agenciamento da palavra em dois grupos (um alemão e um brasileiro). 226f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011

COSTA, Everton Garcia da; NEBEL, Letícia. O quanto vale a dor? Estudo sobre a saúde mental de estudantes de pós-graduação no Brasil. **Polis. Revista Latinoamericana**, n. 50, 2018.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. Tradução de Ana Isabel Paraguay e Lúcia Isabel Ferreira. 5. ed. ampliada, São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa** / Uwe Flick; trad. Sandra Netz-2.ed.- Porto Alegre: Bookman, 2004

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre. Artimed. 2009b.

FOUCAULT, Michel, 1926-1984. **A hermenêutica do sujeito** / Michel Foucault - edição estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros; tradução Márcio Alves da Fonseca; Salma Tannus Muchail. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel, **Arqueologia do Saber - 7ed.** - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GAMA, Carlos Alberto Pegolo da; CAMPOS, Rosana Teresa Onocko; FERRER, Ana Luiza. Saúde mental e vulnerabilidade social: a direção do tratamento. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 17, n. 1, p. 69-84, 2014.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAESBAERT, R. e BRUCE, G. **A Desterritorialização na Obra de Deleuze e Guattari**. **GEOgraphia**, 4(7), 2009, 7-22.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. trad. Enio Paulo Giachini, Petrópolis RJ: Vozes, 2015.

INDURSKY, F. O trabalho discursivo do sujeito entre o memorável e a deriva. **Signo y Señá**, n. 24, p. 91-104, 2013.

JACQUES, M. G. C. Abordagens teórico-metodológicas em saúde/doença mental & trabalho. **Psicologia & Sociedade**; v.15, n. 1: p.97-116, jan./jun.2003.

KOHATSU, Lineu Norio. O uso do vídeo na pesquisa de tipo etnográfico: uma discussão sobre o método. In: **Psic. da Ed.**, São Paulo, 25, 2º sem. de 2007, pp. 55-74

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. Por uma tipologia da interação em sala de aula. In: MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Estudos da língua e aula de língua materna**:

uma abordagem processual da interação professor/alunos. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001. P 99-136.

MENEGASSI, Renilson José. Interação, escrita e metacsciência na formação inicial de professores. **Signum: Estudos da Linguagem**, v. 9, n. 2, p. 151-168, 2006.

MILANEZ, NILTON. A dessubjetivação de Dolores - escrita de discursos e misérias do corpo-espaço. **LING.– Est. e Pesq**, v. 17, n. 2, p. 367-390, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade.

In: **Ciênc. Saúde coletiva [on-line]**. 2012, vol.17, n.3, pp.621-626. ISSN 1413-

8123. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000300007>. Acesso em: 04.mar.2022.

MODL, Fernanda de Castro. Interação didática: apontamentos (inter)culturais sobre o uso da palavra e a formação do sujeito aluno. **Revista SCRIPTA**, Belo Horizonte, 1º semestre de 2015a, vol. 19, nº 36, p.117-149.

MOITA LOPES, L. P. da; FABRÍCIO, B. F. Por uma ‘proximidade crítica’ nos estudos em Linguística Aplicada. **Calidoscópico**, 17(4), 2019, 711–723. Recuperado de <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2019.174.03>

MOLON, Suzana Inês. Notas Sobre Constituição do Sujeito, Subjetividade. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 4, p. 613-622, out./dez. 2011.

ORLANDI, Eni P. O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, p. 11-20, 2007.

PALIS JUNIOR, Fauzi. “Nem Caos, nem Cosmos: “Conhecimento” e “Metacsciência” (sobre a possibilidade de uma mente humana). **Ide**, v. 35, n. 54, p. 127-138, 2012.

PENNYCOOK, Alastair. A Linguística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M.C. **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998. cap. 1, p. 23-49

PEREIRA, Maria do Alívio Pessoa Caires. **Identidades, memórias e territorialidades: redes conceituais para se pensar a cultura escolar de alunos do 9º ano em uma escola de Ituaçu-Ba**. Orientadora: Dra. Fernanda de Castro Modl. 218 f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. 2023.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. 2003. **Por uma linguística crítica: linguagem identidade e questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial. ISBN 85- 88456- 13-3. Pp.144.

ROCHA, Vilmar do Nascimento. **Representações didático-discursivas dos sujeitos inseridos no processo de escolarização na modalidade EJA EAD: um olhar para o Sesi como locus da pesquisa**. Orientador: Diógenes Cândido de Lima. 160 f. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2018.

UESB. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens, s.d. Disponível em <http://www2.uesb.br/ppg/ppgcel/>. Acesso em 15.abr.2023.

## APÊNDICE 1 – TCLE

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Caro(a) estudante,

Este documento é um CONVITE para que você participe da pesquisa intitulada **“UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DE VULNERABILIDADES PSICOLÓGICAS ENFRENTADAS POR PÓS-GRADUANDOS E SUAS REVERBERAÇÕES NO PROCESSO DE PESQUISA E ESCRITA DA DISSERTAÇÃO”** do Programa de Pós-Graduação em Cultura, Educação e Linguagens – PPGCEL, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, com o estudo, eu procuro investigar possíveis vulnerabilidades psicológicas na sua jornada enquanto mestrando(a) do PPGCEL e no que elas impactam no seu processo de escrita, qualificação e defesa pública da dissertação de mestrado.

Assim, caso você escolha participar da pesquisa, estaremos juntos em um momento de interlocução virtual via *google meet*. Este momento será para que você verbalize sobre seu processo de construção de sua pesquisa até o momento em que se encontra na jornada enquanto mestrando(a). Eu irei observar você, enquanto conversamos, gravar nossas roda de conversa e, também, fazer anotações em um caderno chamado diário de campo.

As gravações e respostas ficarão armazenados em local apropriado e colocados à disposição por um período de cinco anos, passado esse período, o material será destruído. Ao final da pesquisa, os resultados serão utilizados para a construção de minha dissertação de mestrado e publicado para livre acesso de todos. Esclareço, ainda, que a pesquisa não terá nenhum custo para você. As imagens e também o seu nome não serão divulgados de forma alguma e pode ficar tranquilo(a) que o estudo não oferece riscos. Você também pode parar, a qualquer momento, de participar da pesquisa.

Qualquer dúvida, pode entrar em contato comigo pelo número (77) 98818-7772 ou pelo e-mail [drl\\_@hotmail.com](mailto:drl_@hotmail.com), podendo tirar suas dúvidas sobre a pesquisa agora ou a qualquer outro momento.

Conto, desde já, com a sua participação para junto(a)s trabalharmos em prol da nossa educação! Esteja certo(a) de que a pesquisa tem como objetivo apenas contribuir para uma educação cada vez melhor e a sua aceitação é o primeiro passo para isso. Caso você concorde em colaborar, por favor, assine no local abaixo reservado, declarando assim o seu consentimento livre e esclarecido.

Desde já, agradeço por sua atenção,

---

Assinatura do colaborador da pesquisa

Vitória da Conquista-Bahia, 20 de novembro de 2022.